



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO — UNIVASF
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EXTENSÃO RURAL — PPGE_xR

LUANA BATISTA DE ALENCAR

INTERVENÇÕES SOCIOTÉCNICAS DE RECAATINGAMENTO:
A experiência da comunidade Malhada da Areia, Juazeiro/BA

JUAZEIRO/BA

2025

LUANA BATISTA DE ALENCAR

INTERVENÇÕES SOCIOTÉCNICAS DE RECAATINGAMENTO:

A experiência da comunidade Malhada da Areia, Juazeiro/BA

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF, *Campus* Espaço Plural, Juazeiro-BA, como requisito para obtenção do título de Mestre.

Linha de pesquisa I: Identidade, Cultura e Processos Sociais

Orientador(a): Prof^a. Dra. Cristiane Moraes Marinho

Coorientador: Prof.^o Dr. Denes Dantas Vieira

JUAZEIRO/BA

2025

*"Ser caatingueiro/a é mais
do que simplesmente habitar na Caatinga;
é ter a sensibilidade de compreender,
entender e se considerar parte
essencial do ciclo que mantém
esse bioma vivo."*

Luana Batista de Alencar

Alencar, Luana Batista
A368i Intervenções Sociotécnicas de Recaatingamento: a experiência da comunidade
Malhada da Areia / Luana Batista de Alencar. – Juazeiro-BA, 2025.
xii; 131 f.: il. 29 cm.

Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) Universidade Federal do Vale do
São Francisco, Espaço Plural, Juazeiro, 2025.

Orientadora: Dra. Cristiane Moraes Marinho.

1. Recaatingamento. 2. Bioma Caatinga. 3. Fundo de Pasto. 4. Semiárido. 5.
Extensão Rural. I. Título. II. Marinho, Cristiane Moraes. III. Universidade Federal do
Vale do São Francisco.

CDD 581.5

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EXTENSÃO RURAL - PPGE_xR**

FOLHA DE APROVAÇÃO

LUANA BATISTA DE ALENCAR

**INTERVENÇÕES SOCIOTÉCNICAS DE RECAATINGAMENTO: A EXPERIÊNCIA DA
COMUNIDADE MALHADA DA AREIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Extensão Rural, nível Mestrado Profissional, na Linha de Pesquisa: IDENTIDADE, CULTURA E PROCESSOS SOCIAIS, como requisito da obtenção do título de Mestre em Extensão Rural.

Aprovado(a) em: 27 de fevereiro de 2025.

Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente
 **CRISTIANE MORAES MARINHO**
Data: 24/03/2025 19:56:06-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Cristiane Moraes Marinho – PPGE_xR/UNIVASF

Documento assinado digitalmente
 **CLERISON DOS SANTOS BELEM**
Data: 02/04/2025 15:11:14-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me. Clérison dos Santos Belém – IRPAA

Documento assinado digitalmente
 **MONICA APARECIDA TOME PEREIRA**
Data: 24/03/2025 19:48:00-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Monica Aparecida Tomé Pereira– UNIVASF

AGRADECIMENTOS

Diariamente, agradeço a Deus pelos acontecimentos da minha vida, pelas coisas simples, pelos livramentos e pelas vitórias, as quais são muitas. No entanto, os agradecimentos aqui têm um sabor especial. Esse está diferente. Hoje, agradeço por esta conquista, que representa um dos maiores desafios que resolvi enfrentar. Posso dizer que, ao mesmo tempo, em que foi desafiador, também foi uma grande aventura. Não foi fácil, mas, como dizia minha amiga Geovana Gomes, “sou a preferida de Deus”.

Apesar dos obstáculos dessa jornada acadêmica, Ele, que sempre cuida de mim, fez com que essa caminhada fosse menos pesada. Colocou no meu caminho as melhores pessoas que eu poderia desejar: a Turma R7, a melhor turma do Mestrado em Extensão Rural, disso tenho certeza. Foi nessa turma que conheci as baianas da minha vida (Luci, Silvanda, Mirele, Lívia, Gleyde, Brunna, Maria Helena e Juçana), não posso deixar de fora minha pernambucana com conexões baiana, Carol. Se hoje estou aqui agradecendo, é porque vocês não soltaram minha mão. Vocês me ajudaram e me incentivaram a me manter firme nessa caminhada.

Quando digo que sou a preferida de Deus, é porque me sinto abençoada o tempo todo. Minha jornada no mestrado foi guiada pela melhor orientadora do programa, e não estou exagerando. Ela é, de fato, a melhor. Gratidão, Cristiane Marinho, por todos os ensinamentos, orientações e dedicação. Obrigada pela paciência comigo, pois sei que também não é fácil para os orientadores mergulharem nessa jornada de ensino e aprendizagem. Sou grata por você ter me escolhido como orientanda e pelas valiosas contribuições na condução deste trabalho.

Agradeço também à minha família, especialmente à minha mãe, Luiza Batista, que sempre me incentivou e se dedicou a contribuir da melhor forma possível para minha formação profissional.

Gratidão ao meu parceiro na vida, Paulo Alencar, por abdicar dos nossos finais de semana juntos, o sacrifício valeu a pena.

Ao meu primo Péricles Delmondes, obrigada por abrir as portas da sua casa e me acolher durante essa jornada.

Ao meu amigo Mikael Glemes, que me incentivou e me conduziu no processo seletivo para ingressar no mestrado, muito obrigada amigo.

Aos colegas da Turma R7, pelas discussões em sala de aula, pelos momentos

descontraídos e pelo rico aprendizado coletivo, deixo aqui meu reconhecimento.

Ao IRPAA e a toda sua equipe, que aceitaram o desafio de contribuir com esta pesquisa, meus sinceros agradecimentos.

À Comunidade Tradicional de Fundo de Pasto de Malhada da Areia, gratidão por aceitarem e se disponibilizarem a desenvolver esta pesquisa. Sem vocês, nada disso seria possível. Obrigada por ser exemplo no trabalho de conservação e preservação da nossa querida Caatinga.

À UNIVASF e o PPGExR, por todo conhecimento construído, adquirido e por possibilitar a realização de pesquisas que possam estar contribuindo de fato com as comunidades rurais e com as populações do campo.

À FAPESB pela bolsa, pois esse apoio financeiro propiciou a realização dessa pesquisa.

À banca examinadora da minha qualificação e defesa, Clérison Belém e prof.^a Monica Tomé, pelas valiosas contribuições para minha pesquisa, gratidão.

RESUMO

Esta pesquisa teve o objetivo analisar o processo do Recaatingamento na Comunidade Tradicional de Fundo de Pasto Malhada da Areia, Juazeiro/BA, ação desenvolvida pelo Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA). Metodologicamente tratou-se de uma pesquisa qualitativa com objetivo descritivo e o procedimento técnico utilizado foi a pesquisa participante. A coleta de dados se deu por meio de entrevistas semiestruturadas e metodologias participativas. Desse modo, foram entrevistados/as oito pessoas, sendo dois colaboradores/as do IRPAA e seis moradores da comunidade Malhada da Areia, todos envolvidos/as no processo do Recaatingamento. Quanto as metodologias participativas, elas ocorreram com um grupo focal de 10 pessoas. A construção dos dados desta pesquisa utilizou os seguintes métodos e instrumentos: pesquisa bibliográfica, por meio de livros, teses, dissertações, artigos etc.; pesquisa documental, a partir do Estatuto e Acordo coletivo da comunidade; observação participante; entrevistas em profundidade, através das falas, áudios e transcrições. Para analisar o corpus da pesquisa utilizou-se o método de análise de conteúdo, a partir da análise categorial ou temática. Por meio desta pesquisa foram sistematizados os fundamentos teóricos-metodológicos do Recaatingamento, descrito sua trajetória histórica na comunidade, caracterizado as estratégias de manejo adotadas e apontado os seus limites e possibilidades. Os resultados revelam que Recaatingamento não apenas recupera áreas degradadas, mas também se configura como uma ferramenta de resistência territorial e fortalecimento comunitário, contribuindo para a manutenção da Caatinga em pé e a garantia dos direitos territoriais das comunidades tradicionais. Desta forma, a experiência da Malhada da Areia representa um modelo harmonioso e replicável, apontando para a necessidade de políticas públicas que reconheçam e fortaleçam iniciativas comunitárias externas à conservação do bioma e à autonomia das populações locais. Por fim, o trabalho apresenta como produto final a produção audiovisual de um curta-metragem, um mini documentário apresentando a experiência do Recaatingamento da comunidade estudada.

Palavras-chave: Recaatingamento; Bioma Caatinga; Fundo de pasto; Semiárido; Extensão Rural.

ABSTRACT

This research had the aim of analyzing the reforestation process in the Caatinga biome in the traditional community of Fundo de Pasto Malhada da Areia in Juazeiro-BA, an action taken by the Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA). Methodologically, it was a qualitative research which had a descriptive goal and the technical procedure conducted was the participatory research. The data collection was done through semi-structured interview and participatory methodology. Thus, eight people were interviewed, two of them being employees of IRPAA and six of them being residents of the Malhada da Areia community, all of them have been involved in the reforestation process of the Caatinga biome. In regard to the participatory methodologies, they took place in a focus group of ten people. The data structuring of this research utilized the following methods and instruments: bibliographical research from books, dissertations, articles, et cetera.; documental research from the statute and the collective agreement of the community; participant observation; in-depth interviews, from talks, audios and transcriptions. The content analysis method was used to analyze the research corpus, from categorical or thematic analysis. Through this research the theoretical-methodological foundations of the reforestation process in the Caatinga biome were systematized, its historical record in the community was described, categorizing the forest management strategies and indicating its limits and possibilities. The results shows that the reforestation process in the Caatinga biome not merely recovers degraded areas, but also qualifies as a tool for territorial resistance and community strengthening, contributing to the maintenance of the Caatinga biome as well as guaranteeing the territorial rights of traditional communities. Therefore, the experience in the Malhada da Areia community represents a harmonious and replicable model pointing to the need for public policies that recognize and strengthen community initiatives external to the conservation of the biome and the autonomy of local populations. Lastly, this article presents an audiovisual production of a short movie as its final work, a short documentary portraying the reforestation experience in the studied community.

Keywords: Reforestation, Caatinga Biome, Fundo de Pasto, Semi-arid, Rural Extension.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – MAPA DO RECORTE DO SEMIÁRIDO BRASILEIRO E DO BIOMA CAATINGA	19
FIGURA 2 – PAISAGEM DO BIOMA CAATINGA NA TRANSIÇÃO DO PERÍODO DE CHUVA PARA O PERÍODO DE ESTIAGEM.....	20
FIGURA 3 – FLORA DA CAATINGA	21
FIGURA 4 – LOCALIZAÇÃO DAS COMUNIDADES DE FUNDO DE PASTO NA BAHIA.	26
FIGURA 5 – ÁREAS DE ATUAÇÃO DO RECAATINGAMENTO.	31
FIGURA 6 – MAPA INDICANDO AS ÁREAS DE ATUAÇÃO DO RECAATINGAMENTO.	33
FIGURA 7 - MAPA DE LOCALIZAÇÃO DO TERRITÓRIO DO SÃO FRANCISCO/BA.....	37
FIGURA 8 - CRITÉRIOS DE INCLUSÃO DOS/AS PARTICIPANTES.....	40
FIGURA 9 – APRESENTAÇÃO DOS GRUPOS CATEGORIZADOS PARA ANÁLISE DE DADOS.	50
FIGURA 10 - APLICAÇÃO DAS METODOLOGIAS PARTICIPATIVAS.	51
FIGURA 11 - LINHA DO TEMPO DA COMUNIDADE MALHADA DA AREIA	52
FIGURA 12 - MATÉRIA SOBRE A VISITA DO MMA E ONU NA COMUNIDADE MALHADA DA AREIA.....	56
FIGURA 13 - MOSAICO DE IMAGENS DURANTE A VISITA DO MMA, ONU E GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA.	57
FIGURA 14 - MAPA DAS TECNOLOGIAS SOCIAIS INSTALADAS NA MALHADA DA AREIA.	59
FIGURA 15 - TRADICIONAL NOVENA REALIZADA NA COMUNIDADE	62
FIGURA 16 – TRADIÇÃO E FÉ: MISSA DO VAQUEIRO NA COMUNIDADE MALHADA DA AREIA.	63
FIGURA 17 - CATEGORIAS TEMÁTICAS DO EIXO 1.....	65
FIGURA 18 - CATEGORIAS TEMÁTICAS DO EIXO 2.....	73
FIGURA 19 - IMAGENS DE TECNOLOGIAS NA ÁREA ISOLADA DO RECAATINGAMENTO	86
FIGURA 20 - TECNOLOGIAS SOCIAIS IMPLANTADAS NAS UNIDADES FAMILIARES	87

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – NÚMERO DE COMUNIDADES TRADICIONAIS DE FUNDO E FECHO DE PASTO	27
QUADRO 2 – DADOS DOS/AS PARTICIPANTES DA COMUNIDADE ENTREVISTADOS/AS	41
QUADRO 3 – DADOS DOS COLABORADORES DO IRPAA ENTREVISTADOS	42
QUADRO 4 – TIPOLOGIA DA ENTREVISTA UTILIZADA NESTA PESQUISA.	44
QUADRO 5 – SÍNTESE E CORRELAÇÃO ENTRE OBJETIVOS ESPECÍFICOS E INSTRUMENTOS ..	45
QUADRO 6 – MATERIAL DAS ENTREVISTAS COM A COMUNIDADE.....	47
QUADRO 7 – MATERIAL DAS ENTREVISTAS COM COLABORADORES DO IRPAA.	47
QUADRO 8 – RELAÇÃO ENTRE OS DOCUMENTOS ANALISADOS E OS OBJETIVOS DA PESQUISA.....	99

ABREVIATURAS E SIGLAS

ATER – Assistência Técnica e Extensão Rural

CAATINGA – (ONG) Centro de Assessoria e Apoio aos Trabalhadores e Instituições Não-Governamentais Alternativas

CHAPADA – (ONG) Centro de Habilitação e Apoio ao Pequeno Agricultor do Araripe

CTFP – Comunidades de Tradicionais de Fundo de Pasto

EP – Educação Popular

FACIAGRA – Faculdade de Ciências Agrárias de Araripina

FAPESB – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia

GRH – Gerenciamento de Recursos Hídricos

IRPAA – Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada

PCT – Povos e Comunidades Tradicionais

SAAE – Serviço Autônomo de Água e Esgoto

SAB – Semiárido Brasileiro

SEPROMI – Secretaria de Promoção da Igualdade Racial e dos povos e comunidades tradicionais

TSSF – Território do Sertão do São Francisco

UASB – Upflow Anaerobic Sludge Blanket

Sumário

1. INTRODUÇÃO	13
2. FUNDAMENTOS TEÓRICOS	17
2.1 SEMIÁRIDO E CAATINGA: CARACTERIZAÇÃO	17
2.2 COMUNIDADES TRADICIONAIS DE FUNDO DE PASTO.....	22
2.3 RECAATINGAMENTO E SUA RELAÇÃO COM OS PROCESSOS DE INTERVENÇÕES SOCIOTÉCNICAS BASEADOS NA EDUCAÇÃO POPULAR	28
3. CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	35
3.1 TIPO E CARACTERIZAÇÃO DE PESQUISA.....	35
3.2 LÓCUS DA PESQUISA	37
3.3 PARTICIPANTES	39
3.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	42
3.5 SISTEMATIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	46
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	49
4.1 CARACTERIZAÇÃO GERAL DA COMUNIDADE COM BASE EM SUA TRAJETÓRIA HISTÓRICA.....	50
4.2 RECAATINGAMENTO NA COMUNIDADE: O QUE REVELAM OS DADOS E A PESQUISA DE CAMPO.....	63
5. PRODUTO FINAL ORIGINÁRIO DA PESQUISA.....	110
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	114

1. INTRODUÇÃO

A principal motivação para pesquisar essa temática está relacionada diretamente com a experiência de vida da pesquisadora. Natural de Araripina, interior de Pernambuco, filha de professora da rede municipal e pai agricultor e, até o momento, a única filha graduada, entre três irmãos.

Desde cedo, deixei a casa dos meus pais, para morar na sede do município, na casa de familiares, com o objetivo de estudar. Entre as oportunidades que surgiram, cursei Engenharia Agrônoma (2009–2013) na Faculdade de Ciências Agrárias de Araripina — FACIAGRA. Durante a graduação, identifiquei-me cada vez mais com as disciplinas voltadas para a extensão rural de base agroecológica. Nessa perspectiva, escolhi esse enfoque para meu Trabalho de Conclusão de Curso, no qual pesquisei os impactos positivos da cisterna calçadão para as famílias agricultoras.

Em novembro de 2012, iniciei o trabalho no CHAPADA — Centro de Habilitação e Apoio ao Pequeno Agricultor do Araripe, onde comecei no setor administrativo, alimentando sistemas e colaborando com as capacitações de GRH — Gerenciamento de Recursos Hídricos. Essa experiência reforçou meu encantamento pela extensão rural voltada para agricultura familiar.

Após a conclusão da minha graduação, trabalhei como prestadora de serviço para o CAATINGA — Centro de Assessoria e Apoio aos Trabalhadores e Instituições Não-Governamentais Alternativas, na Chamada Pública de ATER, acompanhando 58 famílias agricultoras no Período de 2014–2017, esse trabalho foi muito importante para minha formação profissional, acumulando valiosas trocas de experiências que me moldaram ao que sou hoje.

Encerrando a Chamada pública, tive a oportunidade de contribuir como técnica de campo no Projeto Agricultura Familiar e Inclusão Social no Piauí, executado pelo CHAPADA, esse foi um projeto ATER direcionada para famílias agricultoras impactadas pelo complexo eólico Chapada do Piauí, este, teve duração de 18 meses, agosto de 2018 a março de 2020, durante esse período foram realizadas várias atividades coletivas como também visitas individuais as unidades de produção familiares, objetivando apresentar alternativas e estratégias de convivência com o semiárido. No final do projeto foi implantada uma feira da agricultura familiar, garantindo um espaço de comercialização para os produtos das famílias.

Por último colaborei com o CHAPADA, de outubro de 2020 a março de 2023,

no Projeto Recupera Caatinga, dessa vez, um projeto diferente do que já havia trabalhado antes. Esse foi mais específico, com direcionamento ambiental, mas toda bagagem que vim adquirindo ao longo da minha carreira profissional me ajudaram a desenvolver esse trabalho, desempenhando atividades voltadas para restauração florestal em comunidades quilombolas no sertão do São Francisco/PE.

Partiu do Recupera Caatinga o interesse no mestrado. Porém, como bolsista da FAPESB — Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia, precisei mudar o local da minha pesquisa. Assim, busquei algo no mesmo direcionamento do Recupera Caatinga, e foi aí que me identifiquei com o Recaatingamento.

O Recaatingamento, desenvolvido pelas comunidades tradicionais em parceria com Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA), é uma metodologia que busca a conservação e preservação ambiental, e a mitigação da desertificação no bioma Caatinga por meio do uso consciente dos bens naturais.

A comunidade tradicional de Fundo de Pasto Malhada da Areia tem sido acompanhada pelo IRPAA nessa iniciativa, que almeja não apenas a restauração ambiental, mas também promover processos formativos de educação contextualizada, a melhoria das fontes de renda das famílias e o fortalecimento da relação entre conservação ambiental e desenvolvimento local.

Dessa forma, a pesquisa busca responder à seguinte questão: como ocorre o Recaatingamento na comunidade Malhada da Areia?

Hipoteticamente, considera-se que o Recaatingamento tem contribuído para a construção do conhecimento e o empoderamento das famílias da comunidade Malhada da Areia, Juazeiro/BA, ao longo das ações desenvolvidas.

Com o objetivo de responder a esse questionamento, a pesquisa tem como objetivo central analisar o processo de Recaatingamento na comunidade Malhada da Areia, em Juazeiro/BA, por meio de uma abordagem qualitativa. Especificamente, busca-se:

- Descrever a trajetória histórica do Recaatingamento na comunidade;
- Identificar os fundamentos teóricos-metodológicos que perpassam o Recaatingamento na comunidade;
- Caracterizar as estratégias de manejo que tem sido adotadas e/ou superadas nos agroecossistemas do Recaatingamento;
- Apontar os limites e possibilidades de utilização do Recaatingamento a partir da experiência dessa comunidade.

As comunidades tradicionais de Fundo de Pasto possuem um histórico de cuidado e valorização do uso da terra, mas também enfrentam desafios decorrentes das transformações socioambientais. Por isso, torna-se essencial intensificar projetos de assessoria técnica de base agroecológica que promovam o bem-estar das populações locais, a conservação do bioma Caatinga e a mitigação dos impactos ambientais causados pelo uso inadequado dos recursos naturais.

Diante do aumento da degradação no bioma Caatinga, que gera sérios prejuízos à fauna e flora local e causa desequilíbrios nos ecossistemas, seja pelo desmatamento, pelas queimadas para uso da terra, pela contaminação do solo e da água devido ao uso de insumos químicos ou pela criação de animais sem manejo adequado, torna-se imprescindível estabelecer estratégias e técnicas de conservação da vegetação nativa e recuperação de áreas degradadas. Para isso, a participação ativa das comunidades é essencial na implementação de práticas que promovem o Bem Viver¹ e que garantam a restauração dos ecossistemas.

Nesse sentido, esta pesquisa é relevante para a comunidade, pois apresenta um panorama sobre o desenvolvimento do Recaatingamento na comunidade Malhada da Areia, permitindo que as famílias envolvidas reflitam sobre os desafios e os resultados alcançados. Além disso, o estudo contribui para a academia ao divulgar conhecimentos sobre as interações entre sociedade e meio ambiente, demonstrando as transformações promovidas pelo Recaatingamento.

Para o Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural — PPGExR, esta pesquisa reforça a relação entre a universidade e as comunidades rurais, ao inserir pós-graduandos em campo, favorecendo a compreensão dos processos sociais locais e dos projetos desenvolvidos na região. A disseminação dos resultados poderá incentivar a produção de mais estudos sobre essa temática, destacando os impactos positivos do Recaatingamento na qualidade de vida das famílias e na valorização dos saberes e práticas tradicionais voltadas à preservação ambiental.

Esta dissertação está organizada em cinco capítulos além da introdução, todos interconectados que, juntos, compõem a base analítica e reflexiva desta pesquisa.

Inicialmente veio a introdução, delineando as motivações que impulsionaram

¹ “O Bem Viver [...], diz respeito a uma forma de vida baseada em pequena escala, de maneira sustentável e equilibrada, sendo esse o caminho necessário para assegurar uma existência digna para todos, bem como para a preservação da espécie humana e do planeta. Seu fundamento está nas relações de produção autônomas, renováveis e autossuficientes (Acosta, 2019, p. 7). ”

esta investigação, abordando as questões iniciais, os problemas a serem explorados, e os objetivos gerais e específicos do estudo. Posteriormente é apresentado os **Fundamentos teóricos** que sustenta a pesquisa, incluindo uma breve caracterização do semiárido e do bioma Caatinga, as dinâmicas das comunidades tradicionais de fundo de pasto, o conceito de Recaatingamento, e sua relação com os processos de intervenções sociotécnicas fundamentadas na educação popular.

Logo seguidamente, são apresentados os **Caminhos Metodológicos**, esse capítulo descreve detalhadamente os procedimentos metodológicos adotados ao longo do estudo. Ele abrange a caracterização do tipo de pesquisa, o contexto em que foi realizada (lôcus da pesquisa), os participantes envolvidos, os instrumentos de coleta de dados utilizados, bem como os processos de sistematização e análise dos dados.

Depois os **Resultados e Discussão**, são apresentados e discutidos os principais achados da pesquisa, trazendo os aspectos que articulam os achados identificados na pesquisa de campo como também na análise documental sobre o processo de Recaatingamento. Aqui, os dados coletados são interpretados à luz dos objetivos estabelecidos, proporcionando uma compreensão mais aprofundada das práticas e impactos do Recaatingamento na comunidade estudada.

Na sequência, apresenta-se o capítulo dedicado ao Produto Final, que detalha a produção audiovisual do minidocumentário **"Recaatingamento na Malhada da Areia: Vida, Resistência e Convivência com o Semiárido"**. Esse curta-metragem surge como uma proposta inovadora para registrar e difundir as experiências, os desafios e as conquistas da comunidade de Malhada da Areia no processo de Recaatingamento, valorizando suas vivências e saberes.

Por fim, o último capítulo, esse dispõe as **Considerações Finais**, sintetizando as principais descobertas e contribuições da dissertação. Este segmento oferece uma reflexão abrangente sobre os resultados obtidos, avaliando-os em relação aos objetivos propostos, às questões problematizadas e às metodologias empregadas ao longo do estudo.

2. FUNDAMENTOS TEÓRICOS

2.1 SEMIÁRIDO E CAATINGA: CARACTERIZAÇÃO

O Semiárido Brasileiro (SAB) é composto por 1.477 municípios, distribuídos nos estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Espírito Santo, Maranhão, Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe. Sua área total é de 1.335.298 km², correspondendo a cerca de 15% do território brasileiro. A delimitação técnica e científica do Semiárido considera os seguintes critérios: precipitação pluviométrica média anual igual ou inferior a 800 mm, índice de Aridez de Thornthwaite igual ou inferior a 0,50, e percentual diário de déficit hídrico igual ou superior a 60% ao longo do ano, conforme estabelecido pela Resolução CONDEL/SUDENE n.º 176, de 3 de janeiro de 2024 (Brasil, 2024).

O SAB é considerado o semiárido mais chuvoso do mundo, entretanto, isso não implica necessariamente em segurança hídrica, pois um de seus principais desafios é a alta taxa de evaporação, superior à taxa de precipitação. Essa característica faz com que grande parte da água das chuvas seja rapidamente perdida para a atmosfera, acentuando os períodos de seca. Além disso, a variabilidade temporal e espacial das chuvas gera incertezas quanto ao período de ocorrência das precipitações, demandando estratégias adaptativas de convivência com essa realidade climática (Malvezzi, 2007).

Segundo o Relatório Final da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (2021), a região recebe, em média, 2.800 horas de sol por ano, com temperaturas médias variando entre 23°C e 27°C, podendo chegar a 40°C. A evaporação anual atinge cerca de 2.000 mm, enquanto a umidade relativa do ar oscila em torno de 50%. No que se refere à composição geológica, 70% do território do Semiárido está sobre a formação cristalina (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, 2021).

Para além dos aspectos climáticos e edafoclimáticos, o Semiárido se caracteriza por uma rica diversidade cultural. Como destaca Malvezzi (2007, p. 9): “O Semiárido brasileiro não é apenas clima, vegetação, solo, sol ou água. É povo, música, festa, arte, religião, política, história. É processo social. Não se pode compreendê-lo de um ângulo só.”

Esse olhar evidencia que o Semiárido Brasileiro é uma região de grande riqueza sociocultural e ambiental, sendo habitado por populações que desenvolveram

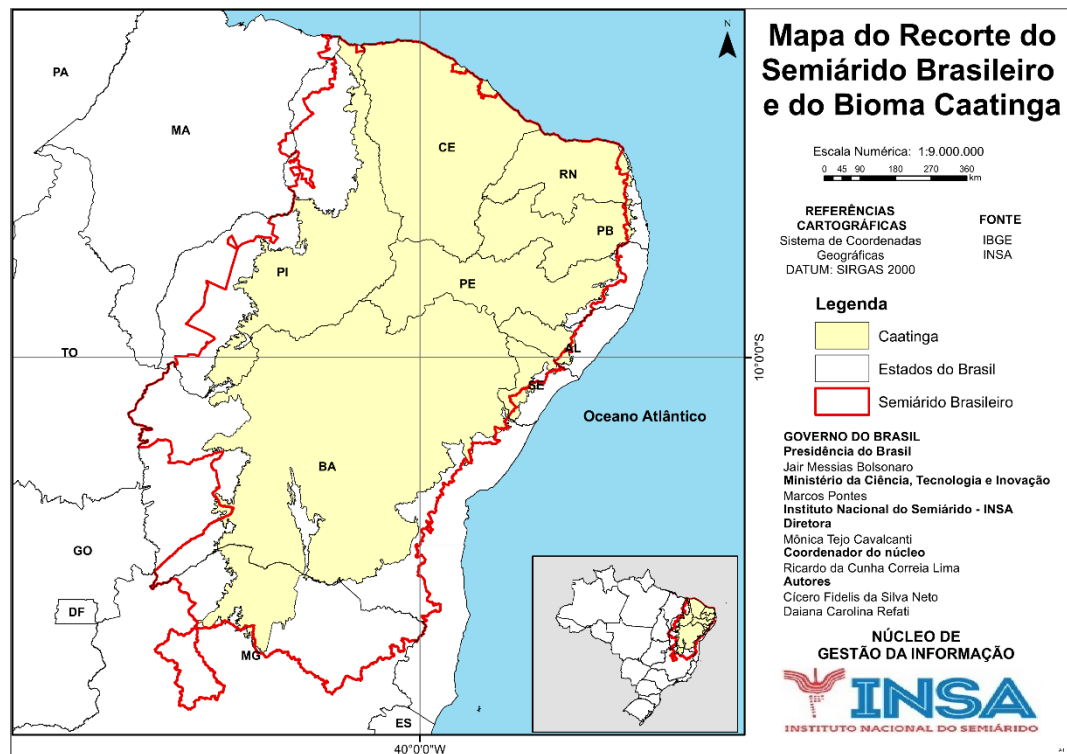
um profundo conhecimento sobre a convivência com esse ecossistema, fundamentado em práticas tradicionais de manejo e preservação dos bens naturais. Entre os ecossistemas que compõem o Semiárido Brasileiro, destaca-se a Caatinga, um bioma exclusivamente brasileiro, que cobre aproximadamente 70% do território do Nordeste e 10,1% do território nacional, estando presente em 1.209 municípios, com predominância em 1.095 (IBGE, 2024).

A riqueza ecológica da Caatinga está diretamente relacionada às suas condições climáticas e ambientais. Além de possuir um elevado grau de endemismo, com espécies vegetais e animais exclusivas desse bioma, sua biodiversidade reflete a variação entre diferentes fitofisionomias, que vão desde áreas mais úmidas, com vegetação densa, até regiões áridas, dominadas por espécies adaptadas à seca prolongada (Brasil, 2005).

No entanto, as características climáticas do semiárido impõem desafios à manutenção desse ecossistema. A precipitação anual varia entre 400 e 800 mm, ocorrendo de forma concentrada e irregular ao longo do ano (Articulação do Semiárido Brasileiro, 2015 apud Alencar & Marinho, 2023), enquanto a evapotranspiração potencial se mantém elevada, alcançando entre 1.500 e 2.000 mm anuais. Esse desequilíbrio hídrico agrava a escassez de água e torna a região especialmente suscetível à desertificação (Antunes *et al.*, 2022).

A Figura 1 a seguir, foi elaborada com dados do IBGE e mostra o mapa do Semiárido Brasileiro e sua interface com o Bioma Caatinga, ressaltando a importância da região para a compreensão da dinâmica ambiental e social do Nordeste.

Figura 1 – Mapa do Recorte do Semiárido Brasileiro e do Bioma Caatinga.



Fonte: Instituto Nacional do Semiárido-INSA (2021).

No Semiárido, o mapa revela a sobreposição com o Bioma Caatinga, ocupando grande parte desse território, abrangendo áreas onde o déficit hídrico é mais intenso e a vegetação é mais adaptada à escassez de água.

A combinação de baixa disponibilidade hídrica, altas taxas de evapotranspiração e solos de baixo potencial produtivo torna esses ecossistemas particularmente vulneráveis à desertificação, evidenciando a sensibilidade ambiental da região.

A Figura 2 a seguir apresenta elementos característicos da paisagem do bioma Caatinga, como a disposição vegetal.

Figura 2 – Paisagem do bioma Caatinga na transição do período de chuva para o período de estiagem.

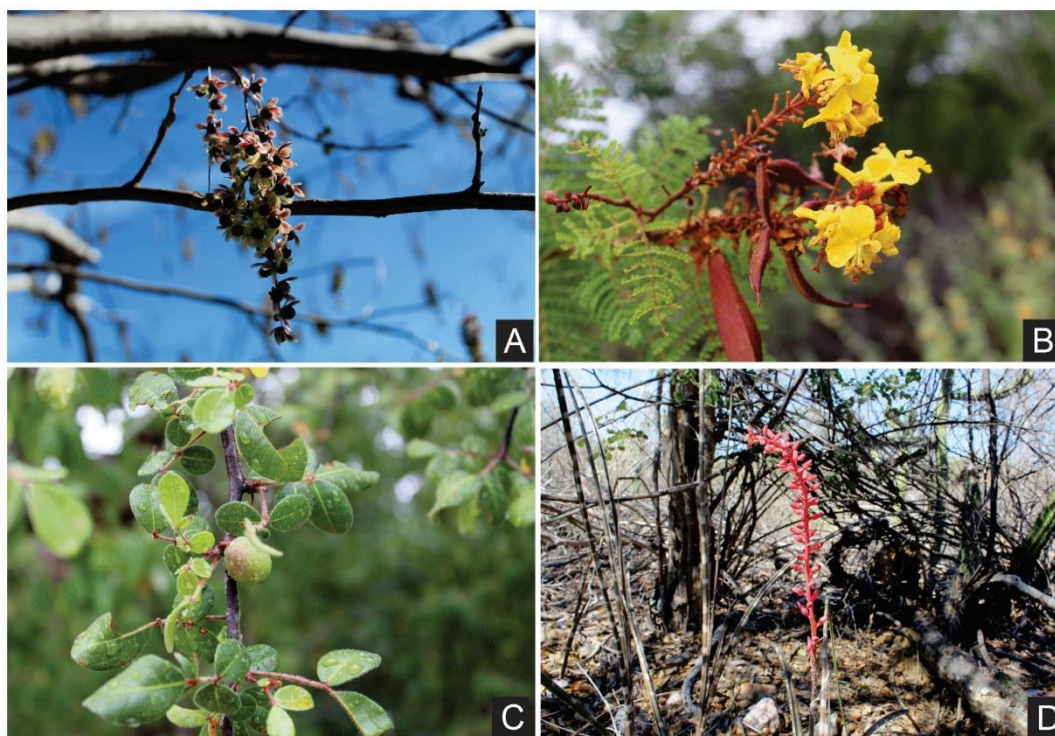


Fonte: Dados da autora (2022).

A Figura 2 ilustra a paisagem típica da Caatinga no início do período de estiagem, registrada no município de Santa Maria da Boa Vista–PE, em julho de 2022. Na imagem evidencia-se uma vegetação arbustiva dispersa, com baixa densidade entre as plantas e poucas folhas, características que demonstram a adaptação das espécies às condições edafoclimáticas da região. A presença de cactáceas reforça a resiliência da flora da Caatinga, marcando a transição do período chuvoso para a fase seca.

As condições climáticas adversas, somadas às características do solo, que predominantemente são rasos e de baixa fertilidade, e à gestão desordenada dos bens naturais, intensificam os desafios ambientais enfrentados pelo bioma. A degradação da vegetação nativa compromete o equilíbrio ecológico da região, ameaçando a biodiversidade e acelerando o risco de extinção de diversas espécies que compõem esse ecossistema único (Araujo; Souza, 2011). Seguidamente a Figura 3, apresenta um mosaico da flora da Caatinga, destacando a diversidade de espécies que compõem esse bioma único, evidenciando sua riqueza ecológica.

Figura 3 – Flora da Caatinga.



Fonte: Dados da autora (2022).

Mesmo apresentando desequilíbrios nos seus ecossistemas, a Caatinga é um bioma resiliente, também dispõe de características que permitem sobreviver as condições adversas do meio, disponibilizando de uma vegetação com plantas xerófilas² e caducifólias³, com fauna e flora únicas, composta por uma vasta biodiversidade, rica em recursos genéticos. Sua vegetação é constituída por espécies lenhosas, herbáceas, cactáceas e bromeliáceas, como mostram as figuras 2 e 3.

Nesse sentido, a Figura 3 dispõe um conjunto de quatro imagens que destacam a biodiversidade da flora da Caatinga, mostrando uma pequena porção do mosaico que esse Bioma representa. A imagem **A**, exibe a flora da *Astronium urundeuva*, popular aroeira. Na imagem **B**, *Cenostigma microphyllum*, catingueirinha; **C** destaca

² Refere-se a plantas que se adapta a ambientes secos ou com pouca disponibilidade de água. Possuem características morfofisiológicas que lhes permitem sobreviver em condições de estresse hídrico. (Raven, *et al.*, 2001).

³ São as plantas cujas folhas caem em determinadas épocas do ano, geralmente em períodos secos ou frios. Isso ocorre como estratégia de adaptação para conservar água durante períodos de estresse hídrico ou temperaturas extremas. (Raven, *et al.*, 2001).

a *Commiphora leptophloeos*, umburana de cambão e a imagem **D** revela *Neoglaziovia variegata*, conhecida como caruá, a bromélia que embeleza o sertão.

Estima-se que pelo menos 932 espécies já foram registradas para a região, das quais 380 são endêmicas (Washington, 2007).

O bioma abriga ainda uma variedade de fitofisionomias, incluindo áreas mais úmidas e altas, com vegetação mais robusta. Esse mosaico ambiental permite a existência de uma fauna diversa, composta por cerca de 1.307 espécies de animais, das quais 327 são endêmicas. (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, 2018).

Além de sua rica diversidade de espécies vegetais, a Caatinga também se destaca por sua impressionante fauna, com 276 espécies de formigas, 386 de peixes, 548 de aves, 183 de mamíferos e contém 40 espécies de lagartos, 7 espécies de anfisbenídeos (espécies de lagartos sem pés), 45 espécies de serpentes, 4 de quelônios, 1 de Crocodylia, 44 anfíbios anuros e 1 de Gymnophiona (Instituto Brasileiro de Florestas, s.d)

Dos principais animais que pertencem a este bioma, estão: ararinha-azul, sapo-cururu, onça-parda, macaco-prego, asa-branca, cotia, tatu-bola, sagui-do-nordeste, preá, tatu-peba, veado-catingueiro, guigó-da-caatinga e jacaré-de-papo-amarelo.

Esses dados ressaltam o papel da Caatinga como um dos ecossistemas semiáridos mais biodiversos do mundo (Antunes; *et. al.*, 2022).

Apesar da riqueza em biodiversidade, a Caatinga sofre com a gestão desregulada dos bens naturais. Nesse sentido, é importante adotar medidas para mitigar os impactos já causados aos ecossistemas desse bioma. É necessário implementar estratégias para preservar e conservar essa riqueza, promovendo práticas que proporcione o equilíbrio dos ecossistemas para garantir uma Caatinga que disponibilize bem-estar a todos que estão inseridos e fazem parte dela.

2.2 COMUNIDADES TRADICIONAIS DE FUNDO DE PASTO

Os Povos e Comunidades Tradicionais (PCT) representam uma riqueza sociocultural essencial para o desenvolvimento equilibrado, ao estarem intrinsecamente ligados aos modos de uso harmonioso dos bens naturais do território que ocupam e à preservação da biodiversidade. Diante disso, é fundamental dedicar

especial atenção e cuidado aos PCT, bem como aos elementos que compõem sua identidade, incluindo aspectos patrimoniais, culturais e artísticos populares.

Vale ressaltar que nos últimos anos, os PCT do Brasil têm desempenhado um papel de destaque no debate sobre questões importantes, como soberania alimentar, sustentabilidade na relação entre sociedade e natureza, direitos humanos e territoriais, entre outras temáticas relevantes (Oliveira *et al.*, 2021).

Conforme o Decreto n.º 6.040, de 7 de fevereiro de 2007, os Povos e Comunidades Tradicionais (PCT) são “grupos culturalmente diferenciados, que possuem condições sociais, culturais e econômicas próprias, mantendo relações específicas com o território e com o meio ambiente no qual estão inseridos” (Brasil, 2007, p. 1). No geral, essas características diferem do modelo de desenvolvimento econômico mercadológico.

Segundo a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial — SEPPIR, 2015, os grupos são divididos em:

[...] quilombolas, ciganos, povos indígenas, povos de matriz africana, seringueiros, castanheiros, quebradeiras de coco-de-babaçu, comunidades de fundo de pasto, comunidades de terreiro, faxinalenses, pescadores artesanais, marisqueiras, ribeirinhos, vargeiros, caiçaras, praieiros, sertanejos, jangadeiros, açorianos, campeiros, vazanteiros, pantaneiros, caatingueiros, pomerano, entre outros. (Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, 2015 *apud* Oliveira *et al.*, 2021, p. 109).

Nesse contexto, é fundamental destacar que o Brasil abriga uma ampla e rica diversidade de Povos e Comunidades Tradicionais (PCT), cada qual com características singulares que expressam suas identidades culturais e modos de vida. Entre esses grupos, este estudo direciona seu foco às Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto, representadas pela comunidade investigada nesta pesquisa. Assim, o trabalho se propõe a apresentar uma breve explanação ressaltando sua importância histórica e relevância para o contexto social e ambiental.

O histórico das Comunidades de Tradicionais de Fundo de Pasto (CTFP) começou no período da criação das sesmarias (sistema de distribuição de terras implantado no Brasil pela Coroa Portuguesa). De acordo com Cotrim (1991, p. 32), “a sesmaria se origina na Bahia em 1549, quando Tomé de Souza, governava a Bahia na época, concedeu inicialmente a Garcia D’Ávila e posteriormente a Antônio Guedes de Brito grandes extensões de terra”.

Os dois se tornaram latifundiários e criadores de gado do Brasil colonial e imperial. Para dar conta das grandes expansões de terra, foram sendo construídos currais ao longo do rio, e foi aí onde os vaqueiros e suas famílias se estabeleceram, ali trabalhavam para os sesmeiros, mas também passaram a plantar e cultivar alimentos para suprir a demanda de suas famílias.

As divisões das terras não tinham cercas e fazendas foram se formando ao longo dos rios, sendo assim o gado não ficava preso e sim solto na Caatinga. Entre uma fazenda e outra havia uma légua de terra devoluta “terra de ninguém” que servia como divisa, evitando confusão entre os rebanhos.

O fundo de pasto é uma forma, exclusivamente baiana, que aborda o modo de vida das comunidades tradicionais. Por meio de ligações de laços de sangue ou de compadrio, grupos organizados foram formando pequenas comunidades em meio a caatinga. Os grupos desenvolvem várias atividades, sendo a principal delas, a criação de pequenos animais, bode e ovelha. Os animais são criados em sistema extensivo ou solto. As áreas de pastagem não podem ser cercadas individualmente, os animais ficam livres para se alimentar e buscarem água a distâncias geralmente grandes, essas áreas de pasto são de uso coletivo. A dinâmica é de todos usarem, mas ninguém pode se apropriar das áreas nem das fontes de água, o que é apropriado individualmente é a produção, não os meios de produção, toda a comunidade zela pelo desenvolvimento do rebanho, pelas aguadas e instalações comuns. (Ehli, 1997).

Com a chegada do “desenvolvimento” da técnica da irrigação, juntamente com ações do Governo militar no país, foi dado início ao processo de expansão territorial por meio do alargamento da fronteira agrícola. Com esse processo, espaços que eram vistos como “atraso” passaram a ser visto com outros olhos e desejados pelo capital. Áreas que eram consideradas inaptas para desenvolver trabalhos na agricultura, transforam-se em espaço almejados para ações do capital, isso, somando a tecnologia ao desejo político concretizado nas agroindústrias que ali foram implantadas, sendo que a produção era voltada para o mercado externo. Para aumentar a valorização desses estabelecimentos, foram construídas rodovias (Alcântara; Germani, 2010).

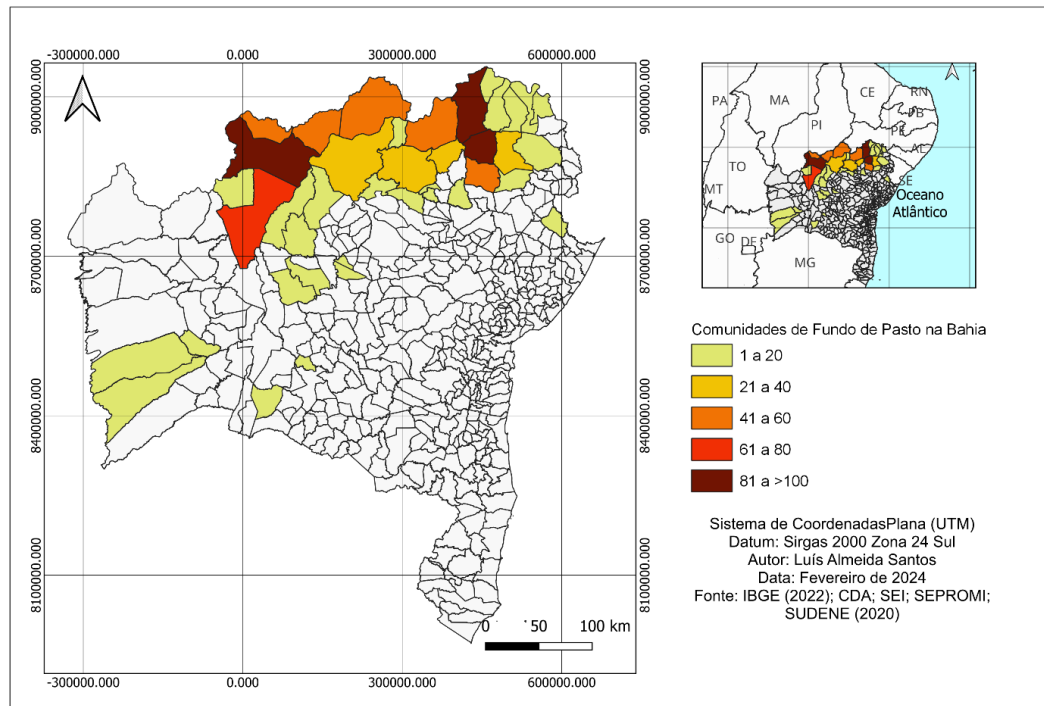
Alcântara e Germani (2010, p. 46), destacam ainda que, “as terras de uso comum passaram a ser ameaçadas pela valorização que ocorreu no lugar. Começa assim a luta pela resistência na terra e pelo direito de se reproduzir enquanto camponês”.

Carvalho (2008), em sua dissertação, apresenta relatos e comparações com outros estudos que destacam uma característica fundamental das Comunidades de Fundo de Pasto: a forte relação de solidariedade e reciprocidade entre as comunidades vizinhas que compartilham esses espaços. Nessas comunidades, não há a apropriação individual dos bens naturais, o que fortalece a cooperação e o uso coletivo dos recursos. Além disso, o autor ressalta a importância da forma de organização e da defesa do sistema produtivo adotado, que visa à preservação do bioma. Esse modelo de gestão busca evitar a degradação ambiental, ao mesmo tempo em que garante a diversidade produtiva por meio da criação de pequenos e médios animais, da agricultura familiar e do extrativismo. Tais práticas não apenas promovem o equilíbrio ecológico e a autonomia das comunidades, mas também fortalecem modos de vida que garantem o bem viver no semiárido, assegurando a reprodução da vida em harmonia com o território.

Vale destacar que as Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto são eminentemente do estado da Bahia. O reconhecimento legal desse modelo de organização social veio com a Constituição do Estado da Bahia de 1989, que, em seu Artigo 178, Parágrafo Único, estabelece a possibilidade de concessão do direito real de uso da terra às associações representativas dessas comunidades por meio de acordos formais com o Estado. Esse marco jurídico fortalece a luta dessas populações pelo direito à terra e à permanência em seus territórios, assegurando sua identidade cultural e seus modos tradicionais de produção e convivência com o semiárido.

A Figura 4 ilustra como estão espacialmente distribuídas as comunidades tradicionais de Fundo e Fecho de Pasto no estado da Bahia.

Figura 4 – Localização das Comunidades de Fundo e Fecho de Pasto na Bahia.



Fonte: Elaborado por Santos (2024), a partir do IBGE (2022); CDA; SEI; SEPRMI; SUDENE (2020).

Nesse sentido, cabe destacar que os Fechos de Pastos são uma variação dos Fundos de Pasto. Ferrado Junior (2008) discorre que:

Dentro da diversidade dos FP, um nome diferente prevaleceu como categoria associada, por ter características próprias. Trata-se dos "fechos de pasto". Nos fechos predominam bovinos, como disse um agente pastoral da região de Bonfim: "No FP reina o bode, no fecho reina o boi" (padre de Bonfim, técnico da CPT). Em outra versão, a diferença principal entre fundo e fecho seria a quantidade de água disponível. Os fechos têm grotas úmidas e até riachos permanentes. Como disse uma liderança da região do Piemonte do Itapicuru, "fecho é o FP com água" (Ferrado Junior, 2008).

Nesse contexto, Ferrado Junior (2008) destaca uma diferenciação importante dentro da diversidade das Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto (FP): a existência dos Fechos de Pasto, que, embora façam parte da mesma lógica comunitária de uso coletivo da terra, apresentam características específicas que os distinguem dos Fundos de Pasto "clássicos".

Outro ponto que podemos ressaltar, é a diferenciação expressa tanto na composição do rebanho quanto nas condições ambientais. A expressão "No FP reina

o bode, no fecho reina o boi” sintetiza, de forma simbólica, essa distinção, indicando que, nos Fundos de Pasto, predominam os caprinos, animais mais adaptados a ambientes secos e à vegetação típica da caatinga. Já nos Fechos de Pasto, observa-se uma presença mais marcante de bovinos, que exigem maior disponibilidade de água e pastagens mais úmidas.

O quadro 1 a seguir apresenta dados relacionados ao quantitativo de comunidades Tradicionais de Fundo e Fecho de Pasto certificadas na Bahia.

Quadro 1 – Distribuição do número de comunidades Tradicionais de Fundo e Fecho de Pasto certificadas pela SEPRONI, por território de identidade na Bahia.

Território	Fundo de pasto	Fecho de pasto
Bacia do Rio Corrente	8	46
Bacia do Rio Grande	1	-
Chapada Diamantina	6	6
Irecê	33	3
Itaparica	30	1
Litoral Norte Agreste Baiano	1	-
Piemonte da Diamantina	6	1
Piemonte Norte do Itapicuru	91	1
Semiárido Nordeste II	3	-
Sertão Produtivo	3	4
Sertão do São Francisco	563	-
Sisal	58	-
Sudoeste Baiano	-	12
Velho Chico	85	8
TOTAL	888	82
	970	

Fonte: Elaborado pela autora, a partir dos dados da Secretaria de Promoção da Igualdade Racial e dos povos e comunidades tradicionais – SEPRONI⁴ (2025).

Os dados apresentados no Quadro 1 revelam que há um total de 970 comunidades tradicionais de Fundo e Fecho de Pasto Certificadas na Bahia, sendo 888 classificadas como Fundo de Pasto e 82 como Fecho de Pasto.

O Sertão do São Francisco destaca-se amplamente como o território com maior número de comunidades de Fundo de Pasto, com 563 registros, o que representa aproximadamente 63% do total dessa categoria. Isso indica uma forte tradição comunitária de uso da terra nessa região, possivelmente associada à sua extensão territorial ao longo do Rio São Francisco.

Nesse contexto, cabe destacar que é nesse território que se localiza a

⁴ Secretaria de Promoção da Igualdade Racial e dos Povos e Comunidades Tradicionais – SEPRONI. Dados fornecidos por e-mail por Adinael Martins (adinael.martins@sepromi.ba.gov.br) em 09 abr. 2025. Salvador: SEPRONI, 2025.

comunidade Malhada da Areia, objeto de estudo desta pesquisa, situada na região de Juazeiro, no norte do estado. Essa comunidade integra a realidade socioterritorial das comunidades tradicionais que mantêm práticas de uso coletivo dos bens naturais e modos de vida historicamente construídos.

O Velho Chico aparece em segundo lugar, com 85 comunidades de Fundo de Pasto e 8 de Fecho de Pasto, seguido do Piemonte Norte do Itapicuru, com 91 de Fundo de Pasto, embora conte apenas com uma de Fecho de Pasto.

O território do Sisal apresenta 58 comunidades de Fundo de Pasto, mas nenhuma de Fecho de Pasto registrada. Isso também evidencia um predomínio desse tipo de organização comunitária em áreas de semiárido, onde a lógica do uso coletivo dos bens naturais é uma estratégia de convivência com o meio.

Por outro lado, territórios como o Sudoeste Baiano apresentam exclusivamente comunidades de Fecho de Pasto (12 no total), sem registros de Fundo de Pasto, o que pode refletir diferentes formas de apropriação e manejo territorial.

Alguns territórios, como o Bacia do Rio Grande, Litoral Norte Agreste Baiano e Semiárido Nordeste II, apresentam poucos registros, com 1 a 3 comunidades de Fundo de Pasto e nenhuma de Fecho de Pasto.

É importante destacar também a significativa diferença numérica entre as duas categorias: o número de comunidades de Fundo de Pasto é mais de dez vezes maior do que o de Fecho de Pasto, o que demonstra o predomínio desse modelo de organização coletiva no estado.

Além disso, é fundamental ressaltar que essas comunidades são reconhecidas e certificadas oficialmente pela SEPROMI – Secretaria de Promoção da Igualdade Racial e dos Povos e Comunidades Tradicionais, órgão responsável por mapear, registrar e apoiar políticas públicas voltadas a esses grupos, reforçando sua identidade sociocultural e seus direitos territoriais.

2.3 RECAATINGAMENTO E SUA RELAÇÃO COM OS PROCESSOS DE INTERVENÇÕES SOCIOTÉCNICAS BASEADOS NA EDUCAÇÃO POPULAR

O Recaatingamento pode ser compreendido como um processo que surge a partir das intervenções sociotécnicas de uma organização denominada Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada – IRPAA, com sede localizada em

Juazeiro, no Norte da Bahia. É uma organização da sociedade civil, constituída por meio de assembleia geral em 1990. Realiza atividades de Assessoria Técnica e Extensão Rural (ATER) no semiárido brasileiro. Seu foco principal é a promoção do desenvolvimento equilibrado entre o homem e a natureza, com base na Convivência com o Semiárido sob a perspectiva da Agroecologia e sua missão é a formação e valorização da pessoa humana, através da consolidação da Convivência com o Semiárido, visando alcançar o Bem Viver e plena qualidade de vida. (Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada, s.p).

Nesse contexto, as ações desenvolvidas pelo IRPAA visam a promoção de práticas agroecológicas de convivência com o semiárido, educação contextualizada, valorização de jovens e mulheres, empoderamento das famílias agricultoras, sustentabilidade econômica dos empreendimentos da agricultura familiar e organização da produção para venda. Esses aspectos são essenciais para fortalecer e tornar autossuficientes as famílias do campo, buscando alcançar uma qualidade de vida harmoniosa com o ambiente.

No âmbito das ações extensionistas executadas pelo IRPAA, estas são realizadas por meio de intervenções sociotécnicas⁵, Marinho; Wizniewsky; Picolotto (2022), deixam claro em sua pesquisa, que o IRPAA tem desenvolvido princípios metodológicos para a extensão rural, com o objetivo de superar abordagens difusionistas, hierarquizadas e exógenas.

Nessa perspectiva, a metodologia que o IRPAA vem desenvolvendo remete-se à A concepção de Educação Popular⁶ (EP).

Paludo (2015), relata que:

“A concepção de Educação Popular (EP) como campo de conhecimento e como prática educativa se constituiu em exercício permanente de crítica ao sistema societário vigente, assim como de contra hegemonia ao padrão de sociabilidade por ele difundida. Construída nos processos de luta e resistência das classes populares, é formulada e vivida, na América Latina, enquanto uma concepção educativa que vincula explicitamente a educação e a política, na busca de contribuir para a construção de processos de resistência e para a emancipação humana, o que requer uma ordem societária que não seja a regida pelo capital” (Paludo, 2015, p. 220).

⁵ Todo projeto que visa transformar a sociedade por meio da prática de uma intervenção ou assistência técnica, distanciando-se das ideologias dominantes que naturalizam vulnerabilidades e estruturas de injustiças (Kleba *et al.*, 2022).

Compreende-se assim, que o IRPAA usa uma abordagem pedagógica horizontal que busca emancipar as famílias através da construção do conhecimento. Para isso, a organização utiliza as metodologias participativas como ferramenta para melhor abordar e conhecer as potencialidades, necessidades e realidades do seu público alvo, considerando as especificidades culturais, econômicas e sociais de cada comunidade e a partir daí traçar as melhores estratégias junto aos participantes de cada projeto para alcançar seu objetivo.

O Recaatingamento foi proposto como uma metodologia em 2009, após observações feitas por mulheres agroextrativistas do umbuzeiro, que perceberam uma redução na regeneração natural dessa planta nativa, que afetou diretamente o surgimento de novas árvores. Essa percepção, somada ao fato de que muitos dos umbuzeiros já estavam envelhecidos, evidenciou a necessidade de implementar ações voltadas para o cuidado com a Caatinga. Inicialmente a prioridade passou a ser a recuperação de áreas degradadas e a conservação de áreas preservadas, especialmente por meio do manejo adequado dos animais e da formulação de acordos coletivos sobre o uso racional dos bens naturais.

Nesse panorama, surge o Recaatingamento a partir da integração entre os saberes tradicionais da população local e os conhecimentos científicos, criando uma abordagem agroecológica que se baseia na Convivência com o Semiárido. Com o propósito principal de restaurar áreas degradadas e preservar a Caatinga, visando restabelecer seu estado original. Esse método inclui diversas técnicas adaptadas à realidade socioambiental e produtiva do Semiárido, como a restauração do solo, o manejo da água, a promoção do crescimento de plantas nativas por meio de sementes mistas, a proteção das áreas contra animais domésticos, por meio do isolamento dessas, o desenvolvimento de planos de gestão, implantação de tecnologias sociais e o suporte para atividades como o pastoreio e o extrativismo (Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada, s.d).

Segundo o IRPAA o objetivo geral do Recaatingamento é:

Contribuir com ações de recuperação e conservação de áreas de Caatinga degradadas em comunidades tradicionais de Fundo de Pasto, de maneira a ampliar os benefícios globais quanto à proteção da biodiversidade e à mitigação dos efeitos das mudanças climáticas (Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada, s.d).

O Recaatingamento acontece em estreita colaboração com as comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto, Quilombolas, Indígenas e Assentamentos de Reforma Agrária, visando não apenas a restauração de áreas degradadas, mas também a conservação da Caatinga em seu estado natural. As ações do Recaatingamento são fundamentadas nas linhas de atuação apresentadas na figura 5, estas se inter-relacionam para fortalecer o bem viver e a convivência com o Semiárido.

Figura 5 – Áreas de atuação do Recaatingamento.



Fonte: MORAES, Bruna Silva Ribeiro de (Org.). *Recaatingamento: resiliência produtiva e adaptação às mudanças climáticas*. 8. ed. Salvador, BA: Imburanatec Design, 2024. (Caderno Pró-Semiárido, n. 8). p. 13.

Nesse sentido, a Figura 5 demonstra como se dividem essas ações. No que desrespeito as questões ambientais, busca-se desenvolver práticas de recuperação e conservação de áreas de Caatinga com destaque para o plano de manejo da Caatinga, o isolamento de área para a regeneração induzida da vegetação nativa e práticas de conservação de solo, como a construção de barramento com pedras ou outros insumos disponíveis na comunidade objetivando conter erosões.

No aspecto social, podemos destacar o envolvimento da comunidade com sua participação direta nos processos de Recaatingamento, esse ponto é fundamental para o sucesso das atividades de campo. Um fator crucial nessa linha de ação é a implementação de tecnologia que contribuem com a redução da vulnerabilidade

social, como as tecnologias hídricas que dão suporte nos períodos de estiagem, entre outras que reduzem a demanda de insumo externo e amenizam a pressão na Caatinga, como por exemplo os fogões ecológicos, saneamento rural, sistemas de reuso de água, entre outras tecnologias.

No contexto produtivo, o Recaatingamento envolve a implementação de sistemas conhecidos como Agrocaatingas ou SAF's, que integram práticas agroecológicas adaptadas ao bioma local. Um exemplo é a produção de mel, combinada com o manejo equilibrado de rebanhos caprinos, destacando-se como uma estratégia central tanto para promover o uso racional da Caatinga quanto para assegurar a produção de alimentos saudáveis. Além disso, essas práticas não apenas geram renda, mas também contribuem para fortalecer a segurança alimentar e econômica das famílias participantes.

A metodologia do Recaatingamento abrange ainda, atividades como processos formativos adotando técnicas voltadas para a conservação, recuperação e manejo adequado dos bens naturais, com dias de campo que promovem o intercâmbio de experiências entre as famílias, oficinas que abordam práticas agroecológicas e a preservação da biodiversidade. Essas ações reforçam o compromisso do IRPAA com a valorização dos saberes locais e a promoção de tecnologias sociais adequadas ao contexto do Semiárido, alinhando-se às práticas de convivência e respeito ao meio ambiente. (Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada, s.d).

Para compreensão da abrangência territorial do Recaatingamento no estado da Bahia, apresenta-se a seguir a Figura 6 indicando as áreas de atuação dessa prática em diferentes territórios.

Figura 6 – Mapa indicando as áreas de atuação do Recaatingamento.



Fonte: Dados do Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (2024).

Atualmente o Recaatingamento está sendo desenvolvido em 4 territórios do estado da Bahia, Território Itaparica, no município de Abaré; Território Sertão do São Francisco, nos municípios de Canudos, Uauá, Curaçá, Sobradinho, Sento Sé, Casa Nova, Remanso, Campo Alegre de Lourdes, Pilão Arcado e Juazeiro, que é o Locus dessa pesquisa; Território Piemonte da Chapada da Diamantina, no município de Mirangaba; por fim o Território do Itapicuru, nos municípios de Campo Formoso, Andorinha e Jaguarari.

Nesse contexto, o Recaatingamento está acontecendo em 15 municípios, 40 Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto aceitaram o desafio de recuperar áreas degradadas e conservar o bioma Caatinga, estas são acompanhadas através do Recaatingamento.

A preservação do bioma Caatinga e de outros ecossistemas são essenciais para garantir a qualidade de vida no planeta. A atual crise ambiental, causada pela má gestão dos bens naturais e pelas altas emissões de gases poluentes tem contribuído para as mudanças climáticas. Isso acelera a desertificação, a destruição de habitats e a perda de biodiversidade em todo o mundo. Essa mudança climática é um alerta para mudarmos nossas práticas destrutivas para a um olhar mais sensível e de mais cuidado com os biomas.

Nessa perspectiva, o IRPAA explana que “o Recaatingamento é uma metodologia de intervenção agroecológica baseada nos princípios da Convivência com Semiárido que oferece os meios necessários para a mitigação dos efeitos da

desertificação e das mudanças climáticas” (Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada, s.d).

3. CAMINHOS METODOLÓGICOS

3.1 TIPO E CARACTERIZAÇÃO DE PESQUISA

Este trabalho se caracteriza como pesquisa de abordagem qualitativa, que usa métodos de investigar e entender a natureza de um fenômeno social, desse modo podendo classificar as dinâmicas e processos vivenciados por grupos sociais, (Richadson, 2012), permitindo uma compreensão detalhada dos fenômenos estudados, explorando o ponto de vista dos participantes, levando em consideração o contexto social, cultural e histórico no lócus da pesquisa, buscando entender as experiências e significados atribuídos ao fenômeno estudado. Desse modo a pesquisa qualitativa usa métodos múltiplos, diversos que são interativos e humanísticos (Creswell, 2007).

Com relação aos seus objetivos a pesquisa se caracteriza como explicativa, com o propósito apontar os fatores que definem e contribuem com a ação do fato ocorrido, e nesse sentido se aprofunda no conhecimento da realidade, pois sua finalidade é explicar a razão e o porquê das coisas (Gil, 2017). Dessa forma, explicando os fenômenos observados, identificando as variáveis independentes e dependentes e estabelecendo as relações entre elas.

Esta pesquisa caracteriza-se também como estudo de caso, segundo Yin (2001; 2005, p. 132):

"O estudo de caso é uma inquirição empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, quando a fronteira entre o fenômeno e o contexto não é claramente evidente e onde múltiplas fontes de evidência são utilizadas" (Yin, 2001; 2005, p. 132).

Nesse sentido, essa metodologia permitiu fazer uma análise detalhada sobre o Recaatingamento contextualizando como esse processo ocorre, capturando sua complexidade e nuances que perpassam dentro da comunidade.

Quanto aos procedimentos técnicos, este estudo abarcou as pesquisas bibliográfica, documental e pesquisa participante.

A respeito da pesquisa bibliográfica, essa teve como base materiais já publicados, nesse trabalho foram utilizados, livros, teses, dissertações, artigos científicos e conteúdos disponíveis na internet que envolvem a temática sobre

semiárido, Caatinga, Recaatingamento, comunidade tradicional de Fundo de Pasto e Educação Popular. Sousa; Oliveira; Alves (2021, p. 2), mencionam que, “tal pesquisa, está inserida principalmente no meio acadêmico e tem a finalidade de aprimoramento e atualização do conhecimento, através de uma investigação científica de obras já publicadas”.

Assim como a pesquisa bibliográfica, a pesquisa documental também utiliza dados já existentes, se baseando principalmente em análise de documentos, arquivos públicos ou privados, livros, artigos, cartilhas e relatórios. Desse modo, foi usado como base de dados publicações, materiais e documentos institucionais sobre o Recaatingamento.

A aplicação da pesquisa participante foi fundamental no processo de coleta de dados baseado na colaboração ativa dos membros da comunidade envolvida. Esse modelo de pesquisa, conforme destacado por Gil (2017), parte da ação educativa é fortemente influenciado pelos princípios de Paulo Freire, que valoriza o diálogo, a educação popular e a participação consciente dos indivíduos.

Diferente das metodologias tradicionais, a pesquisa participante não trata os indivíduos da comunidade como receptores passivos de conhecimento, mas sim como coautores no processo de investigação. Nesse contexto, a pesquisadora não apenas pode observar, mas também mediar e facilitar as discussões com a comunidade, permitindo que as famílias compartilhassem suas reflexões sobre o processo de Recaatingamento que vivenciam.

O uso de metodologias participativas permitiu que as famílias definissem, junto à pesquisadora, os problemas e desafios explorados, alinhando a pesquisa à realidade local. Métodos como linha do tempo e diagrama de venn foram empregados a um grupo focal de 10 pessoas, os dados coletados foram construídos de maneira colaborativa e reflexiva.

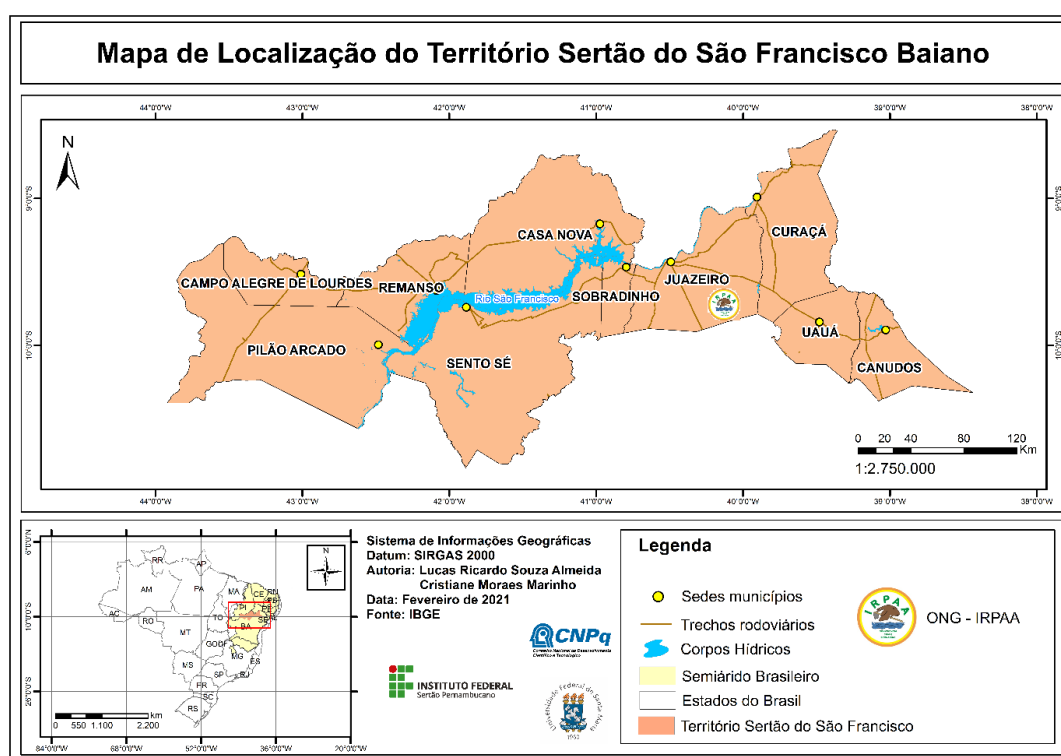
Essa abordagem valoriza as experiências e os saberes locais, enquanto promove a apropriação dos resultados pela própria comunidade. Essa dinâmica é fundamental para garantir a relevância e a aplicabilidade dos achados no contexto local. A pesquisadora atuou como facilitadora, orientando o processo histórico da comunidade e contribuindo em estruturar as discussões, ao mesmo tempo em que adotava uma postura dialógica, característica do trabalho freiriano, integrando o conhecimento científico com o conhecimento empírico dos agricultores e agricultoras.

3.2 LÓCUS DA PESQUISA

A pesquisa foi desenvolvida no Território do Sertão do São Francisco (TSSF/BA), situado no extremo norte do estado da Bahia. Este território abrange uma área significativa de 61.610 km², representando aproximadamente 11% do território estadual. O TSSF/BA é constituído pelos municípios de Campo Alegre de Lourdes, Canudos, Casa Nova, Curaçá, Juazeiro, Pilão Arcado, Remanso, Sento Sé, Sobradinho e Uauá, representados na Figura 7. O TSSF/BA localiza-se predominantemente na região Semiárida e dispõe do bioma Caatinga. O território recebe grande destaque por seus rios e barragens, como a Bacia Hidrográfica do São Francisco e a barragem de Sobradinho (SEI, 2018).

Nessa perspectiva a Figura 7 apresenta os municípios que compõem esse território.

Figura 7- Mapa de localização do Território do São Francisco/BA.



Fonte: Elaborado por Almeida e Marinho (2021) a partir do IBGE (2021).

No que tange aos aspectos econômicos, as principais atividades destacadas são a agropecuária, a indústria e o comércio. É importante ressaltar que a região ao

redor do rio São Francisco recebe uma quantidade significativa de investimentos, especialmente voltados para a fruticultura irrigada convencional. Essa prática, em sua maioria, gera impactos socioambientais negativos. Entretanto, na maior parte do território, as atividades agropecuárias são realizadas em áreas de sequeiro, ou seja, que dependem exclusivamente da chuva. (PTDRS, 2018).

O município de Juazeiro/BA possui população estimada de 237.821 habitantes segundo o censo do IBGE (2022), com área da unidade territorial de 6.721,237 km² (IBGE, 2023) é o mais antigo do território, tem a maior população e apresenta atividade econômica diferenciada, devido à agricultura irrigada. A zona rural do município é composta predominantemente por comunidades de Fundo de Pasto, entre elas destacamos a comunidade Malhada da Areia onde foi desenvolvida esta pesquisa.

A comunidade fica localizada nas coordenadas geográficas 09°33'52.82" S 040°6'37.04" O, aproximadamente 100km da sede do município, a mesma possui uma associação como forma de organização social, a Associação de Moradores, Criadores e Produtores Rurais do Povoado de Malhada da Areia e vizinhança.

Segundo o IRPAA – Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada, os moradores contam que a cerca de 200 anos atrás, a região era chamada de Juramento, o Sr. Senhorzinho casou-se com uma índia, que na época foi pega com ajuda de cachorros, Senhorzinho começou a chamar a localidade de “Malhada da Areia”, pois na região tem muita areia, e é assim conhecida até hoje. A comunidade é formada por cerca de 26 famílias, na sua maioria de idosos, os jovens trabalham fora da comunidade em projetos de irrigação, só retorna para a comunidade aos finais de semana. As crianças se deslocam até a comunidade mais próxima para ter acesso ao ensino básico; o abastecimento de água encana é fornecido pela adutora pública do Serviço Autônomo de Água e Esgoto (SAAE), uma vez por semana, além disso há uma barragem comunitária que geralmente permanece com água durante todo ano; a comunidade tem acesso a energia elétrica e internet. (Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada, 2022).

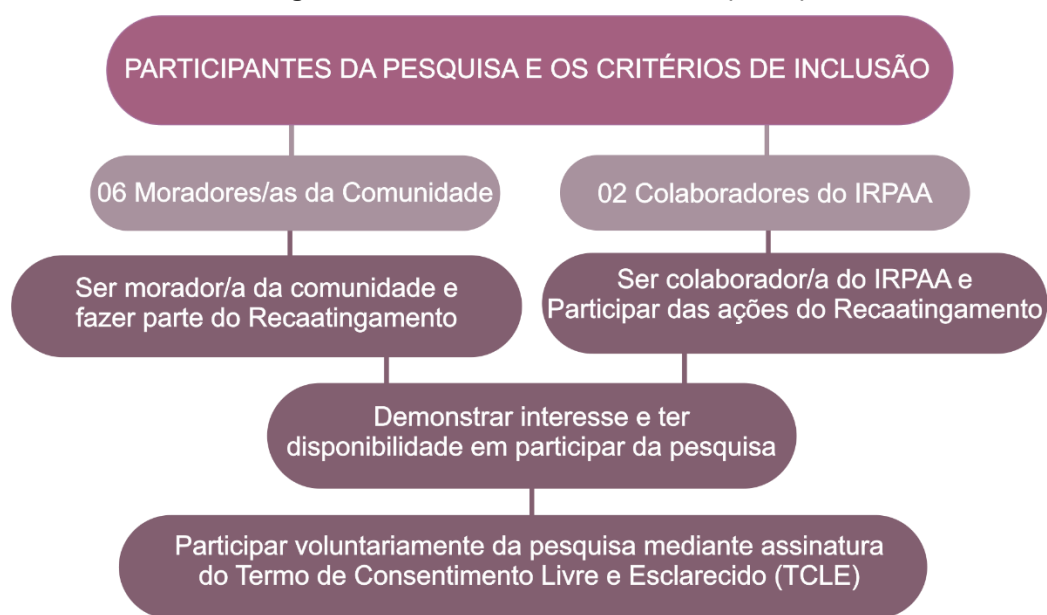
As famílias cultivam crenças religiosas, prevalecendo os festejos da tradição católicos, como: missas, Rodas de São Gonçalo e Reisados, com ênfase ao grupo teatral formado por jovens da região que realizam a encenação da “Via Sacra”. Costumam realizar também provas de laço frequentemente. São organizados coletivamente, por meio do associativismo, a primeira associação da comunidade foi

fundada em 1994, mas não deu seguimento e em 2003 foi criada a atual associação. A geração de renda da comunidade é constituída através da criação de animais de pequeno porte: galinhas caipiras, caprinos, ovinos e suínos, sendo mais abundante a caprinovinocultura, bem como benefícios sociais e previdenciários (novo bolsa e aposentadoria, entre outros). A comunidade vem se despertando para a questão da garantia da segurança alimentar de suas famílias, dessa forma mantém quintais produtivos orgânicos com hortaliças e plantas nativas da caatinga, para o consumo e venda do excedente. É uma comunidade sequeira, com uma área de fundo de pasto parcialmente degradada, conscientes disso, cultivam plantas nativas nos quintais. A área isolada corresponde a 48,58 hectares e o fundo de pasto onde é feito o plano de manejo é de 408,00 hectares. (Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada, 2022).

A comunidade foi sugerida como lócus da pesquisa por apresentar um trabalho do Recaatingamento em um estágio consolidado e por ser um local acessível com relação a localização, isso vem contribuindo no processo de coleta de dados.

3.3 PARTICIPANTES

A coleta de dados empíricos foi realizada com a participação dos moradores da Comunidade Malhada da Areia, localizada na zona rural de Juazeiro/BA, e colaboradores do IRPAA (Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada), todos diretamente envolvidos com o Recaatingamento. Essa composição culminou em uma abordagem abrangente, englobando tanto os conhecimentos locais da comunidade quanto os conhecimentos técnicos e institucionais relacionados à iniciativa. Nesse sentido, a Figura 8 a seguir apresenta de forma clara os critérios de inclusão.

Figura 8 - Critérios de inclusão dos/as participantes.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Na comunidade, os perfis dos participantes incluíram agricultores/as, lideranças comunitárias e outros moradores/as engajados/as no Recaatingamento. As entrevistas com estes/as foram realizadas em suas residências, criando um ambiente familiar e acolhedor, propício para o compartilhamento de experiências e percepções. Já os colaboradores do IRPAA foram entrevistados de forma remota, utilizando a plataforma Google Meet e Google Forms, em um esforço para integrar perspectivas institucionais ao estudo, mesmo diante de limitações geográficas, pois não foi possível conciliar as agendas para que as entrevistas acontecessem presencialmente.

A articulação com a comunidade foi realizada inicialmente por meio do técnico de campo que mobilizou as lideranças para um primeiro momento onde foi apresentado a proposta do projeto de pesquisa, posteriormente, as lideranças fizeram articulação e indicaram os entrevistados, baseando-se no engajamento e na participação das ações do Recaatingamento, esse contato se deu através de ligações telefônicas e mensagens via WhatsApp. Essa abordagem facilitou a construção de um vínculo de confiança entre o pesquisador e os/as moradores/as, e foi essencial para o sucesso das entrevistas e das metodologias participativas. Para manter o sigilo da identidade dos/as participantes, foi atribuído o termo Participante e a numeração de 1 a 6 para identificá-los/as. Nesse sentido, o Quadro 2 aborda os dados dos/das participantes entrevistados/as na comunidade.

Quadro 2 – Dados dos/as participantes da comunidade entrevistados/as.

Entrevistado/a	Sexo	Idade	Escolaridade	Liderança comunitária
Participante 1	M*	34	Segundo Grau Completo	X
Participante 2	F*	43	Fundamental Incompleto	–
Participante 3	M	58	Fundamental Completo	–
Participante 4	F	46	Segundo Grau Completo	X
Participante 5	M	40	Segundo Grau Completo	–
Participante 6	F	32	Segundo Grau Completo	X

* F e M corresponde sexo biológico feminino e masculino, respectivamente.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A seleção dos participantes teve critérios claros, alinhados aos objetivos da pesquisa. O método de saturação teórica foi utilizado para determinar o número de entrevistados, ou seja, as entrevistas foram realizadas até que se observasse a repetição de informações e o esgotamento de novas contribuições relevantes. Isso garantiu uma coleta de dados representativa da experiência comunitária.

Além disso, os critérios de inclusão e exclusão foram aplicados de forma estratégica, considerando aspectos como disponibilidade, engajamento no Reaatingamento e a representatividade em termos de gênero, idade e papel na comunidade, como está representado no Quadro 2.

Inicialmente, o convite foi estendido de maneira ampla, contemplando toda a comunidade. Em seguida, foi feita uma seleção mais criteriosa, buscando garantir a participação equitativa de homens e mulheres, pessoas de diferentes faixas etárias e indivíduos com diferentes níveis de engajamento social, lideranças ou referência dentro do grupo.

Para a aplicação das metodologias participativas, como o grupo focal, foi estabelecido o número de 10 participantes. Esse quantitativo foi pensado estrategicamente, com o objetivo de criar um ambiente íntimo e confiável, onde os/as participantes pudessem se sentir à vontade para compartilhar suas experiências, percepções e memórias. A escolha por um grupo menor favoreceu uma interação mais dinâmica e profunda, promovendo investigação rica e planejada sobre o Reaatingamento e suas implicações na vida comunitária.

A diversidade dentro dos grupos também foi priorizada. A inclusão de diferentes perspectivas de agricultores/as mais experientes a mais jovens da comunidade

proporcionou uma visão ampla das transformações promovidas pelo Recaatingamento, abrangendo desde aspectos ambientais até impactos sociais, produtivos e culturais.

Para a seleção dos colaboradores do IRPAA, além dos critérios de inclusão citado na Figura 8, buscou-se contemplar as esferas, nos aspectos técnicos de campo que acompanho de perto todo processo do Recaatingamento dentro da comunidade como também a diretoria da organização, sem perder o foco na relação com o Recaatingamento, que é a essência deste estudo. A escolha dos entrevistados do IRPAA acabou não contemplando a igualdade de gênero, como mostra o Quadro 3, pois o técnico de campo que acompanha a comunidade é do sexo masculino assim como o diretor da instituição, mas foi possível garantir a diferença de idade entre os dois. Desse modo, o Quadro 3 apresenta os dados dos colaboradores do IRPAA que participaram das entrevistas.

Quadro 3 – Dados dos colaboradores do IRPAA entrevistados.

Entrevistado	Sexo	Idade	Formação	Tempo na Instituição
Atual Presidente do IRPAA	M	54 anos	Pedagogo, Mestre em Extensão Rural	34 anos
Técnico de campo da comunidade	M	25 anos	Bacharel em Administração e Técnico em Agropecuária.	6 anos

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

O processo de seleção começou com a apresentação formal desta pesquisa aos responsáveis pelo Recaatingamento na organização. Nesse momento, os representantes do IRPAA indicaram possíveis nomes de equipe que se alinhassem aos critérios específicos, permitindo que fossem selecionados colaboradores com conhecimento e experiência compatíveis com os objetivos desta investigação.

3.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Na pesquisa qualitativa, o pesquisador utiliza diversas fontes de dados para obter uma compreensão ampla e aprofundada do fenômeno estudado (CRESWELL, 2014). Nesse contexto, os instrumentos de coleta de dados usados neste trabalho são:

- a) A pesquisa bibliográfica;
- b) Pesquisa documental;
- c) Entrevistas semiestruturada e
- d) Metodologias participativas (linha do tempo e diagrama de venn).

A pesquisa bibliográfica desempenhou um papel fundamental neste estudo, sendo realizada por meio da análise de materiais publicados, como livros, revistas, artigos, teses, dissertações e anais de eventos científicos. As fontes foram consultadas em plataformas como CAPES, Google Acadêmico e Scielo, priorizando informações atualizadas e relevantes para a construção e desenvolvimento das discussões sobre a temática abordada. A seleção criteriosa desses materiais foi essencial para embasar os fundamentos teóricos e conceituais que sustentam esta investigação.

Além disso, a pesquisa documental contribuiu significativamente, envolvendo a análise de documentos com diferentes finalidades. Segundo Gil (2008; 2017, p. 35), “dentre os mais utilizados nas pesquisas estão: documentos institucionais, mantidos em arquivos de empresas, órgãos públicos e outras organizações”.

Nesse sentido, a condução desse estudo utilizou uma base de dados composta por materiais e documentos elaborados pelo Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA). Esses documentos ofereceram informações detalhadas sobre os trabalhos desenvolvidos no contexto do Recaatingamento, destacando os referenciais teórico-metodológicos empregados pela organização. Essa abordagem permitiu uma compreensão aprofundada dos métodos e práticas adotadas, oferecendo subsídios valiosos para a análise dos resultados e reflexões sobre os processos envolvidos.

Outro instrumento de coleta de dados refere-se à realização de entrevistas semiestruturadas, esta foi conduzida de forma individual com os colaboradores do IRPAA e os participantes do Recaatingamento da comunidade de Malhada da Areia, em Juazeiro/BA, seguindo um roteiro pré-definido pela pesquisadora, que com a permissão dos/as participantes, foi gravada.

As entrevistas semiestruturadas com os participantes do processo de Recaatingamento na comunidade Malhada da Areia, localizada em Juazeiro/BA, foram realizadas presencialmente e de forma individual. Em contraste, as entrevistas com os colaboradores do IRPAA ocorreram remotamente, utilizando as plataformas

Google Meet e Google Forms. Todas as entrevistas seguiram critérios previamente definidos, conforme descrito na Figura 8. A condução das entrevistas foi guiada por um roteiro elaborado pela pesquisadora, e, com o consentimento dos participantes, elas foram gravadas e transcritas posteriormente.

A entrevista presencial, realizada com os membros da comunidade proporcionaram um ambiente acolhedor, no qual os participantes puderam se sentir confortáveis e expressar suas opiniões de forma espontânea. Esse ambiente contribuiu para a obtenção de informações ricas e detalhadas, essenciais para aprofundar a compreensão do objeto de estudo e garantir a qualidade dos dados coletados. Além disso, destaca-se o papel das lideranças comunitárias, que foram fundamentais na articulação dos/as entrevistados/as, organizando os agendamentos de forma prévia e eficiente.

A tipologia de entrevista empregada neste estudo foi a semiestruturada, descrita por um roteiro previamente elaborado com descritores orientados. A construção de um roteiro bem estruturado é fundamental para garantir a qualidade e a eficácia da entrevista (Gaskell, 2002). Nesse contexto o Quadro 4 a seguir, aborda a tipologia utilizada nas entrevistas desse trabalho.

Quadro 4 – Tipologia da entrevista utilizada nesta pesquisa.

Pesquisa	Questões	Entrevista	Modelo	Respostas
Qualitativa	Abertas	Semiestruturada	Roteiro	Indeterminadas

Fonte: Adaptado pela autora de Santos (2024).

A utilização desse instrumento, proporciona maior tranquilidade aos participantes, maximizando a profundidade da investigação. Gil (2008), define essa ferramenta “como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social.” (Gil, 2008, p. 109).

Segundo Trivinos (1987), a entrevista semiestruturada “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]”, além de garantir a presença ativa do pesquisador durante o processo de coleta de dados (Trivinos, 1987, p. 152).

Quanto as metodologias participativas, estas possibilitam a participação

popular na construção do conhecimento, nessa perspectiva foi fundamental o uso dessas metodologias, uma vez que os participantes são parte do processo do Recaatingamento. Nesse sentido, estas foram realizadas com grupos focais da comunidade.

A metodologia participativa denominada de linha do tempo, proporcionou o resgate de fatos históricos que contribuem para o processo de construção de um diagnóstico do objeto de estudo, que nesse caso foi o Recaatingamento na comunidade Malhada da Areia em Juazeiro/BA.

Com relação à metodologia diagrama de Venn, essa permitiu entender a relação e o grau de importância das organizações e instituições durante o processo do Recaatingamento, e desse modo identificar e compreender quais atores e parceiros estão mais presentes nas ações e atividades desenvolvidas na comunidade.

O Quadro 4 a seguir, é ilustrativo no sentido de relacionar os objetivos com os instrumentos de pesquisa e os dados coletados.

Quadro 5 – Síntese e correlação entre objetivos específicos e instrumentos.

Objetivo específico	Instrumento	Informação extraída
Descrever a trajetória histórica do Recaatingamento na comunidade;	Metodologia participativa: Construção da linha do tempo Pesquisa documental: Materiais elaborado pelo IRPAA sobre o Recaatingamento materiais divulgados no site do IRPAA. Entrevistas semiestruturadas	Informações sobre o histórico do Recaatingamento na comunidade; Informações sobre as ações desenvolvidas pelo Recaatingamento, apontando as principais mudanças que ocorreram na comunidade.
Identificar os fundamentos teóricos-metodológicos que perpassam o Recaatingamento na comunidade;	Pesquisa documental: Documentos, informações referentes a instituição e materiais divulgando suas ações, Estatuto do IRPAA. Entrevista semiestruturada	Estes documentos discorrem sobre informações relacionadas as ações do Recaatingamento. Informações sobre os fundamentos teóricos-metodológicos que perpassam o Recaatingamento na comunidade.
Caracterizar as estratégias de manejo que tem sido adotadas	Pesquisa documental: Recaatingamento elaborado	

e/ou superadas nos agroecossistemas do Recaatingamento;	pela instituição IRPAA e pela comunidade Entrevista semiestruturada Metodologias participativas: Diagrama de Venn.	Informações sobre as estratégias de manejo desenvolvidas nos agroecossistemas do Recaatingamento.
Apontar os limites e possibilidades de utilização do Recaatingamento a partir da experiência dessa comunidade.	Entrevista semiestruturada Metodologias participativas: Diagrama de Venn	Informações sobre as potencialidades e desafios que abarcam à comunidade.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

3.5 SISTEMATIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Os dados obtidos por meio dessa pesquisa são resultantes de variadas fontes de coleta, com intuito de trazer informações de pontos de vista diferentes sobre o mesmo objeto de estudo.

Destarte, essa pesquisa se fundamentou por meio do processo nomeado de triangulação, compreendido por Goldenberg (2004, p. 63) como:

“A combinação de metodologias diversas no estudo do mesmo fenômeno, [...] tem por objetivo abranger a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão do objeto estudado. Parte de princípios que sustentam que é impossível conceber a existência isolada de um fenômeno social” (Goldenberg, 2004, p. 63).

Para analisar os dados compilados provenientes das transcrições das entrevistas e anotações no decorrer da pesquisa campo foi aplicado o método de análise de conteúdo, que segundo Bardin (2016) é:

“Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimento sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativa ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens” (Bardin, 2016, p. 48).

A análise de conteúdo foi constituída por três fases: *pré-análise*, com leituras e releituras dos dados, nessa etapa foi feito a organização dos materiais e sistematização das ideias iniciais; *exploração do material*, esse passo equivale a codificação dos resultados; *tratamento e interpretação dos resultados* adquiridos.

Nesse sentido, as entrevistas foram gravadas com autorização dos entrevistados e posteriormente o material foi transcrito automaticamente pelo Google Colaboratory, com *plugin* do *software Whisper* (responsável pela transcrição dos áudios em texto), sendo esta, uma ferramenta gratuita ofertada pelo Google. Após as transcrições, a pesquisadora fez a escuta minuciosa de todas as entrevistas e foi realizando a correção das palavras transcritas de forma equivocada pela ferramenta ao mesmo tempo em melhorava a pontuação, por fim, foi formatando o texto com fonte Arial, tamanho 12 e espaçamento 1,5.

O Quadro 6 apresentado a seguir, faz uma descrição detalha dos dados obtidos a partir das entrevistas realizadas com a comunidade.

Quadro 6 – Material das entrevistas com a comunidade.

Participante	Tempo de gravação	Número de páginas
6 participantes da comunidade	4 horas	118 páginas

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Nessa mesma perspectiva, o Quadro 7 apresenta uma descrição detalhada dos dados obtidos a partir das entrevistas realizadas com os colaboradores do IRPAA.

Quadro 7 – Material das entrevistas com colaboradores do IRPAA.

Participante	Plataforma usada na entrevista	Tempo de gravação	Número de páginas
Presidente do IRPAA	Google Meet	1 hora e 50 min	34 páginas
Técnico da comunidade	Google Forms	—	8 páginas

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Os Quadros 6 e 7 apresentam a descrição de parte do processo de sistematização das entrevistas, considerando seu formato, tempo e tamanho do documento de sistematização. Ao todo, foram entrevistados 8 participantes, gerando um total de 5 horas e 50 minutos de gravação. Após o processo de transcrição, esse material foi consolidado em 152 páginas de conteúdo detalhado, evidenciando a riqueza e a profundidade dos dados encontrados.

Adicionalmente, uma das entrevistas, realizada via Google Forms, esta resultou 8 páginas, contribuindo para ampliar e diversificar a análise das informações. Vale destacar que essa entrevista realizada pelo Google Forms

seguir o mesmo roteiro da entrevista realizada via Google Meet. Esses dados fornecem uma base sólida para o desenvolvimento das discussões e análises subsequentes, refletindo a relevância das vozes e experiências registradas no contexto da pesquisa.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este capítulo apresenta e analisa os resultados obtidos a partir da pesquisa realizada na comunidade Malhada da Areia, Juazeiro/BA, no âmbito do processo do Reaatingamento. As descobertas foram organizadas de maneira a responder aos objetivos específicos delineados no capítulo da Introdução, proporcionando uma compreensão aprofundada das dinâmicas e impactos do Reaatingamento para a comunidade Acadêmica científica.

Diante disso, elaborou-se uma proposta para sistematizar os resultados obtidos. Primeiramente, são apresentados os resultados a partir das metodologias participativas aplicadas, como a construção da linha do tempo e o diagrama de Venn, que deram origem ao tópico **"Caracterização da Comunidade"**. Em seguida, desenvolve-se um segundo tópico, intitulado **"Reaatingamento na Comunidade: O que Revelam os Dados e as Pesquisas de Campo"**, baseado no material coletado por meio das entrevistas semiestruturadas e observação participante, realizadas com os membros da comunidade e os colaboradores do IRPAA.

A análise de conteúdo foi essencial nesse processo, pois ela explora a subjetividade e reconhece a relação não neutra entre pesquisador, objeto e contexto, mantendo sua validade e rigor científico como uma metodologia bem estruturada, com princípios claros e regras estabelecidas.

Para conduzir a análise de conteúdo e a interpretação dos dados, a pesquisadora fez uso do software Atlas.ti versão 9.1, que facilitou o desenvolvimento de uma codificação sistemática e a categorização das informações obtidos por meio das entrevistas. Este procedimento permitiu uma análise de conteúdo detalhada e organizada, promovendo a identificação de padrões e temas emergentes de forma eficaz.

Como resultado inicial, a análise levou à criação de quatro categorias, conforme ilustrado na Figura 9 a seguir.

Figura 9 – Apresentação dos Grupos categorizados para análise de dados.



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A categorização foi elaborada almejando atender aos objetivos específicos deste trabalho. Para isso, foram definidos quatro eixos, conforme representado na Figura 9. Após uma análise detalhada das entrevistas, os temas principais foram identificados e organizados com base nos aspectos mais relevantes para as áreas de interesse do estudo.

4.1 CARACTERIZAÇÃO GERAL DA COMUNIDADE COM BASE EM SUA TRAJETÓRIA HISTÓRICA.

A caracterização detalhada da comunidade é essencial para compreendermos suas dinâmicas sociais, econômicas, culturais e institucionais. Este tópico foi escrito com base nos resultados obtidos a partir aplicação das metodologias participativas, linha do tempo e diagrama de venn, estes foram construídos juntamente com a participação direta da Comunidade Malhada da Areia. Nesse contexto, a figura 10 representa o momento dessa construção na comunidade.

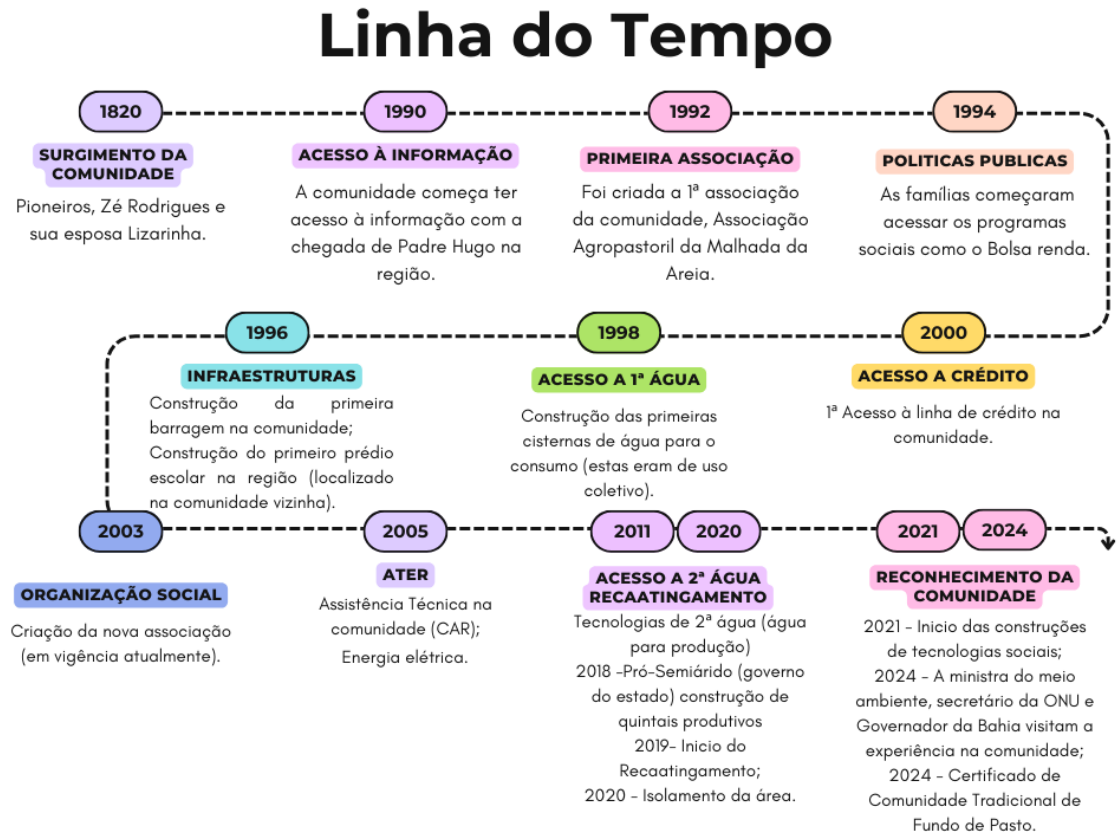
Figura 10- Aplicação das Metodologias Participativas.



Fonte: Dados da Autora (2024)

Para oferecer uma compreensão mais precisa da trajetória histórica da comunidade, a Figura 11 a seguir, ilustra a linha do tempo construída por meio das metodologias participativas aplicadas. Essa representação visual sintetiza os principais marcos e eventos que ocorreram na comunidade Malhada da Areia, facilitando a visualização das etapas e transformações ocorridas ao longo do tempo.

Figura 11 - Linha do Tempo da Comunidade Malhada da Areia



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

É importante ressaltar que a linha do tempo foi construída em conjunto com a comunidade, baseada na memória oral das famílias da Malhada da Areia. Por isso, as datas apresentadas podem corresponder com exatidão aos eventos ocorridos ou, em alguns casos, podem divergir das datas reais.

A Comunidade Tradicional de Fundo de Pasto Malhada da Areia, localizada na zona rural de Juazeiro/BA, é um exemplo de resiliência, organização e preservação cultural. Fundada no início do século XIX, a comunidade trilhou um caminho de adaptações e conquistas, consolidando-se como uma referência em práticas sustentáveis, organização comunitária e tradição cultural.

Seu contexto histórico iniciou em 1820 pelos pioneiros, Zé Rodrigues e sua esposa Lizarinha, (ele oriundo de Pernambuco e ela residia nas margens do Rio São Francisco na região); eles foram os primeiros habitantes da comunidade, seguidos por

outros moradores, como Mané Rodrigues e famílias associadas. Originalmente, os moradores praticavam agricultura familiar e criação de animais, utilizando métodos simples e convivendo nas terras de modo coletivo. Durante muitos anos, a comunidade operou com uma estrutura de terra comum, sem divisão formal de propriedades. Este modelo permitiu o uso coletivo dos bens naturais, fomentando um ambiente de cooperação e compartilhamento entre os moradores.

Na década de 1990, a comunidade começou a ter acesso à informação com a chegada de Padre Hugo, isso, segundo os participantes, foi um marco significativo, pois ele orientou os moradores sobre a importância do registro de terras para garantir a segurança jurídica e evitar conflitos futuros. Em 1993, iniciou-se o processo de divisão das terras anteriores de uso comum, estabelecendo áreas específicas para cada família e promovendo uma maior organização interna. Como observado no depoimento a seguir:

*“Antes aqui era um espaço de todo mundo, tipo, não tinha minha terra a terra de fulano, **era tudo aberto**, era de todo mundo, ninguém tinha documento não. Alguém ia lá escolhia um pedaço e cercava, fazia uma roça, mas era aberto. Em 93 foi que chegou aqui à informação que as pessoas tinham que ter seu próprio terreno, tinham que se dividir tal, e **aí começou através do Padre Hugo**, através do Padre Hugo que chegou aqui em 92. Aqui que era muita falta de informação mesmo. Eles orientaram que tinha que registrar as terras”. (Participante 4, 2024, grifo nosso).*

A comunidade relata que, cada família ficou com sua área definida, mas que a área maior, continua de uso coletivo. Segundo o Participante 5, Padre Hugo aconselhou-os da seguinte forma:

*“Ele orientou o pessoal, que **todo mundo teria que ir para as suas terras**, para passar a ser dono, **para não chegar alguém um dia aqui e tirar todo mundo**. Só que ele, na época, orientou a registrar pouca terra.” “[...] E aí, ele deixou esse terreno da gente aqui. Todo mundo aqui, o pessoal registrava um pedaço de terra, depois o pessoal começou a registrar outro, e ficou aquele pedaço no meio. A orientação que ele dava é que esse daí ia ser para todo mundo. Não usava documento, que ia ser o fundo de pasto. Era coletivo, só que no final alguém chegou dizendo que era dono. Tentou tomar, mas não conseguiu.” (Participante 5, 2024, grifo nosso).*

Nesse sentido, podemos destacar a importância do acesso à informação, que chegou na Malhada da Areia, através do Padre Hugo que por meio das Comunidades

Eclesiais de Bases, orientavam as lideranças comunitárias e davam apoio nas lutas sociais e tomadas de decisões. Desse modo, ele buscou orientar as famílias a registrar legalmente pequenas porções de terra para garantir a posse e, ao mesmo tempo, preservar parte do território para uso coletivo. Essa estratégia visava fortalecer os laços de pertencimento e proteção contra possíveis invasões ou reivindicações externas, sem deixar de lado a questão do cuidado e a conservação da caatinga.

De acordo com Santos e Breuss (2019), o uso da terra em regime de propriedade comum, caracterizado pela ausência de cercas em grandes áreas, tem se mostrado uma das estratégias mais eficazes para a proteção e conservação da Caatinga. Essa prática, amplamente aplicada pelas comunidades tradicionais de Fundo de Pasto no Semiárido, reforça a convivência harmônica entre as famílias e o bioma, promovendo a sustentabilidade dos bens naturais. Os autores ressaltam ainda que:

“Nas comunidades onde as famílias têm menos de cem hectares e as terras são cercadas, a degradação da Caatinga passa dos 80%. Nos anos de seca, essas famílias são as que mais sofrem, pois, sem a vegetação em pé, é praticamente impossível o desenvolvimento sustentável da agropecuária, visto que todos os animais criados e todas as plantas cultivadas são exóticos, vindos de climas diferentes do clima semiárido e que, em qualquer curto período de seca são todos dizimados” (Santos; Breuss, p.139, 2019).

Em consonância com a afirmação dos autores *op. cit.*, em nível local, foi destacado durante a entrevista na comunidade que, *“de um meio tempo para cá a degradação começou, foi depois que o pessoal começou a cercar as suas terras, todo mundo foi fazendo desmatamento das caatingas, tirando as madeiras, aí então veio a degradação”* (Participante 2, 2024).

Para as comunidades tradicionais, sobretudo como o Fundo de Pasto, a convivência com o bioma requer práticas sustentáveis, que vão desde o manejo adequado das espécies nativas até a preservação de espaços coletivos para criação de animais e cultivo de plantas adaptadas. Essa lógica de uso comum contrasta com a fragmentação e cercamento, pois impede a livre circulação de animais e amplia o risco de exploração predatória dos bens naturais.

No âmbito da trajetória da comunidade, esse período foi marcado também pela construção de infraestruturas essenciais, como as casas de farinha, fundamentais para o beneficiamento e processamento de mandioca, que na época era uma das

principais atividades econômicas da comunidade.

Chegando no século XX, a comunidade deu um passo significativo na sua organização interna com a criação da nova Associação Rural, desvinculada da associação anterior na década de 1990. Esta nova entidade teve como foco principal a certificação da comunidade como Comunidade Tradicional de Fundo de Pasto, reconhecendo oficialmente suas práticas tradicionais e direitos territoriais.

A partir do ano de 2005, foram iniciados projetos que beneficiaram a comunidade com tecnologias hídricas, como a construção de cisternas para abastecimento de água, formalizando parcerias com a CAR (Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional) e o IRPAA (Instituto de Pesquisa e Ação em Agroecologia) para assessoria técnica. Essas parcerias foram fundamentais para a implementação de práticas sustentáveis e melhorias nas condições de vida da comunidade.

Entre 2017 e 2019, a comunidade recebeu assessoria técnica do Pró-Semiárido, trabalhando com quintais produtivos, canteiros, galinheiros e sistemas de reutilização de água. Em 2019, iniciou-se o projeto de Recaatingamento, voltado para a conservação ambiental e a sustentabilidade dos bens naturais, embora tenha sido temporariamente interrompido pela pandemia de COVID-19, mas que retornou a todo vapor e vem crescendo na comunidade.

Nos últimos anos, a comunidade tem se destacado quando se fala em Recaatingamento; recebeu visitas de representantes da ONU, Ministério do Meio Ambiente, Governador do Estado e intercâmbios com vários países, consolidando-se como referência regional em práticas sustentáveis e gestão comunitária.

A Figura 12 a seguir, apresenta uma matéria publicada sobre a visita recebida pela comunidade no dia 10 de junho de 2024. O objetivo da visita foi conhecer de perto as práticas locais e as tecnologias sociais implementadas na região, com destaque especial para o Recaatingamento.

Figura 12- Matéria sobre a visita do MMA e ONU na comunidade Malhada da Areia.

Publicado em 11/06/2024 às 9:46



Ministra do Meio Ambiente e ONU conhecem soluções de convivência com a Caatinga

Na busca por estratégias sustentáveis para a convivência com a Caatinga, a Ministra do Meio Ambiente e da Mudança do Clima, Marina Silva, o secretário-executivo da Convenção das Nações Unidas de Combate à Desertificação, Ibrahim Thiaw, e o Governador da Bahia, Jerônimo Rodrigues, visitaram a comunidade de Fundo de Pasto de Malhada da Areia, em Juazeiro. O objetivo da visita, realizada nesta segunda-feira (10), foi conhecer de perto as práticas locais e as tecnologias sociais implementadas na região.

Um dos destaques foi o Projeto Recaatingamento, que demonstra como a recuperação de áreas degradadas e a conservação da Caatinga podem ser alcançadas por meio da colaboração com comunidades tradicionais e agricultores familiares. Essa iniciativa exemplifica a eficácia das práticas sustentáveis e a importância do engajamento comunitário na proteção do bioma Caatinga.

A ministra Marina Silva destacou a importância do trabalho e da parceria entre o governo estadual, o governo federal e, principalmente, os governos municipais com o suporte da comunidade. “É muito bonito ver toda essa experiência de como a gente pode conviver com o semiárido, em vez de ficar com aquela lógica de combater a seca. A gente tem que aprender a manejar, restaurar, preservar e usar com sabedoria, como eu vi aqui, inclusive com o quintal produtivo, fazendo as cisternas de placa, para que a comunidade possa plantar, criar seus pequenos animais, ter uma renda e viver com dignidade nesse espaço abençoado por Deus”, afirmou.

Fonte: <http://www.inema.ba.gov.br/2024/06/ministra-do-meio-ambiente-e-onu-conhecem-solucoes-de-convivencia-com-a-caatinga-durante-visita-a-bahia/> (2024).

A visita contou com a presença de representantes políticos, incluindo a Ministra do Meio Ambiente e o Governador do Estado da Bahia. Durante o evento, a comunidade foi oficialmente reconhecida com o Título de Comunidade Tradicional de Fundo de Pasto, um marco significativo para sua história e identidade. Para os moradores, a visita trouxe não apenas visibilidade, mas também um profundo sentimento de valorização e reconhecimento, como destaca uma das pessoas entrevistadas na comunidade ao compartilhar sua experiência.

[...] “A gente viu que era capaz de ir muito além do que a gente imaginava. Foi o reconhecimento da comunidade. Como eu acabei de falar hoje, a gente já recebeu visitas de vários países, lá de fora, já recebeu a visita da ministra Marina Silva, já recebeu visitado governador e até da ONU. Hoje, temos orgulho de dizer: “A gente é daquela comunidade do interior que conserva e preserva a caatinga.” O pessoal pergunta: “Ah, você é daquela comunidade que preserva, né? Que cuida da caatinga?” Isso é muito bom, é muito gratificante.” (Participante 4, 2024, grifo nosso).

Este relato destaca como as famílias da Comunidade Tradicional de Fundo de Pasto Malhada da Areia, envolvidas no processo de Recaatingamento, se sentem valorizadas ao serem reconhecidas como referência na conservação e preservação do bioma Caatinga. Isso reforça o reconhecimento do orgulho coletivo da comunidade e reafirma a relevância das práticas de convivência com o semiárido.

A seguir, a Figura 13 dispõe alguns registros durante o momento da visita da Ministra na comunidade.

Figura 13- Mosaico de Imagens durante a visita do MMA, ONU e Governo do Estado da Bahia.



Fonte: Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos, Ascom Sema (2024).

As imagens ilustram parte do que aconteceu durante a visita, que teve como grande destaque as estratégias desenvolvidas pela metodologia do Recaatingamento

para a restauração da vegetação da Caatinga.

No que tange os aspectos econômicos da Comunidade Malhada da Areia, está é fortemente baseada na agricultura familiar, com destaque para a criação de caprinos e cultivo nos roçados para alimentação das famílias, como o participante 1, aborda na sua fala.

“A agricultura sempre esteve presente na minha família, porque já vem desde criança, né? Quando eu nasci, meu avô já trabalhava na roça, sempre trabalhou na roça. Ele sempre plantava e colhia, que era o que a gente tinha. Aí, com o tempo, foi mudando um pouco, porque foi deixando mais a roça e plantando mais de irrigação. Saiu um pouco assim do foco que era antes, que era mais de plantio de chuva. Mas hoje a gente continuou plantando do mesmo jeito, na agricultura.”
(Participante 1, 2024, grifo nosso).

Com base nessa perspectiva, é possível observar que a agricultura familiar é uma prática transmitida de geração em geração, que vem se moldando ao longo do tempo. Tradicionalmente, os cultivos nos roçados são realizados durante as estações chuvosas, enquanto, nos períodos de estiagem, as famílias complementam suas rendas com a criação de caprinos e ovinos. Com a introdução do Recaatingamento, os agroecossistemas da comunidade têm contribuído ampliando as possibilidades de manejo através das tecnologias sociais.

Nesse contexto, fontes adicionais de renda desempenham um papel fundamental para diversificar as atividades econômicas e fortalecer a resiliência da comunidade diante das variações sazonais e dos desafios ambientais. As famílias, ao se adaptarem às condições climáticas, buscam constantemente estratégias mais específicas à realidade local.

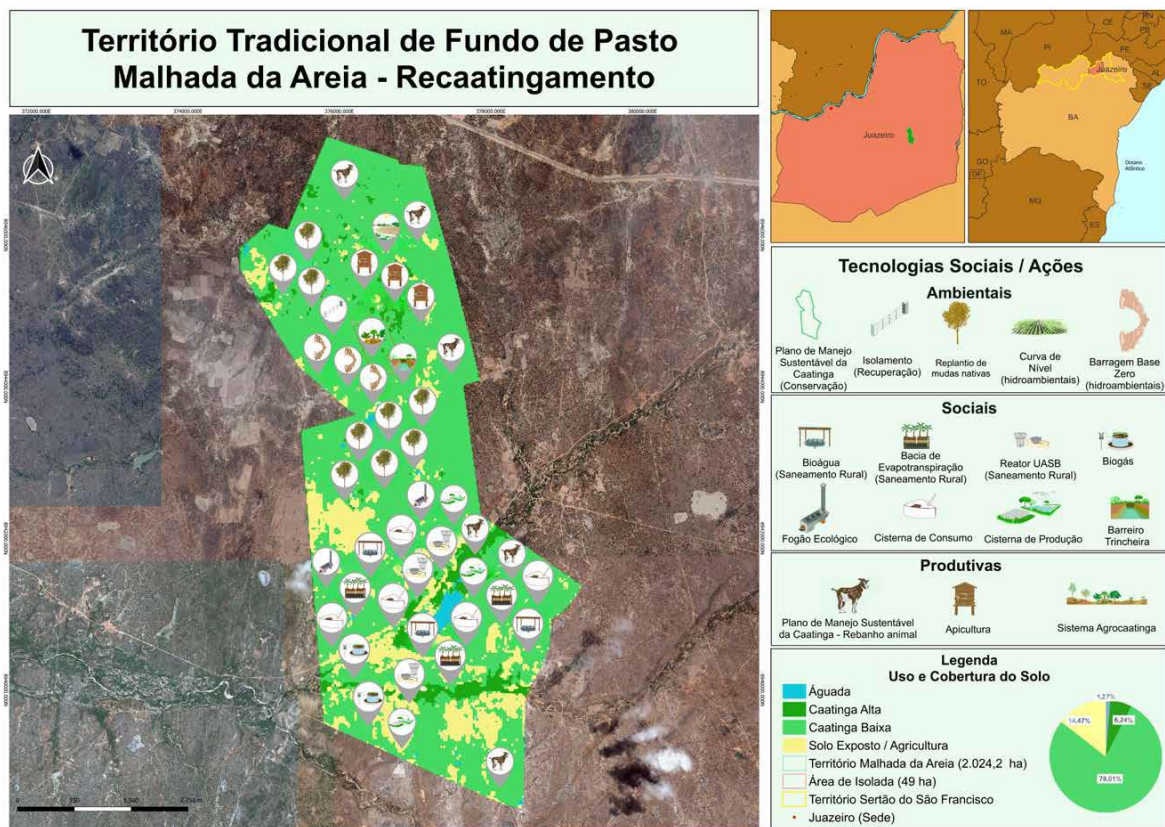
O depoimento do participante 5, traz um exemplo dessas estratégias que são adotadas pelas famílias, como a criação de animais e produção de frutíferas em seu quintal produtivo, essa diversidade vem demonstrando a capacidade de integrar diferentes atividades para garantir a segurança alimentar.

*“Eu crio ovelhas e cabra, faço a colheita de palma todos os dias para dar aos animais. Tem que estar fornecendo água para eles, a agricultura aqui é mais com a criação de animais. O plantio no roçado é só quando chove. É, que aqui não tem água abundante.” [...] “aqui não tinha nada disso, né? Então a gente pode dizer o que? Que depois do recaatingamento, que vieram as **tecnologias** agora eu tenho um quintal diversificado, né? Aqui, sem o **bioágua** não tinha nem um pé.”*
(Participante 5, 2024, grifo nosso).

Desse modo, podemos destacar a importância das tecnologias sociais como um suporte que proporciona essa diversificação de cultivos, seja para o consumo familiar ou comercialização, garantindo uma renda a mais.

A Figura 14 a seguir, apresenta a distribuição das Tecnologias Sociais dentro do Território da Comunidade Tradicional de Fundo de Pasto Malhada da Areia.

Figura 14 - Mapa das Tecnologias Sociais Instaladas na Malhada da Areia.



Fonte: MORAES, Bruna Silva Ribeiro de (Org.). *Recaatingamento: resiliência produtiva e adaptação às mudanças climáticas*. 8. ed. Salvador, BA: Imburanatec Design, 2024. (Caderno Pró-Semiárido, n. 8). p. 36.

A Figura 14 apresenta uma síntese das Tecnologias Sociais inovadoras na comunidade, contemplando as três dimensões fundamentais da metodologia do Recaatingamento: ambiental, social e econômica. Essas tecnologias não apenas promovem a recuperação ecológica da Caatinga, mas também fortalecem a sustentabilidade produtiva e a qualidade de vida das famílias.

No aspecto ambiental, destaca-se a construção do Plano de Manejo Sustentável da Caatinga, que tem como objetivo principal a conservação do bioma e o fortalecimento das estratégias de uso equilibrado dos bens naturais. Além disso, foi

delimitada uma área isolada, onde está sendo enriquecida com o plantio de mudas nativas e promovendo uma regeneração da vegetação local. Para melhorar a captação e infiltração da água no solo, foram implementadas técnicas como a implantação de curvas de nível e a construção da barragem de base zero, que favorecem a retenção hídrica, minimizam os impactos da erosão e criam condições propícias para o desenvolvimento das espécies vegetais.

No aspecto social, as famílias foram beneficiadas com tecnologias para a melhoria da qualidade de vida e da sustentabilidade dos agroecossistemas familiares. O saneamento rural foi fortalecido com a implementação do sistema Bioágua, bacia de evapotranspiração e Reator UASB, soluções que possibilitam o tratamento adequado dos resíduos. O biogás e o fogão ecológico melhoraram significativamente para a redução do consumo de lenha, proporcionando economia doméstica e alívio financeiro em relação às despesas com botijão de gás. Além disso, a instalação de cisternas de consumo e de produção e a construção do barreiro trincheira garantem suporte hídrico à comunidade, viabilizando a produção agroecológica e garantindo o acesso à água para múltiplos usos.

No que diz respeito aos aspectos produtivos, a comunidade tem recebido suporte técnico e capacitações externas para o manejo consciente da Caatinga, garantindo um planejamento mais eficiente da criação de animais e da gestão dos recursos naturais. A apicultura também está sendo incentivada como alternativa adaptativa para a geração de renda, promovendo o aproveitamento dos recursos florísticos da Caatinga. Além disso, as famílias estão experimentando a implantação de Sistemas Agroflorestais (SAFs) ou Agrocaatinga, que consiste na introdução de espécies frutíferas em consórcio com plantas nativas da Caatinga, promovendo a diversificação da produção e o fortalecimento da segurança alimentar.

Dessa forma, a adoção dessas tecnologias sociais integradas evidencia o papel transformador do Recaatingamento, não apenas na autonomia comunitária, garantindo segurança hídrica, alimentar e energética, essenciais para a convivência resiliente com o Semiárido.

No que diz respeito à saúde, Malhada da Areia conta com uma Unidade Básica de Saúde localizada na Lagoa do Boi, um povoado vizinho. Além disso, as famílias da comunidade são acompanhadas pelo ACS – Agente Comunitário de Saúde, que realiza visitas domiciliares para oferecer suporte e apoio aos moradores, conectando a comunidade com as organizações que promovem a saúde no município.

No âmbito da educação, a década de 1990, representou um marco na formalização do sistema educacional local, como evidenciaram tanto os registros de construção do prédio escolar na comunidade vizinha quanto o relato da Participante 4. Até então, as aulas eram ministradas em residências das professoras e seguiam um modelo multisseriado, no qual todos os estudantes aprenderam no mesmo espaço. O esforço coletivo para erguer a escola com o apoio do padre Hugo e de outros membros da comunidade reflete o caráter colaborativo que favorece a ampliação gradativa dos anos de escolaridade oferecida, estendendo-se até a oitava série. Nesse sentido, o relato da Participante 4 complementa o cenário descrito:

“Antes, aqui as escolas eram multisseriadas, nas casas, as aulas funcionando nas casas das professoras. Isso em meados de 80 a 88. A professora dava aula para todos os alunos no mesmo espaço, era tudo junto. Aí nos anos 90, acho que em 95, chegou a escola com ensino fundamental aqui na comunidade vizinha, que foi feita com mutirão, tinha uma sala. Aí juntou o padre Hugo, que era o padre naquela época, juntou as comunidades, compôs mais salas três. Aí começou a ter aula para ensino fundamental até a oitava série.” (Participante 4, 2024).

Esse processo histórico consolida a oferta educacional que hoje vai da Educação Infantil até o Ensino Médio, incluindo turmas de EJA – Educação de Jovens e Adultos. A possibilidade de estudar perto de casa não apenas economiza o tempo de deslocamento até a sede do município, mas também fortalece o direito à educação na própria zona rural, contribuindo para o desenvolvimento da comunidade em diversos aspectos.

Outros aspectos importantes, a serem destacados nas características da comunidade de Malhada da Areia são suas tradições culturais e religiosas, que desempenham um papel central na vida comunitária. A Igreja católica, construída recentemente com o esforço coletivo e a união dos moradores, é o principal ponto de apoio para encontros, reuniões e eventos realizados na comunidade. Entre as tradições preservadas, destacam-se a missa do vaqueiro, festa tradicional da comunidade, e os novenários, estes são celebrados de forma tradicional: os leitores posicionam-se de costas para o público e de frente para os padroeiros, uma prática herdada das famílias mais antigas e que permanece viva até os dias de hoje.

Nesse sentido, a participante 5 enfatiza a tradição religiosa na forma em que se realizam os novenários na comunidade, *“nós ainda tem novena aqui, a novena antiga, não é só novena moderna, com missa. Nós temos até aquela antiga que a*

mulher rezava de costas pro povo. Nós ainda temos essa cultura” (Participante 5, 2024). Desse modo, a continuidade desses festejos históricos reforça os laços culturais e identitários da comunidade, evidenciando o valor dado à preservação de suas raízes.

A figura 15 a seguir, registra um momento de fé e tradição, evidenciando o compromisso da comunidade em preservar e manter viva a memória de seus antepassados. Ela reflete o respeito e a valorização das práticas culturais que atravessam gerações, fortalecendo a identidade coletiva local.

Figura 15 - Tradicional Novena Realizada na Comunidade.



Fonte: Acervo da Comunidade (2024)

Outro momento marcante de tradição e fé celebrado na Malhada da Areia é a Missa do Vaqueiro, realizada anualmente no mês de julho. Esse evento reúne vaqueiros de toda a região, em uma celebração que transcende o aspecto religioso, tornando-se um espaço de reafirmação cultural e comunitária. Em seguida, A Figura 16 apresenta registros da última edição realizada da missa.

Figura 16 – Tradição e fé: Missa do Vaqueiro na Comunidade Malhada da Areia.



Fonte: Acervo da comunidade (2024)

A Missa do Vaqueiro é uma homenagem ao vaqueiro, figura emblemática do Semiárido, reconhecendo sua importância histórica e cultural no manejo da Caatinga e na preservação das tradições locais.

Além da cerimônia religiosa, o evento é acompanhado por atividades culturais, como desfiles, apresentações musicais, danças e rodas de conversa, que promovem a troca de experiências entre os participantes e fortalecem os laços comunitários. Esse momento celebra não apenas a devoção religiosa, mas também a resistência e o orgulho de um modo de vida adaptado às adversidades do Semiárido, reafirmando a conexão entre o homem, o bioma e suas raízes culturais.

4.2 RECAATINGAMENTO NA COMUNIDADE: O QUE REVELAM OS DADOS E A PESQUISA DE CAMPO.

Considerando os processos de coleta de dados dessa pesquisa, por meio das entrevistas semiestruturadas, pesquisa participante, metodologias participativas e estudo de caso, a seguir o processo de Recaatingamento da comunidade Malhada da Areia será abordada considerando os seguintes eixos:

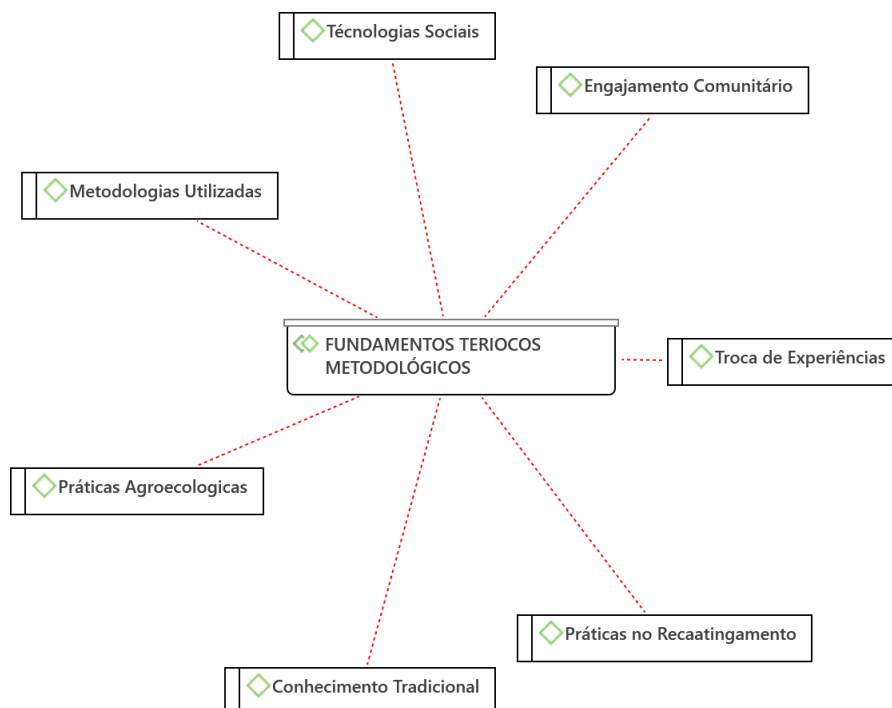
Eixo 1: Fundamentos teóricos e metodológicos do Recaatingamento;

Eixo 2: Trajetória, Estratégias, Limites e possibilidades do Recaatingamento.

Esses estão relacionados diretamente aos objetivos específicos da pesquisa. Com essa estrutura, busca-se proporcionar uma visão ampla e aprofundada sobre o Recaatingamento na Malhada da Areia, permitindo reflexões sobre os impactos já alcançados e as perspectivas futuras dessa prática no Semiárido brasileiro. Seguidamente, são apresentados os dados mais relevantes e a organização da discussão e resultados, evidenciando o papel central do Recaatingamento na transformação sociocultural, ambiental e econômica da comunidade.

4.3 Eixo 1: Fundamentos Teóricos e Metodológicos do Recaatingamento

O Eixo 1, intitulado "**Fundamentos Teóricos-Metodológicos**", reúne as temáticas abordadas nas entrevistas que delineiam os principais apontamentos responsáveis por definir a base conceitual e metodológica do Recaatingamento. Nesse sentido, a Figura 17 a seguir apresenta essas temáticas.

Figura 17 - Categorias temáticas do Eixo 1

Fonte: Elaborado pela autora, a partir do Atla.ti (2024).

O Recaatingamento, enquanto metodologia inovadora de recuperação e conservação do bioma Caatinga, possui bases teóricas e metodológicas fundamentadas nos princípios da agroecologia, da convivência com o Semiárido e da autogestão comunitária dos territórios tradicionais e na educação popular. Diferente de práticas convencionais de recomposição vegetal, que trabalham a técnica de recuperação do solo de forma isolada, o Recaatingamento não visa apenas a recuperação da vegetação nativa, mas também incorpora elementos sociais, culturais e econômicos, garantindo que as comunidades sejam protagonistas do processo. A comunidade Malhada da Areia exemplifica essa abordagem participativa, ao integrar os saberes tradicionais com a ciência agroecológica para desenvolver estratégias de manejo consciente da Caatinga.

Em seu depoimento o técnico do IRPAA que acompanha a comunidade, destaca que o processo do Recaatingamento é essencialmente construído de forma coletiva, respeitando as especificidades de cada território:

*“As estratégias foram pensadas de forma **coletiva**, ou seja, a construção das ações se deu com a participação da comunidade durante as reuniões e mutirões. Visando o conhecimento dos*

moradores da comunidade durante o desenvolvimento das ações.”
(Técnico de campo da comunidade, 2024, grifo nosso).

Essa abordagem metodológica reafirma a importância da participação comunitária na formulação das estratégias, garantindo que as ações sejam alcançadas pelas famílias e que haja continuidade no uso das técnicas inovadoras. Isso está alinhado com o que aponta Ceccon *et al.* (2014), ao indicar que estratégias de restauração ecológica em comunidades tradicionais são mais eficazes quando há engajamento ativo dos moradores no diagnóstico, planejamento e monitoramento das práticas adotadas.

No que tange a educação ambiental e a transformação de percepções sobre a caatinga, o depoimento dos/as participantes reforça que um dos maiores impactos do Recaatingamento na comunidade foi uma mudança de mentalidade em relação à Caatinga e seus bens naturais. Antes da implementação da metodologia, práticas como queimadas, descarte inadequado de resíduos e exploração predatória da vegetação eram comuns na região. No entanto, esse cenário começou a mudar com as atividades de formação e intercâmbio de experiências promovidas pelo IRPAA.

O participante 2 relata essa transformação:

*“O recaatingamento chegou na hora boa, né? Porque a gente não tinha a **consciência** do que era um recaatingamento, do que era uma restauração de plantas. E a gente fazia muitas queimadas, práticas que eram totalmente contra a caatinga, né? Jogar lixo, esgoto. E hoje o pessoal já tem outra visão sobre o que é uma área de recaatingamento, sobre o que é uma caatinga. As percepções mudaram, né? Tá positivo”*
(Participante 2, 2024, grifo nosso).

Esse depoimento ilustra um dos princípios metodológicos fundamentais do Recaatingamento, o processo educativo como eixo estruturante, promovendo um aprendizado contínuo, transformando práticas degradantes em ações de conservação. Isso reforça a importância de se trabalhar com metodologias emancipadoras, que eduque, mas que acima de tudo dê autonomia para que as famílias possam desenvolver suas atividades ao mesmo tempo ter consciência que elas fazem parte de algo maior, que é cuidar do meio em que estão inseridas, se sensibilizando e conservando o bioma, realizando práticas que promovem o Bem Viver.

Um dos pilares fundamentais do Recaatingamento na comunidade de Malhada

da Areia é a valorização dos saberes tradicionais, permitindo que os conhecimentos acumulados ao longo das gerações sejam reconhecidos e incorporados às estratégias dessa metodologia. Essa abordagem evidencia a importância de integrar os saberes científicos e empíricos, promovendo um processo de aprendizado dialógico e contextualizado.

Os depoimentos do Participante 3 que serão apresentados a seguir, reforçam esse princípio, destacando tanto a transmissão intergeracional do conhecimento quanto a relevância da troca de experiências com técnicos e outras comunidades.

O primeiro aspecto essencial trazido pelo participante é a valorização dos conhecimentos tradicionais:

*“Os conhecimentos tradicionais na prática do recaatingamento foram **respeitados**, isso ajudou bastante, principalmente dos mais velhos, né? Os conselhos dos mais velhos, como fazer mudas. Tem pessoas jovens que estudaram, que ajudaram muito e tem os mais velhos que com o seu conhecimento, sua sabedoria antiga, ajudou bastante.”*
(Participante 3, 2024, grifo nosso).

Esse relato ressalta como o conhecimento local desempenha um papel estratégico na resiliência socioambiental, pois são os próprios moradores que conhecem de perto as dinâmicas ecológicas e os ciclos naturais da Caatinga. No contexto do Recaatingamento, a presença dos mais velhos no processo formativo é essencial, pois seu saber empírico contribui para a adaptação das estratégias às especificidades do território. O conhecimento sobre a produção de mudas, o manejo de espécies nativas e a recuperação de áreas degradadas é um legado construído ao longo de gerações e, ao ser integrado à metodologia do Recaatingamento, fortalece sua aplicabilidade e aceitação pela comunidade.

A interação entre diferentes gerações no processo do Recaatingamento também se revela um elemento essencial na construção coletiva do conhecimento. O trecho do depoimento: *“Tem pessoas jovens que estudaram, que ajudaram muito e tem os mais velhos que com o seu conhecimento, sua sabedoria antiga, ajudou bastante.”* demonstra a importância do diálogo intergeracional na transmissão dos saberes agroecológicos e na construção de soluções. Esse aspecto reforça o que Paulo Freire (1987) preconiza em sua abordagem da educação popular, ao afirmar que o conhecimento não deve ser imposto de forma hierárquica, mas sim construído coletivamente, respeitando a sabedoria dos sujeitos que vivem e experimentam as

condições do meio ambiente no seu cotidiano.

Outro aspecto fundamental trazido pelo Participante 3 está relacionado à troca de conhecimento proporcionada pelas reuniões com técnicos e pessoas de comunidades vizinhas. Nesse sentido, ele aborda que:

*“As conversas, reunião com técnicos, com pessoas de comunidades vizinhas que sempre tiveram aqui com a gente conversando. Isso ajudou bastante. Essa troca, né? É, **troca de conhecimento** entre o pessoal. [...] Sempre a gente adota alguma coisa de uma reunião, a gente tira alguma coisa que a gente põe em prática, mas sempre aparecendo coisas diferentes, tipo é comida animal a gente faz, tá fazendo uso de bastante forrageira, fazendo silagem, essas coisas que antes a gente fazia pouco né, hoje tá usando bem mais e com plantas da Caatinga também, eu no meu caso, uso planta da Caatinga também.”*
(Participante 3, 2024, grifo nosso).

Esse trecho evidencia a dimensão pedagógica do Recaatingamento que promove um processo de aprendizado contínuo dentro da comunidade. As reuniões e os intercâmbios intercomunitários favorecem a difusão de práticas, permitindo que os agricultores aprimorem seus métodos de produção e incorporem novas estratégias de manejo dos bens naturais.

A adoção de práticas como a produção de forragem, a silagem e o uso de espécies da Caatinga para alimentação animal demonstram como a troca de conhecimento tem sido fundamental para a inovação dentro da comunidade. Essa dinâmica dialoga com a perspectiva da aprendizagem significativa, que para (Ausubel, 2003), o aprendizado se torna mais eficaz quando os novos conhecimentos se conectam com as experiências prévias dos aprendizes. O fato de os moradores já possuírem um repertório de saberes sobre o uso da vegetação nativa facilita a assimilação das novas técnicas, tornando sua aplicação mais eficaz.

Outro ponto relevante no depoimento do participante 3 é a importância da articulação intercomunitária. A troca de experiências entre diferentes comunidades não apenas amplia o conjunto de práticas sustentáveis, mas também fortalece a identidade coletiva e a mobilização social em torno da preservação da Caatinga e da luta pelo direito ao território. Essa perspectiva está alinhada ao conceito de construção social da tecnologia, onde (Dagnino, 2010) defende que, o desenvolvimento tecnológico deve emergir das necessidades e dos contextos específicos dos sujeitos envolvidos, e não ser imposto de maneira verticalizada.

No âmbito das metodologias e intervenções sociotécnicas adotadas pelo

IRPAA junto à comunidade, o atual presidente da organização relatou que:

*“Então, tudo são feitos a partir de rodas de conversa de cursos, formação a comunidade vai decidindo a partir dali e a gente vai experimentando e nesse experimentar ainda tem muita coisa, começou a fazer, aí não deu certo, aí vem alguém da comunidade dar uma ideia, então tem que dialogar com a ideia da comunidade, do técnico, não, o técnico diz a técnica é assim, aí a pessoa diz, não, mas se fizer assim dá melhor, sim, mas então fica então fazer os dois modos e experimentar então esse lado a gente faz de um jeito aqui faz do outro, a gente experimenta aqui der certo, a gente adota e tal. Então o técnico precisa ter esse diálogo com a comunidade e não impor senão depois também a comunidade desista quando der problema, foi o técnico foi o IRPAA, não foi a comunidade eu disse que era assim é, então, não pode assim dizer, do jeito que a comunidade quiser vai que também não funciona, mas tem essa tensão aqui no meio, até chegar a um consenso, aí a coisa flui, depois se deu errado, tem que voltar e refazer. Então a base é essa, a partir de boa parte da **tecnologia que já existe**, a gente replica ali, e também no processo vão surgindo outras, esse da irrigação do SAF com barreira trincheira nasceu dentro do Recaatingamento, você tem a ideia do sistema de produção, do quintal que já tem essa técnica de irrigação e salvação, mas é ali com canteiro impermeabilizado e tal ou você tinha o barreiro trincheira que era para outra serventia que era para as cabras, então só avaliando assim, se botasse, juntasse os dois, dava certo a técnica de irrigação e salvação dentro de um barreiro? aí vamos experimentar e assim vai surgindo a partir da experimentação e é preciso que a comunidade esteja convencida porque ela que vai gastar tempo e esforço para fazer a tecnologia dar certo, funcionar mas então tem sido sempre isso, o básico da chegada da comunidade é esse **mapa mental**, essa **linha do tempo** em cima dali você faz todo o diagnóstico e a partir daí você vai trabalhar aquilo que o projeto já previa como que se adapta dentro dessa realidade, o que não estava previsto como que é possível trazer, o que é previsto que não dá certo, mas a base é essa **conversa com toda a comunidade**, mulher, homem, adulto, jovem, criança, idoso, a maior parte da comunidade senta ali e passa a dialogar, porque também não dá para ser com um grupinho da comunidade se todo mundo usa principalmente a área solta. Então ou você consegue a maior parte da comunidade ou o projeto também não dá certo e por mais que duas famílias queiram elas não controlam todo o território, então a metodologia só funciona se tiver essa vivência constante e esse diálogo da entidade com a comunidade basicamente essa é a metodologia. Então depois disso tem vários encontros duas vezes por mês o técnico tem que estar na comunidade acompanhando, participando dos **mutirões** e muitas formações e paralelo a isso essa proposta de intercâmbio tanto da comunidade receber pessoas como também pessoas da comunidade participar de eventos. Então receber cria aquela áurea de que somos importantes e visitar outras, outras pessoas também estão fazendo e estão na mesma luta, então assim você consegue manter a animação e a autoestima da comunidade elevada.”*
(Presidente do IRPAA, 2024, grifo nosso).

O depoimento do presidente do IRPAA revela a complexidade e a dinâmica das metodologias e intervenções sociotécnicas adotadas no processo do Reaatingamento na comunidade de Malhada da Areia. O modelo metodológico descrito não segue uma lógica linear ou impositiva, mas sim um processo de construção do conhecimento, no qual o diálogo, a experimentação e a adaptação são elementos centrais. Essa abordagem reflete os princípios da **educação popular**, onde todo processo se dá de maneira participativa e problematizadora, valorizando o saber popular e o saber técnico.

Nesse sentido, serão destacados quatro pontos substanciais dentro dos fundamentos teóricos metodológicos baseados nesse depoimento do presidente do IRPAA:

1. O Processo Dialógico e Participativo.

Um dos aspectos mais relevantes no relato é a valorização do diálogo entre técnicos e comunidade, o que fortalece a apropriação das práticas implementadas e evita a imposição de soluções externas. O presidente do IRPAA destaca que o processo se dá por meio de rodas de conversa, cursos e formações, permitindo que a própria comunidade decida sobre as estratégias a serem adotadas. Esse método contrasta com modelos tradicionais de assistência técnica, que muitas vezes desconsideram a realidade local e impõem tecnologias descontextualizadas.

“Então tudo são feitos a partir de rodas de conversa de cursos, formação a comunidade vai decidindo a partir dali e a gente vai experimentando e nesse experimentar ainda tem muita coisa, começou a fazer, aí não deu certo, aí vem alguém da comunidade dar uma ideia” (Presidente do IRPAA, 2024).

Esse trecho indica um processo de construção coletiva do conhecimento, no qual a experimentação é essencial para validar ou ajustar as práticas implementadas.

Além disso, a metodologia do IRPAA segue um modelo pragmático e interativo, ou seja, as ações não são estáticas, mas passam por constantes avaliações e ajustes conforme necessários. O fato de a comunidade estar diretamente envolvida na tomada de decisões evita que os moradores percebam as tecnologias como algo imposto, reduzindo a resistência e aumentando o engajamento no longo prazo.

2. A Experimentação Como Método de Aprendizado e Inovação.

Outro fator importante adotado é a experimentação como ferramenta de

aprendizado e inovação sociotécnica. Em vez de seguir um modelo rígido, as intervenções do Recaatingamento são testadas em diferentes condições antes de serem amplamente implementadas. O presidente do IRPAA exemplifica esse processo ao relatar a construção de um sistema de irrigação em barreiro trincheira, que surgiu a partir da combinação de conhecimentos pré-existentes na comunidade com soluções técnicas propostas pelos especialistas.

3. Diagnóstico Participativo e Planejamento Estratégico.

O presidente do IRPAA também deixa claro que a base metodológica do Recaatingamento envolve diagnósticos participativos, nos quais a própria comunidade identifica os desafios e as potencialidades do território. Ferramentas como mapas mentais e linhas do tempo são utilizadas para compreender a trajetória da comunidade e definir estratégias de manejo.

Esse método participativo permite que o planejamento das ações de Recaatingamento seja contextualizado e legitimado pela comunidade, reduzindo conflitos e aumentando a aceitação das práticas adotadas. O uso de metodologias participativas é amplamente defendido em estudos sobre desenvolvimento rural e sustentabilidade, pois fortalece a autonomia das comunidades e permite que elas sejam protagonistas de seu próprio processo de transformação (Santos, J. C. N, *et al.*, 2022).

4. Acompanhamento Técnico Contínuo e Intercâmbio de Experiências.

Além da implementação das práticas, o sucesso do Recaatingamento depende do acompanhamento contínuo e da troca de experiências entre comunidades. O presidente do IRPAA destaca ainda a importância da presença regular dos técnicos na comunidade, garantindo suporte contínuo e promovendo a realização de mutirões e formações constantes.

Essa troca de experiências fortalece a motivação e a autoestima dos moradores, além de criar uma rede de apoio entre diferentes comunidades envolvidas no processo de Recaatingamento.

Por fim, o depoimento revela que o Recaatingamento não é um conjunto fixo de técnicas, mas sim um processo metodológico dinâmico, baseado no diálogo, na experimentação e no engajamento comunitário. A integração do saber técnico com o conhecimento tradicional garante que as práticas implementadas sejam

contextualizadas e apropriadas pela comunidade, aumentando sua eficácia e durabilidade.

Por tanto, o processo descrito reflete princípios fundamentais da educação popular, da agroecologia e da construção social, consolidando o Recaatingamento como uma abordagem inovadora para a recuperação ambiental e o fortalecimento das comunidades tradicionais do Semiárido. A metodologia aplicada demonstra que a restauração ecológica não pode ser pensada apenas como uma solução técnica, mas sim como um processo pedagógico e organizativo, no qual as populações locais são protagonistas da transformação do seu território.

4.4 Eixo 2: Trajetória, Estratégias, Limites e possibilidades do Recaatingamento

A sistematização dos dados e a compreensão dos resultados deste tópico foram organizados de modo que dentro da trajetória do Recaatingamento fosse abordado também as informações relacionadas as estratégias de manejo e os limites e possibilidades da metodologia Recaatingamento. Nesse contexto, a Figura 18 a seguir, apresenta os aspectos relevantes relacionados a trajetória do Recaatingamento englobando seus limites e possibilidades e as estratégias de manejo.

Figura 18 - Categorias temáticas do Eixo 2

Fonte: Elaborado pela autora, a partir do Atla.ti (2024).

Desse modo, a trajetória histórica do Recaatingamento na comunidade Malhada da Areia é marcada por um processo coletivo e transformador, no qual práticas tradicionais se encontram com metodologias inovadoras de convivência com o Semiárido. Essa jornada não apenas reflete os desafios enfrentados pela comunidade, como também evidencia a força do conhecimento local aliado ao suporte das intervenções sociotécnica.

O Recaatingamento, que inicialmente foi introduzido em outras comunidades como uma técnica de recuperação ambiental, evoluiu para uma abordagem abrangente que engloba dimensões sociais, ambientais e econômicas. Nesse contexto, a Malhada da Areia assumiu um papel central, adaptando as práticas às

suas realidades e construindo um modelo de manejo que promove o Bem Viver alinhado às necessidades locais.

Com base nos relatos dos participantes, esta seção explora os marcos históricos que definiram o Recaatingamento na comunidade, os atores envolvidos nesse processo e as transformações que essa prática proporcionou ao longo do tempo. Essa análise busca resgatar os momentos chave dessa trajetória, destacando os fatores que impulsionaram o Recaatingamento como as estratégias adotadas e ou superadas para a conservação e preservação da Caatinga, como também o fortalecimento da identidade comunitária.

De acordo com análise dos dados, um ponto relevante no processo histórico da comunidade foi a chegada do Recaatingamento em 2019, que 10 anos depois de sua existência ele chega a Malhada da Areia, para o presidente do IRPAA O Recaatingamento não surgiu como uma técnica pronta, mas como uma resposta adaptativa às condições do Semiárido, que durante sua trajetória vem se moldando se adaptando as realidades de cada comunidade, ele destaca que a iniciativa nasceu do diálogo com a comunidade, integrando o saber local e a observação das necessidades ambientais e sociais.

O Recaatingamento surgiu a partir do olhar atento das mulheres extrativistas de Uauá/BA, que, ao ganharem tempo e autonomia após a implementação das cisternas, começaram a questionar o futuro das espécies nativas, como o umbuzeiro, que não apresentava regeneração natural suficiente. Essa preocupação deu origem à ideia de "recaatingar", um termo que transcende tradicional ao incorporar dimensões culturais e ecológicas. Nesse sentido, o atual Presidente do IRPAA discorre que:

*“O Recaatingamento deixou de ser uma técnica de recuperação de solos, **passou a ser uma metodologia de conservação da caatinga em pé**, a partir da intervenção humana local, das comunidades locais. E essa intervenção é pedagógica porque não tem uma técnica formal estabelecida, mas se dá no diálogo com a comunidade, a partir da observação do estado da caatinga, observando se tem área degradada, então como recuperar essa área, e se tem áreas conservadas, como manter essas áreas em estado de conservação. Extrapola a ideia de recuperação de solo porque não trata só da caatinga, só da flora ou da fauna, mas inclui também o social. Então, **se a caatinga está bem, a pessoa humana também precisa estar bem**. Então, entram as questões sociais, no sentido de **garantir a dignidade, para a família com casa, que a família tenha saneamento, que tenha água potável e que tenha renda**. Então, **esses elementos também, sociais e econômicos, fazem parte do recaatingamento**. Então, são três pilares, pode-se dizer. A **questão ambiental**, que é a manutenção e*

*recuperação da caatinga. A questão social, que são a infraestrutura de água, a moradia, saneamento, banheiro. E aí, a **questão econômica**, que é a geração de renda através do extrativismo, da melhoria do manejo de criação, das outras formas de geração de renda, agrícolas e não agrícolas. Então, esses três elementos compõem o recaatingamento, por isso, extrapola a ideia de uma técnica de recuperação de solo, de recuperação da caatinga” (Presidente do IRPAA, 2024, grifo nosso).*

O relato do presidente do IRPAA, destaca o caráter pedagógico do Recaatingamento, enfatizando sua construção a partir do diálogo com as comunidades e da observação criteriosa do estado da Caatinga. Essa abordagem não se limita a um conjunto de técnicas aplicadas de forma específica, mas se ajusta às realidades locais, incluindo dimensões que se baseiam nos pilares da agroecologia, ambiental-social-econômico, desse modo o Recaatingamento se torna uma metodologia ampla e adaptativa, que pode ser replicada com outras comunidades. Esse relato reflete o potencial do Recaatingamento para integrar objetivos ecológicos e sociais, confirmando que o bem-estar humano está diretamente relacionado à saúde ambiental. A ênfase na infraestrutura básica, como saneamento e água potável, associada à geração de renda por meio das estratégias de manejo, reforça a conexão entre a preservação da Caatinga e a qualidade de vida das famílias.

Na perspectiva das famílias, a princípio alguns membros da comunidade Malhada da Areia apresentaram resistência a chegada do Recaatingamento, mas aos poucos as lideranças da comunidade foram explicando sobre a metodologia e a comunidade foi aceitando. Nesse sentido, para o coletivo o recaatingamento surgiu por meio da associação comunitária e chegou em uma boa hora, pois a comunidade estava sofrendo ameaça de perder a terra para grileiros e também com a caatinga correndo risco de entrar em processo de desertificação como relataram os participantes 2 e 4:

*“O recaatingamento chegou em um momento que **a gente estava precisando** porque senão **a gente ia acabar perdendo a área que a gente tinha de fundo de pasto**. Eu acho que a base do recaatingamento foi essa a gente não perder o nosso fundo de pasto que estava correndo um risco, foi fundamental para a comunidade para a implementação do recaatingamento, então podemos dizer que a base foi a luta pela terra” (Participante 2, 2024, grifo nosso).*

*“Em 2015 que a gente começou a **lutar por essa terra** aí que era*

*grilada. Mas as coisas não andavam, aí depois do Recaatingamento, daí pra cá que a gente começou a conseguir as coisas. Mas só agora em 2024, que a gente conseguiu o título de comunidade Tradicional de Fundo de Pasto. Tá vendo? como é, como é a luta. A gente não desistiu, a gente do Fundo de Pasto é uma comunidade de fé e religião. [...] Hoje é documentado, a gente tem essa identidade, recebemos, graças a Deus". [...] "Com o associativismo, a gente conseguiu levar o nome, crescer a comunidade. O recaatingamento foi um dos projetos que a gente recebeu que hoje eu vejo como um dos maiores. Porque a gente precisa da caatinga em pé, né? **A gente estava vendo tudo se acabar, os espaços livres, as áreas desertas, e aí com o recaatingamento, além da gente estar conseguindo manter a mata em pé, a gente conseguiu um negócio muito estranho, que foi uma união da comunidade, das pessoas, a gente conseguiu colocar na cabeça das pessoas que a gente tem que cuidar, que a gente tem que preservar**" (Participante 4, 2024, grifo nosso).*

Em consonância com as falas dos/as participantes o Recaatingamento chegou na Malhada da Areia fortalecendo a união das famílias na luta e defesa do seu território, seja reforçando o uso coletivo das terras como os Fundos de Pasto, ou pelo isolamento de áreas para a regeneração natural da caatinga, como também nas áreas de plano de manejo, principalmente fazendo a gestão de suporte forrageiro da Caatinga.

A narrativa dos participantes 2 e 4 ilustram como o Recaatingamento fortaleceu a luta da comunidade pela posse e documentação de suas terras. O reconhecimento como Comunidade Tradicional de Fundo de Pasto, realizado em 2024, é um marco significativo na trajetória da Malhada da Areia. Esse avanço foi possibilitado pela organização comunitária e pela visibilidade gerada pelo Recaatingamento, que legitimou a luta contra a grilagem e consolidou a identidade coletiva da comunidade.

Nessa perspectiva, o Recaatingamento também desempenhou um papel essencial na união da comunidade, como destacado pelos participantes. O associativismo foi um elemento chave para disseminar a ideia de que a conservação da Caatinga é uma responsabilidade coletiva. Essa mudança cultural, promovida pelo diálogo e pela educação ambiental, criou um senso de pertencimento e responsabilidade entre os moradores, transformando práticas individuais em ações coletivas.

Além disso, a valorização da Caatinga “em pé” é um aspecto simbólico e prático da relação que a comunidade tem com o meio em que está inserida, isso representa uma conexão da comunidade com seu território. Essa valorização se traduz não apenas na conservação e preservação ambiental, mas também na conquista de

direitos territoriais e na projeção de um modelo harmônico que pode inspirar outras comunidades do Semiárido.

Enquanto o participante 5 discorre que:

*“O Recaatingamento surgiu como uma necessidade, a gente estava vendo que se... a gente não fizesse alguma coisa futuramente a gente nem iria poder morar aqui, porque estava se acabando mesmo, as plantas morrendo, a gente perdendo, algumas entrando em extinção mesmo, como eu já falei algumas vezes. E a gente precisava de alguma coisa que... Que a gente continuasse vivendo aqui, **porque a gente não sabe viver de outra maneira**, a gente não sabe, **a gente nasceu aqui**, não adianta levar nós para outro lugar, ficar todo mundo perdido, **então a gente precisava fazer alguma coisa para manter a caatinga em pé** e a gente sobreviver no nosso habitat, que é a terra (Participante 5, 2014, grifo nosso).*

A reflexão do Participante 5, retrata a urgência e a consciência da comunidade de Malhada da Areia sobre a necessidade de conservar e preservar a Caatinga, e suas condições de vida no Semiárido. A fala apresenta como o Recaatingamento surgiu em resposta emergencial e estratégica diante da ameaça do desequilíbrio ambiental que comprometia diretamente não apenas o ecossistema local, mas a própria permanência e identidade cultural das famílias no território.

A preocupação expressa no trecho, *“a gente precisa fazer alguma coisa para manter a caatinga em pé e a gente sobreviver no nosso habitat”*, mostra a intrínseca relação de interdependência entre as famílias e o bioma Caatinga. Esse vínculo destaca a noção de convivência com o Semiárido, promovida pelo IRPAA e apontam a importância de práticas que consideram as especificidades do bioma e o saber local. A noção de que *“a gente não sabe viver de outra maneira”* reforça a relevância do território como espaço de vida, não apenas de produção econômica, mas também de identidade cultural e comunitária.

A declaração mencionada nesse relato, como a perda de espécies e o avanço da desertificação, refere-se à necessidade de práticas de manejo que traga equilíbrio para o bioma, como as promovidas pelo Recaatingamento. A metodologia, ao proporcionar o isolamento de áreas degradadas, a implementação de tecnologias sociais (como os tanques e barreiros trincheiras e sistemas agroflorestais) e o manejo adequado dos rebanhos, busca não apenas recuperar o bioma, mas também criar condições para a continuidade da vida das famílias em harmonia com o ambiente.

Nesse sentido, o participante 5 também expõe o caráter transformador do Recaatingamento, que não se limita a ser apenas uma técnica de recuperação

ambiental, mas atua como um processo de conscientização e reorganização social. Como destacou o Presidente do IRPAA 2024, o Recaatingamento *"extrapola a ideia de recuperação de solo porque não trata só da caatinga, mas inclui também o social."* Essa visão é essencial para entender que a sobrevivência das comunidades tradicionais no Semiárido depende da conservação e preservação ambiental atrelada a estratégias que garantam dignidade, segurança alimentar e econômica, bem como a manutenção do vínculo com o território.

Comparando com outros estudos, Santos, L. A (2024), indica que a manutenção da Caatinga está frequentemente ligada à ausência de gestão ambiental e à pressão de atividades econômicas predatórias. O relato do Participante 5 converge com essa análise ao expor que, sem ações de conservação e preservação, a comunidade correria o risco de *"nem poder morar aqui futuramente"*. Esse aspecto reforça a relevância do Recaatingamento como uma alternativa não apenas ambiental, mas também socioeconômica, já que permite à comunidade manter sua autonomia e evitar processos de migração forçada, comuns em regiões degradadas do Semiárido.

Além disso, o relato do participante 5 revela uma noção de pertencimento e cuidado coletivo, deixando claro que o Recaatingamento foi incorporado como uma prática comunitária de resistência e adaptação. Essa reflexão mostra um senso de urgência aliado a um compromisso com o território, que é essencial para o sucesso de práticas participativas de manejo equilibrado entre o homem e natureza.

Em resumo, esse depoimento não apenas reforça os impactos da gestão ambiental na vida da comunidade, mas também aponta para o Recaatingamento como uma prática indispensável para garantir a continuidade da vida no Semiárido. Ele destaca a relação simbiótica entre as famílias e a Caatinga, e o papel do Recaatingamento como um instrumento de resiliência socioambiental e de fortalecimento do território, consolidando o paradigma da convivência com o Semiárido como alternativa transformadora e que promove o Bem Viver.

Outro ponto relevante que foi identificado nas entrevistas com as famílias na comunidade, foram as mudanças que ocorreram a partir das ações implementadas no processo de Recaatingamento, nesse sentido o Participante 1 aponta que:

"A partir do recaatingamento surgiu outros projetos, as principais

*mudanças foi a chegada de **outros projetos** né, e o povo também se **uniram**. Porque antes do projeto nem todo mundo se interessava, mas aí depois do recaatingamento até o pessoal de outras comunidades querem se **associar** aqui pra ver se ganha algum projeto” (Participante 1, 2024, grifo nosso).*

O Participante 1 traz uma reflexão de que o Recaatingamento não apenas fortaleceu a organização comunitária, mas também atraiu o interesse de outras comunidades, gerando uma maior adesão ao associativismo local. Essa dinâmica aponta o papel transformador do Recaatingamento como uma nova percepção sobre a Caatinga e suas possibilidades. A união entre os membros da comunidade foi fundamental para o fortalecimento coletivo.

Esse impacto positivo está alinhado com a ideia de que iniciativas comunitárias, quando bem articuladas, geram efeitos em cadeia que fortalecem tanto as práticas sustentáveis quanto os vínculos sociais. De acordo com a Lei nº 9.795/1999, a valorização do saber local e a participação ativa dos membros da comunidade criam um ambiente propício para o desenvolvimento de soluções que integram a conservação ambiental com a autonomia das populações locais, Brasil (1999).

Assim, o Recaatingamento, ao fomentar um maior engajamento comunitário, atua como um meio para consolidar a coesão social e garantir a preservação ambiental, permitindo que os benefícios dessa prática extrapolem os limites da área de intervenção direta.

O depoimento do participante 1 reflete também como o Recaatingamento aqueceu uma nova visão coletiva sobre o potencial do território. A busca por maior participação de membros de outras localidades reforça a ideia de que a metodologia transcende a esfera local, tornando-se um modelo replicável. Essa ampliação da rede de engajamento pode ser vista como uma resposta à necessidade de criar alianças para lidar com desafios comuns, como a gestão ambiental e a busca por alternativas de convivência respeitosa ao meio ambiente no Semiárido.

Além disso, o interesse de pessoas de outras comunidades em se associar à Malhada da Areia, conforme dito pelas famílias, indica que o Recaatingamento também possui um papel de referência regional. Essa "atração" reforça a relevância de práticas exemplares como ferramentas para disseminar metodologias inovadoras em outros territórios, criando uma rede de comunidades engajadas na conservação da Caatinga.

Para outros moradores como os participantes 3 e 4, uma das transformações visíveis foi a conscientização das famílias, como é mencionado por eles a seguir:

*“Primeiro a **conscientização** da população mudou muito, O pessoal está bem mais consciente, mas ainda tem alguns principalmente aqueles velhinhos que dizem: besteira Só está segurando a área lá para ficar ruim para a gente, mas a maioria quando a gente conversa com eles explica tudo eles já estão aceitando.”* (Participante 3, 2024, grifo nosso).

*“Então, dentro da comunidade a principal mudança foi a **consciência** as pessoas realmente viram que se a gente não tiver, não começar a preservar, a cuidar do que é nosso, a gente depois ia ter que botar a malinha nas costas e se mandar, aí junto veio a consciência”* Participante 4, 2024, grifo nosso).

Nesses relatos dos Participantes 3 e 4, é destacado a "consciência" como a principal mudança, que reflete um dos pilares do Recaatingamento: a sensibilização ambiental das comunidades locais. Antes da intervenção, as práticas degradantes, como queimadas e a má gestão dos bens naturais, vinham provocando o desequilíbrio nos ecossistemas da comunidade, resultado da ausência de políticas públicas externas para a educação ambiental e a convivência com o Semiárido. Essa mudança de percepção, conforme o que foi exposto pelos participantes, reforça a ideia de que práticas pedagógicas inclusivas, como as promovidas pelo IRPAA, podem transformar a relação das comunidades com seus territórios, como observadas em estudos de Santos, J. M, *et al.* (2024), que destaca o papel central da educação ambiental contextualizada na conservação da Caatinga.

Além disso, a conscientização ambiental é apontada como uma ferramenta poderosa para a construção de comunidades mais resilientes às mudanças climáticas e às pressões externas sobre os territórios. A mudança cultural mencionada pela Participante 4 também está em consonância com o conceito de "Caatinga em pé" defendido por Santos, L. A (2024), que ressalta que a preservação do bioma depende, antes de tudo, de uma mudança na forma como os povos do Semiárido percebem e utilizam seus bens naturais.

Para o Participante 2, as transformações trazidas pelo Recaatingamento estão diretamente ligadas à falta de conhecimento prévio sobre as estratégias de convivência com o Semiárido. As ações inovadoras por meio dessa metodologia desenvolvem para modificar práticas antigas relacionadas ao bioma, promovendo

uma nova consciência ambiental dentro da comunidade. O depoimento a seguir ilustra essa mudança:

*“O recaatingamento chegou na hora boa, né? Porque a **gente não tinha a consciência do que era um recaatingamento**, do que era uma restauração de plantas. E a **gente fazia muitas queimadas práticas que eram totalmente contra a caatinga**, né? Jogar lixo, esgoto. E hoje o **pessoal já tem outra visão** sobre o que é uma área de recaatingamento, sobre o que é uma caatinga. As percepções mudaram, né? Tá positivo (Participante 2, 2024, grifo nosso).*

Nessa reflexão, o Participante 2 destaca as mudanças nas práticas degradantes, como queimadas e descarte inadequado de resíduos, evidenciando a transição para um modelo agroecológico. Essa mudança de percepção ambiental é um indicativo de que o Recaatingamento promove um processo educativo que transcende a recuperação física do cenário, ocorrendo também na transformação de comportamentos, na qual a comunidade compreende que a Caatinga não é um espaço a ser explorado indiscriminadamente, mas sim um território de vida, cultura e resistência.

Um grande potencial destacado pela comunidade que vem trazendo transformações significativas no dia a dia das famílias é a implementação das tecnologias sociais, sejam as instaladas na área isolada do Recaatingamento como também as que dão suporte nos agroecossistemas familiares, como relata o Participante 3 e 4 a seguir:

*“Das ações desenvolvidas que mais me identifiquei, rapaz, rapaz a que eu mais me identifiquei foi com essas ações que eles fizeram para acumular água, para a gente ter água. **As tecnologias**, das infraestruturas que vieram das ações desenvolvidas pelo IRPAA. Porque o nosso **sofrimento toda vida aqui foi falta de água**, **A gente tem coragem de trabalhar**, agora para trabalhar na terra sem água não trabalha, não tem resultado, a água aqui é o mais importante. É o que a gente mais precisa, é água. O sertanejo Coragem de trabalhar tem.” (Participante 3, 2024, grifo nosso).*

*“A questão dos **fogões** mesmo, ecológicos. Gerou uma **economia** muito grande dentro da comunidade, porque a gente tinha aquele fogareiro que gastava lenha, muita lenha, fumaça. A gente conseguiu os fogões ecológicos, que é onde a maioria das pessoas cozinham. (Participante, 4, grifo nosso).”*

Os depoimentos dos Participantes 3 e 4 evidenciam o impacto significativo da implementação das tecnologias sociais na comunidade de Malhada da Areia, tanto na

área isolada do Recaatingamento quanto nos agroecossistemas familiares. As falas reforçam como essas tecnologias promovem melhorias substanciais no cotidiano das famílias, fortalecendo as estratégias de convivência com o Semiárido e garantindo maior autonomia para a população local.

O Participante 3 salienta a importância das tecnologias hídricas para a comunidade, ressaltando que o maior desafio sempre foi a falta de água. Esse problema estrutural é recorrente nas comunidades do Semiárido que sem um apoio das tecnologias hídricas compromete a sobrevivência das famílias do campo. O relato expõe a relação intrínseca entre o acesso à água e a viabilidade da produção rural, demonstrando como a implementação de tecnologias sociais hídricas, como as cisternas de captação de água da chuva, os barreiros trincheira e os sistemas de irrigação adaptados, representam uma mudança crucial para a segurança hídrica da comunidade.

O trecho *“A gente tem coragem de trabalhar, agora para trabalhar na terra sem água não trabalha, não tem resultado”* retrata o desejo da comunidade de permanecer na terra e desenvolver suas atividades produtivas, mas reforça que sem acesso à água, essa permanência se torna inviável. Nesse sentido, a implementação de infraestruturas hídricas surge como uma solução para a autonomia produtiva, permitindo a diversificação das culturas, a produção de forragem para os animais e o fortalecimento dos quintais produtivos.

A afirmação *“O sertanejo coragem de trabalhar tem”* reforça a identidade do povo do Semiárido como resiliente e trabalhador, contrapondo-se à visão histórica que os retrata como vítimas da seca. A comunidade não deseja assistencialismo, mas sim condições para produzir e garantir a qualidade de vida das famílias, e o Recaatingamento, por meio da implantação dessas tecnologias sociais, responde a essa demanda concreta.

A Participante 4, por sua vez, ressalta a importância dos fogões ecológicos como uma inovação que gerou economia e benefícios ambientais e de saúde para as famílias da comunidade. Antes da implementação desses fogões, a dependência da lenha para o preparo dos alimentos gerava impactos ambientais, como o desmatamento da vegetação nativa, além de problemas de saúde decorrentes da exposição contínua à fumaça dentro das residências.

No diálogo *“Gerou uma economia muito grande dentro da comunidade, porque a gente tinha aquele fogareiro que gastava lenha, muita lenha, fumaça”* destaca como

o uso da biomassa de forma mais eficiente contribuiu para uma redução no consumo de madeira, aliviando a pressão sobre os recursos naturais da Caatinga. Essa mudança é um reflexo direto das práticas sustentáveis promovidas pelo Recaatingamento, que busca equilibrar o uso dos bens naturais com a necessidade de permanência das famílias no território.

Além disso, a transição para os fogões ecológicos teve impactos diretos na saúde das mulheres, que tradicionalmente são as responsáveis pelo preparo dos alimentos. A substituição dos fogões tradicionais reduziu a inalação de fumaça e, consequentemente, as doenças respiratórias associadas ao uso contínuo de lenha. Dessa forma, o Recaatingamento não apenas promove a conservação ambiental, mas também incide diretamente sobre a qualidade de vida das pessoas, demonstrando a integração entre as dimensões social, econômica e ambiental dessa metodologia.

Na percepção dos participantes 1 e 5, em relação às tecnologias sociais, eles mencionam que:

*“Depois do recaatingamento foi que veio esse aproveitamento de água. Aí com o aproveitamento da água foi que comecei a plantar essas frutíferas, assim. Então, antes da **intervenção**, do recaatingamento, era feito só os **plantios de chuva** assim, a gente tinha só os plantios de chuva. Não tinha o quintal, né? Aí depois do recaatingamento foi que veio o quintal, que passei a desenvolver isso, né? [...] Hoje tem bastante resultado. Tanto na área do recaatingamento que já tem várias plantas renovando, nascendo, e são as mudanças visíveis, bem visíveis. E junto com isso pra os quintais veio bastante forma de desenvolvimento de **aproveitamento de água**, que antes era jorrada ao chão, com muito mal cheiro, com muito **esgotos** lá, e hoje a gente já vê uma mudança depois do recaatingamento, que foi os benefícios que chegou junto com o recaatingamento. Veio cisterna também, Veio os biodigestores, os reatores UASB que veio junto. Bastante mudança já. Muitas **tecnologias**. Os fogões ... Os fogões, agroecológicos também.”*
(Participante 1, 2024, grifo nosso).

[...] Veio as tecnologias, que foi os tanques, veio o barreiro de trincheira, que é o que a gente usa pra molhar as mudas. Lá na área, né? Tem a bomba com placa solar que facilita a irrigação. É interessante também. Teve um tanque que foi feito fora da área, que é quem dá água aos animais não tinha água pros animais nessa área aberta. Ah, o tanque nunca seca. É um tanque enorme e nunca foi falta água pros animais.
(Participante 5, 2024)

Os depoimentos dos Participantes 1 e 5 retratam o Recaatingamento como uma alternativa de fortalecimento da produção e implantação de quintais produtivos, não se limitando apenas as questões ambientais, mas também a produção familiar a partir da introdução de tecnologias sociais que dão subsídios aos agroecossistemas

familiares e garantem a resiliência da comunidade diante das adversidades climáticas.

A implementação de infraestruturas hídricas, como cisternas, reatores UASB (Upflow Anaerobic Sludge Blanket) – também conhecidos pelas famílias como sistema de reuso total –, fogões agroecológicos, barreiros trincheira e tanques de água para os animais, trouxe uma nova dinâmica de produção e manejo equilibrado. O sistema de reuso total permite o tratamento biológico dos efluentes, como o esgoto, por meio da digestão anaeróbia. Após esse processo, a água tratada é reutilizada pelas famílias em sistemas de irrigação, otimizando o aproveitamento dos recursos hídricos. Essas iniciativas promoveram a segurança hídrica e ampliaram a diversidade produtiva das famílias da comunidade de Malhada da Areia, fortalecendo sua resiliência frente às condições climáticas adversas.

O relato do Participante 1 destaca um dos impactos mais significativos do Reaatingamento, especialmente no que se refere à implementação de tecnologias sociais voltadas para o aproveitamento da água como elemento central na transformação na vida das famílias da comunidade. Antes da chegada dessa metodologia, a água utilizada no banho, na pia e em outras atividades domésticas era desperdiçada, resultando em esgoto a céu aberto, como mencionado pelo participante: *"antes era jorrada ao chão, com muito mal cheiro, com muito esgotos."*

Com a introdução do sistema de tratamento dos resíduos, essa problemática foi solucionada, eliminando os impactos negativos do esgoto a céu aberto e, ao mesmo tempo, suprimindo a demanda hídrica dos quintais produtivos. Agora, as famílias conseguem manter um sistema de irrigação eficiente, permitindo o cultivo de frutíferas que antes não era viável devido à escassez de água. Antes da intervenção, os cultivos eram sazonais e limitados, restringindo tanto a produção alimentar quanto a geração de renda. Com o Reaatingamento, a comunidade experimenta um novo cenário, no qual a segurança hídrica possibilita a diversificação produtiva e fortalece a autonomia das famílias, garantindo uma melhor convivência com o Semiárido.

Na perspectiva da Tecnologia Social como instrumento de transformação, as reflexões dos participantes afirmam como essas tecnologias implementadas no contexto do Reaatingamento são mais do que simples inovações técnicas, elas representam ferramentas de empoderamento comunitário e de transformação estrutural da realidade do Semiárido. A implementação dessas práticas transforma a relação da comunidade com o território, promovendo um manejo consciente dos recursos naturais e, simultaneamente, assegurando o acesso a bens essenciais para

a qualidade de vida das famílias.

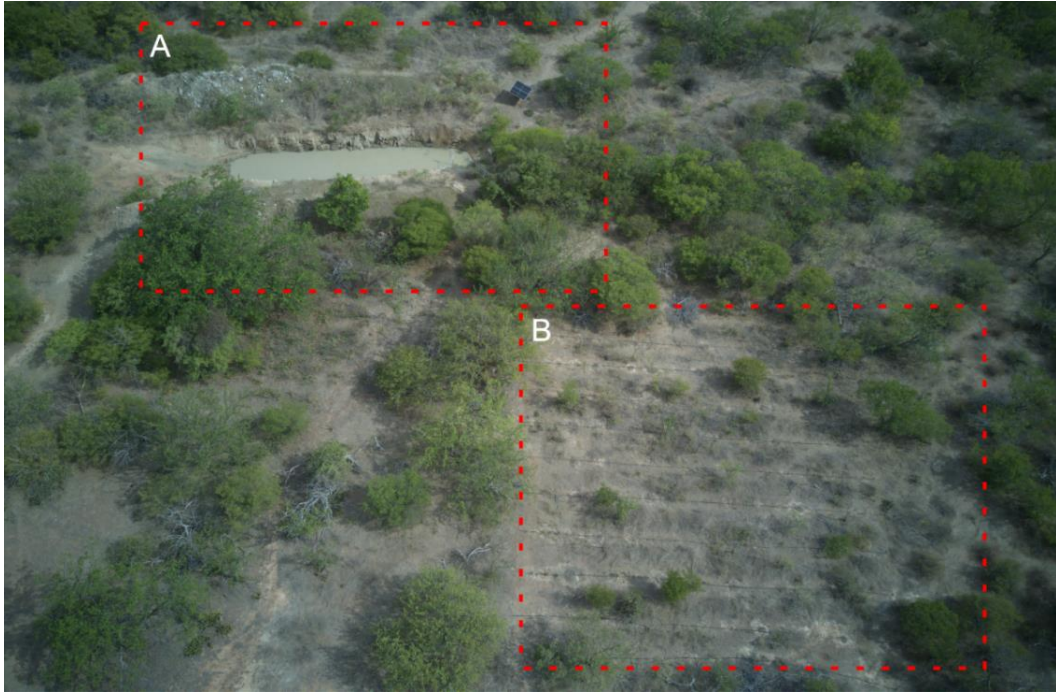
Para potencializar essa prática e solucionar a problemática de saneamento básico rural na comunidade, seria interessante que as tecnologias sociais pudessem chegar a todas as famílias da comunidade.

O participante 5 afirma a importância das tecnologias sociais para a recuperação ambiental na manutenção da vegetação na área isolada e a criação de animais na área de fundo de pasto da comunidade de Malhada da Areia. O relato destaca dois elementos centrais: o barreiro de trincheira e o tanque de abastecimento para os animais, tecnologias que desempenham papéis fundamentais na resiliência da comunidade diante dos desafios climáticos, com a água do barreiro a comunidade faz a irrigação de salvação na agrofloresta implantada como experimento, onde está sendo testada as espécies que melhor se adaptam na região para posteriormente as famílias da comunidade replicarem esse experimento em suas áreas individuais. Quanto ao tanque, este fica localizado na área de fundo de pasto e tem como principal objetivo suprir a demanda hídrica dos animais soltos na área de fundo de pasto.

Desse modo, as tecnologias sociais desempenharam um papel essencial na transformação da realidade local, promovendo segurança hídrica, fortalecimento dos agroecossistemas familiares e garantindo maior autonomia produtiva às famílias.

Almejando esclarecer visualmente aos leitores um pouco mais sobre as Tecnologias Sociais, as Figura 19 e 20 a seguir apresentam mosaicos de imagens abordando algumas das Tecnologias Sociais citadas pelos participantes.

Figura 19 - Imagens de Tecnologias na Área Isolada do Recaatingamento.



Fonte: Dados da autora (2025)

Nesse contexto, a Figura 19 apresenta duas Tecnologias Sociais implantadas na área isolada do Recaatingamento, evidenciando sua importância para a sustentabilidade ambiental e produtiva. Na imagem A, destaca-se o Barreiro Trincheira, uma infraestrutura essencial para o armazenamento de água, garantindo suporte hídrico durante os períodos de estiagem. Já a imagem B ilustra a Agrocaatinga, onde está sendo realizada uma experimentação de plantio consorciado de espécies nativas e frutíferas. Nesse sistema, a água armazenada no Barreiro Trincheira é utilizada para a segurança hídrica por meio do gotejamento, garantindo o desenvolvimento das plantas mesmo em condições climáticas adversas, buscando promover o fortalecendo a resiliência produtiva da comunidade.

Quanto a Figura 20 a seguir, esta dispõe sobre as tecnologias nas unidades familiares.

Figura 21 - Tecnologias Sociais implantadas nas Unidades Familiares.



Fonte: Dados da autora (2025)

A Figura 20 ilustra algumas das tecnologias implementadas nas unidades produtivas das famílias, evidenciando soluções inovadoras que promovem avanços nas áreas de saneamento, eficiência energética e segurança hídrica.

Na imagem A, observa-se o Sistema de Reuso Total, uma tecnologia voltada ao tratamento de resíduos domésticos. Além de promover o saneamento básico, o sistema permite o reaproveitamento da água tratada para irrigação de plantas frutíferas, estabelecendo um desenvolvimento ambientalmente equilibrado dentro das unidades produtivas.

A imagem B apresenta o fogão ecológico, uma alternativa eficiente que reduz

significativamente o consumo de lenha, diminui a emissão de fumaça e proporciona economia para as famílias. Essa tecnologia também contribui para a preservação da vegetação nativa, ao diminuir a pressão sobre os recursos florestais locais.

Por fim, a imagem C destaca a cisterna calçadão, fundamental para o armazenamento de água voltada à produção agrícola. Essa tecnologia amplia a autonomia hídrica das famílias, favorecendo a diversificação e o fortalecimento da produção de alimentos com qualidade e segurança.

Juntas, essas inovações fortalecem os agroecossistemas familiares e promovem melhorias concretas na qualidade de vida das famílias da comunidade.

No entanto, apesar dos avanços alcançados por meio da metodologia do Recaatingamento a comunidade percorreu uma trajetória desafiadora, a adoção dessas práticas exige muito da participação e o envolvimento das famílias, de capacitação contínua dos agricultores/as e a resistência de alguns membros da comunidade em relação a novas metodologias de manejo, inicialmente foi um desafio, como destaca o participante em seu fala:

*“Na área do recaatingamento, a gente teve um pouco de impassividade, porque não teve muita aceitação de início. A gente teve um pouco de **difículdade na aceitação**, mas só que hoje a gente já consegue, quem não era tão a favor do recaatingamento, hoje já está junto com a gente, cuidando junto, se engajando, e também muita gente também não queria aceitar esses sistemas que foi implantado nas casas, porque achava que ia ter uma certa **difículdade de manuseio**, que não ia ter o cuidado que merece, que ia ser um trabalho a mais que ia ter. Mas na verdade não é tanto trabalho, porque é uma coisa que você faz dentro de 10 minutos, você consegue fazer uma limpeza e resolver todo o problema de mal cheiro, quando você faz a limpeza, você passa 2 ou 3 meses com o sistema limpo”* (Participante 1, 2024).

*“No início não é muito fácil, porque a pessoa tá acostumada com outro ritmo. Com uma metodologia totalmente diferente, né? Aí a gente vai se adaptando aos poucos. Acha que não vai dar certo, mas quando faz, dá certo, E a gente aprendeu muito. **O maior desafio foi a questão dos animais não poderem ir pra área.** Foi o mais difícil. Mas que vai ter um resultado positivo”* (Participante 5, 3034, grifo nosso).

Os relatos dos Participantes 1 e 5 revelam os desafios enfrentados na implantação do Recaatingamento na comunidade Malhada da Areia, destacando aspectos fundamentais que influenciaram a aceitação e adaptação da metodologia. Como qualquer mudança de paradigma, a transição para adoção de novas práticas e o uso de tecnologias sociais exigiram um período de aprendizado, convencimento e

aceitação. Um dos principais desafios apontados pelo Participante 1 foi a resistência inicial de alguns membros da comunidade em relação ao isolamento da área destinada ao Recaatingamento e à implantação dos sistemas domiciliares. A percepção inicial era que essas mudanças demandariam um trabalho extra para as famílias, isso dificultou a adesão inicial. No entanto, como evidenciado pelo relato, à medida que os benefícios começaram a ser percebidos, houve uma mudança de mentalidade, e aqueles que inicialmente eram contra passaram a apoiar a iniciativa e a contribuir para sua manutenção. Esse processo de aceitação gradual está alinhado à ideia de que a adoção de novas tecnologias e metodologias exige uma fase de sensibilização e adaptação, na qual o envolvimento ativo da comunidade é essencial para garantir o sucesso das ações implementadas.

Além da resistência à adoção das tecnologias sociais, outro desafio mencionado pelo Participante 5 foi a dificuldade em adaptar-se às novas dinâmicas de manejo da área isolada do Recaatingamento. A proibição da entrada dos animais na área representou uma mudança significativa na rotina da comunidade, já que, tradicionalmente, o pastoreio era feito livremente, sem restrições espaciais. Esse tipo de ajuste demanda não apenas a conscientização sobre a importância da regeneração da Caatinga, mas também estratégias com alternativas para garantir o bem-estar dos animais sem comprometer o objetivo da restauração ambiental. Conforme o relato, apesar da dificuldade inicial, a comunidade gradativamente compreendeu a relevância da iniciativa e passou a acreditar nos impactos positivos do isolamento da área para a regeneração da vegetação nativa.

O processo de adaptação às novas metodologias, como evidenciado nos depoimentos, reforça a importância da participação comunitária na implementação do Recaatingamento, remetendo a ideia de que essa construção acontece baseada na educação popular. Nesse sentido, a resistência inicial à metodologia e às tecnologias sociais pode ser compreendida não como uma negação do processo em si, mas como uma etapa natural de transição, em que o aprendizado ocorre de maneira contínua e dialógica.

Outro ponto relevante nos relatos é a valorização da experimentação prática como forma de superar as incertezas iniciais. O Participante 5 menciona que, apesar do receio inicial, a experiência demonstrou que as mudanças eram viáveis e que os benefícios se tornaram evidentes com o tempo. Esse aspecto reforça a importância de metodologias participativas, nas quais a comunidade se torna protagonista do

processo, testando, avaliando e ajustando as práticas de acordo com suas necessidades e realidades específicas.

Para o técnico de campo do IRPAA que acompanha a comunidade os principais desafios na implantação do recaatingamento foram:

“Trabalhado coletivo (mutirão para isolamento da área), não aceitação por parte da comunidade para desenvolver as ações do Recaatingamento, não acreditar que as ações iriam acontecer, distancia da área para a comunidade, construções dos postes de concreto (deslocamento do material de construção dentro da área a ser isolada)” (Técnico de Campo do IRPAA, 2024).

*“Então, o principal desafio era ter uma proposta que não existe. Todas as propostas que tem são baseadas no cultivo de mudas. Ou plantar as mudas. Ou jogar. Ou jogar sementes, né? E nascer e tal. E se espera que, em cinco anos, aquele ambiente esteja já em um bom estado de desenvolvimento. É assim na Amazônia, né? É assim na Mata Atlântica. Então, se pensa muito nisso. E o outro era mais de recuperar a área do que, exatamente, de manter a Caatinga conservada. Mas como recuperar a área? Está degradada. Metade da Caatinga está degradada. Então, como recuperar? A partir do plantio de mudas. E, para a comunidade, era como fazer a recuperação da área e conviver com os animais. Então, bom, a gente tentou, no começo, plantar mudas. Plantamos mais de 200 mil mudas. Em sete comunidades. E todas morreram. Né? Morreu porque... A gente planejou que a chuva ia chegar em março. E aí preparamos as mudas para tomar um bom em março. A chuva veio em dezembro. Aí as mudas estavam pequenininhas, plantamos e morreu. Aí, no ano seguinte, preparamos as mudas para dezembro. A chuva veio em março. Aí as plantas já estavam grandes, as mudas, né? A raiz estava enrolada e morreu. Aí, se a gente acertou na época certa. Mas a chuva foi irregular demais. Choveu para plantar. Depois ficou um mês, 60 dias até, sem chover. As mudinhas morriam. Então, a gente chegou à conclusão que **o plantio de mudas convencional não seria a melhor opção**. Então, a gente avançou com a ideia da **regeneração natural acompanhada**. Né? Ou seja, a gente cria condições de matéria orgânica e de umidade no solo. E espera que as sementes germinem por conta própria. No seu tempo. Então, daí veio a ideia de dessa melhoria do solo para a regeneração natural. E para isso, precisava **isolar a área mais degradada por conta dos animais**. E mesmo nas áreas que não tem umbu novo na caatinga, porque o bode come a ovelha, o jumento, o boi. Então, nas áreas mais degradadas, se espera, então, que surjam plantas, que surjam plantas principalmente umbuzeiro e as que nascerem não sejam comida para os animais. E é interessante, quando chove, nasce muita planta mesmo. Algumas morrem por conta da umidade natural. E as que sobrevivem, os animais vão e comem. Então, daí, uma parte importante do Recaatingamento é o isolamento da área degradada para a recuperação. Então, esse foi o primeiro ponto. Vamos isolar. E aqui era confuso com a comunidade, porque é uma comunidade tradicional, terra coletiva. Então, fechar uma área é tido como grilagem, roubo de terra. Então, se fechar a área, vai ser de quem? É do presidente da associação? É do IRPAA? É do governo? Vamos perder essa área? Então, algumas comunidades não*

topavam fazer essa parte da recuperação para não isolar, cercar nenhuma área. São áreas grandes, de 50, 100 hectares, que precisa isolar. As que conseguiram chegar a esse acordo, beleza, né? Aqui, vamos isolar a área. Mas, como compensar essa área isolada, que as cabras não vão mais poder andar e tal? Então, aí, iam surgindo outras demandas. Mas, então, estabeleceu dois planos. Um ponto é recuperação das áreas degradadas, isolar. Aí, criamos uma metodologia, né? Isolar essa área. Tem que discutir que cerca era mais interessante, do ponto de vista ecológico e econômico, e social. E, depois, o que fazer dentro da área. Então, plantar mudas não era tão interessante. Mas, fazer barramento nos riachos, para a água passar devagar e infiltrar. Fazer curva de nível nas pontas de morro, para evitar também a enxurrada. Técnica de contenção de água. Infiltração dessa água no solo. E adição de matéria orgânica. Esterco com sementes, que aí, vai fazendo ali, um banco de sementes. Quando for propício, ela vai germinar. E, assim, foram feitas algumas intervenções nesse sentido. Depois, avançamos para que uso dar a essa área isolada. Tem áreas com 15 anos de isolada”.

Na percepção do técnico de campo que acompanha a comunidade, o primeiro obstáculo apontado em sua fala está relacionado à resistência da comunidade quanto à aceitação do Recaatingamento e das tecnologias sociais implementadas. Ele destaca que a desconfiança inicial dos/as agricultores/as se deu, em parte, pelo receio de que as ações propostas não se concretizassem, criando um sentimento de insegurança e descrença.

Quanto ao depoimento do Presidente do IRPAA, este revela que a falta de precedentes e experiências de trabalhos desenvolvidos como a metodologia do Recaatingamento gerou receio entre os moradores, dificultando a adesão inicial ao projeto. Em comunidades tradicionais de Fundo de Pasto, onde o uso coletivo da terra é um princípio estruturante, a ideia de isolar uma área específica para regeneração gerou preocupações quanto à posse do território. Como mencionado no trecho a seguir: *"Aqui era confuso com a comunidade, porque é uma comunidade tradicional, terra coletiva. Então, fechar uma área é tido como grilagem, roubo de terra. Então, se fechar a área, vai ser de quem? É do presidente da associação? É do IRPAA? É do governo? Vamos perder essa área?"*

A preocupação da comunidade quanto ao isolamento da área mostra um dilema entre a necessidade de recuperação ambiental e a preservação dos direitos territoriais. Pelo fato do Fundo de Pasto ser um modelo tradicional baseado no acesso livre à terra para pastoreio, qualquer intervenção que altere essa dinâmica pode ser vista com desconfiança. Essa resistência inicial reforça a importância da mediação e do diálogo contínuo com as famílias da comunidade, garantindo que as ações sejam

compreendidas e apropriadas pela coletividade.

Para o presidente do IRPAA outro desafio significativo enfrentado no processo de implantação do Recaatingamento foi a definição das melhores estratégias para a recuperação da vegetação degradada. Em 2009 quando o Recaatingamento iniciou nas primeiras comunidades, a metodologia era baseada no plantio de mudas, uma técnica amplamente utilizada em outros biomas como a Amazônia e a Mata Atlântica. No entanto, ele destaca que para o bioma Caatinga essa técnica não deu muito certo, pois a alta taxa de mortalidade das mudas plantadas evidenciou um erro metodológico crítico: a falta de previsibilidade das chuvas no Semiárido. A irregularidade do regime pluviométrico impediu que as mudas se desenvolvessem adequadamente.

Nesse sentido, foi adotado de uma nova abordagem como estratégia, a Regeneração Natural Acompanhada, para que essa técnica desse certo ele enfatiza que, *“a gente cria condições de matéria orgânica e de umidade no solo e espera que as sementes germinem por conta própria, no seu tempo”* e desse modo a metodologia foi se adaptando a realidade de cada comunidade.

Essa mudança metodológica representa um marco no processo de adaptação das técnicas às especificidades do bioma Caatinga. A regeneração natural acompanhada se mostrou mais eficiente por respeitar os ciclos naturais do ecossistema, permitindo que a vegetação nativa se regenerasse sem a necessidade de intervenções externas invasivas. No entanto, para que essa abordagem fosse viável, foi necessário isolar áreas degradadas, criando um ambiente protegido da ação dos animais.

Desse modo, se fez necessário cercar áreas para permitir a regeneração natural, e aí surge mais um desafio, o processo de construção da cerca. Como mencionado no relato do Técnico de Campo, a construção dos postes de concreto e a logística para transportar o material até a área isolada foram desafios operacionais. Além disso, a aceitação da comunidade em relação à restrição do pastoreio foi um dos pontos de maior resistência como aponta o Participante 5, *“O maior desafio foi a questão dos animais não poderem ir para a área. Foi o mais difícil. Mas que vai ter um resultado positivo.”* (Participante 5, 2024).

O pastoreio extensivo é uma prática profundamente enraizada no modo de vida das comunidades de Fundo de Pasto. A limitação do acesso dos animais a determinadas áreas representava, para muitos moradores, um impacto direto na sua forma de produção e sustento. No entanto, com o tempo, a compreensão sobre os

benefícios da regeneração da vegetação levou à aceitação gradual da estratégia. O aprendizado empírico foi um fator decisivo para essa mudança de percepção, conforme mencionado no relato: *"No início, não é muito fácil, porque a pessoa tá acostumada com outro ritmo. Com uma metodologia totalmente diferente, né? Aí a gente vai se adaptando aos poucos. Acha que não vai dar certo, mas quando faz, dá certo. E a gente aprendeu muito."* (Participante 5, 2024).

Esse trecho reflete um dos aspectos essenciais do Reaatingamento, a adaptação contínua. O processo não se baseia em modelos rígidos, mas sim na experimentação e no aprendizado coletivo. Com o tempo, a observação dos resultados positivos, como a regeneração da vegetação e a disponibilidade de novas fontes de alimento para os animais, ajudou a superar as resistências iniciais.

Por tanto, os desafios enfrentados na implementação do Reaatingamento na comunidade Malhada da Areia reforçam a importância de adotar metodologias adaptativas e participativas. A resistência inicial, as dificuldades operacionais e a ineficácia das primeiras estratégias exigiram um processo contínuo de diálogo e experimentação, onde o conhecimento local foi fundamental para a construção de soluções eficazes. A transição da ideia inicial de plantio de mudas para a abordagem da Regeneração Natural Acompanhada demonstra como o aprendizado prático e o envolvimento da comunidade são essenciais para o sucesso de iniciativas de restauração ambiental no Semiárido.

Uma das principais potencialidades que contribuíram para a superação dos desafios enfrentados pela comunidade foi o forte engajamento coletivo das famílias. A união e a participação ativa dos moradores desempenharam um papel fundamental na construção de soluções compartilhadas, fortalecendo a organização comunitária e garantindo a continuidade das ações desenvolvidas. Como relata o participante:

*Rapaz, o que eu achei mais marcante foi ver o **engajamento** das pessoas, que a gente aqui sempre, cada um fazia a sua parte, E eu mesmo não via o que os vizinhos estavam fazendo, mas quando a gente passou a se **reunir**, quando a gente passou a se reunir e todo mundo trabalhar junto, o coletivo, aí abriu a mente de muitas pessoas aqui para que a gente possa estar mais unido. A **união**, a amizade. Pessoas que você não ia com a cara daquela pessoa e ele caiu lá trabalhando, brincando, conversando com a gente, acaba hoje sendo uma pessoa de confiança quando você precisa, você vai lá, conversa. Participante 3, 2024, grifo nosso).*

"A gente, quando a gente abraça uma causa, todo mundo abraça aquela

causa, sabe? É um negócio assim, se vai, vamos. Vamos, todo mundo abraçar. Eu acho que é isso. Assim, em todo lugar, tem aqueles que estão à frente, tem aqueles que ficam ali. Mas se você for lá e dizer, ei, bora cuidar, bora cuidar, o pessoal vem” (Participante 4, 2024)

Os depoimentos dos Participantes 3 e 4 revelam um dos aspectos mais marcantes do Recaatingamento na comunidade de Malhada da Areia: o fortalecimento do senso de coletividade e engajamento social. O processo de recuperação ambiental não se limitou apenas à restauração da Caatinga, mas também teve impactos significativos na dinâmica comunitária, promovendo maior interação, cooperação e organização entre as famílias.

O depoimento do Participante 3 destaca que, antes da implementação do Recaatingamento, cada morador cuidava de suas próprias atividades de forma isolada, sem um envolvimento maior com os demais. A chegada da metodologia proporcionou um ambiente de colaboração, onde a união da comunidade se tornou um fator determinante para o sucesso das ações. O mutirão, os encontros e os momentos de trabalho coletivo passaram a ser espaços de troca e fortalecimento das relações sociais, fazendo com que as pessoas passassem a enxergar seus vizinhos de uma forma diferente, construindo novas relações de confiança e solidariedade.

Essa transformação dialoga com o conceito de capital social (Putnam, 1993), que se refere à capacidade de uma comunidade em construir redes de cooperação e confiança mútua para alcançar objetivos comuns. O Recaatingamento funcionou como um catalisador desse processo, promovendo maior coesão social e tornando os desafios coletivos mais gerenciáveis. Esse fenômeno é fundamental em comunidades rurais, onde a interdependência e a colaboração podem garantir a resiliência diante das adversidades climáticas e socioeconômicas.

O depoimento do Participante 4 complementa essa ideia ao enfatizar que, dentro da comunidade, quando um projeto ou causa é abraçado, há um esforço conjunto para que ele aconteça. Ele reconhece que, mesmo em um grupo, existem diferentes níveis de engajamento, alguns moradores tomam a iniciativa, enquanto outros aguardam um estímulo externo para se envolverem. No entanto, uma mobilização ativa é capaz de trazer esses indivíduos para a ação coletiva.

Após superar desafios significativos no processo de implantação do Recaatingamento, a comunidade de Malhada da Areia agora se encontra diante de novas possibilidades e perspectivas para o aprimoramento e expansão dessa metodologia. A experiência acumulada ao longo desses quase 5 anos, vem

fortalecendo o entendimento e o pertencimento da comunidade quanto a metodologia do Recaatingamento.

Com os aprendizados adquiridos na fase inicial, a comunidade e os atores envolvidos, como o IRPAA, buscam estratégias que ampliem os impactos positivos dessa prática, promovendo tanto a conservação ambiental quanto o fortalecimento da autonomia das famílias. As novas perspectivas para o Recaatingamento envolvem o aprimoramento das técnicas já desenvolvidas, a ampliação da participação comunitária e a criação de políticas públicas que garantam a continuidade dessa metodologia em outras comunidades tradicionais de Fundo de Pasto.

Olhando para o futuro os entrevistados cotam que:

*“Os planos para o futuro, começando pela área do recaatingamento, a gente pensa em **manter o recaatingamento**. Porque é um projeto que tem um prazo de dez anos e a comunidade se reunir para ver se a gente continua com o recaatingamento ou se dez anos se a gente abre a área. E pela que a comunidade está falando, é uma coisa que vai seguir por muitos anos. E é uma prática que a gente está vendo no recaatingamento e fazendo em outras propriedades. Então, é... Então, além da área lá cercada, as **pessoas de forma individual estão fazendo nas suas...** práticas individuais em suas áreas. Então, a ideia é continuar com o recaatingamento. Multiplicar”. Participante 1, 2024, grifo nosso).*

“Se depender de mim, uma das cercas já fica no local, e a gente tira as outras três e passa para o outro lado, cercando uma nova área e continuar fazendo isso sempre, até fechar a nossa caatinga toda. Muito interessante” (Participante 3, 2024).

As reflexões abordadas nas falas dos participantes 1 e 3 refletem uma visão clara e determinada sobre a continuidade do Recaatingamento na comunidade Malhada da Areia. Esses relatos demonstram que, apesar dos desafios enfrentados na implementação da metodologia, a prática se consolidou como um elemento essencial na dinâmica comunitária, e a tendência é que sua continuidade seja garantida e ampliada nos próximos anos.

O depoimento do Participante 1 destaca que a perspectiva de futuro do Recaatingamento não se limita apenas à manutenção da área isolada dentro do período previsto de dez anos. O depoimento indica que a metodologia não só se tornou uma referência dentro da comunidade, mas também influenciou práticas individuais, uma vez que os moradores começaram a adotar técnicas de regeneração da Caatinga em suas propriedades. Esse fator é crucial para a sustentabilidade da iniciativa, pois demonstra que o aprendizado e os benefícios advindos do

Recaatingamento estão sendo internalizados pelas famílias, promovendo um efeito multiplicador. Essa disseminação das práticas reforça a capacidade de autonomia da comunidade e reduz a dependência de intervenções externas, garantindo que o Recaatingamento se torne um legado não só para a comunidade, mas para a região.

Já o Participante 3, apresenta uma proposta concreta para a ampliação do Recaatingamento, sugerindo um modelo rotativo de regeneração, no qual parte das cercas já existentes permaneceria no local, enquanto outras seriam deslocadas para novas áreas, garantindo uma expansão contínua do processo. O modelo proposto pelo participante se assemelha à prática do pousio rotativo, em que determinadas áreas são protegidas por um tempo específico para permitir sua regeneração natural, enquanto outras áreas são manejadas para produção ou outras atividades econômicas. Essa abordagem permite a expansão gradual do Recaatingamento, ao mesmo tempo em que garante a utilização equilibrada dos bens naturais.

Na visão do presidente do IRPAA:

*“A perspectiva é de manter isso, que esse trabalho que as comunidades fazem de **resistência** nesse projeto anime agora a gente conseguir projetos maiores. Então, estamos trabalhando, quantas comunidades de fundo de pasto tem na Bahia? Mapear essas comunidades e mostrar que essas comunidades formam aqui um corredor ecológico. Uma está conectada com a outra. Então, não é uma área individual aqui, é uma área individual acolá, são áreas grandes. Se cada comunidade tem dois mil hectares, então a gente pode ter mais dois milhões de hectares conservadas pelas comunidades tradicionais. Então, quantos por cento do estado representa essa área? Na COP30 o estado brasileiro se comprometeu em até 2030 ter 30% do território em áreas de reserva e de conservação. Então, as comunidades podem oferecer serviço ao estado, pois elas já fazem. O estado reconhecer essas comunidades como promotores de serviço ambiental coletivo. Não esse de uma propriedade ou outra, mas a coletiva das comunidades. Então, mais uma condição para que o governo se anime a conservar e proteger essas comunidades. E dar suporte. Dar o suporte jurídico, no sentido de reconhecimento fundiário, e depois técnico, no sentido de assessoria e financeiro. Então, os vários elementos que o Recaatingamento incorpora hoje, a gente está trabalhando para que se transforme no **modelo de política pública** ou no mínimo um **programa de governo** para a recuperação da Caatinga e minimização da mudança climática e com esses três aspectos, recuperar e conservar a Caatinga, melhorar a questão social das famílias, incluindo as tecnologias, a segurança da posse terra, e também melhorar a renda”* (Presidente do IRPAA, 2024, grifo nosso).

No seu depoimento o presidente do IRPAA ela projeta uma visão ampla e estratégica para o futuro do Recaatingamento, consolidando-o como uma ação de

resistência e sustentabilidade, não apenas na Malhada da Areia, mas em diversas comunidades tradicionais de Fundo de Pasto na Bahia. Essa perspectiva reforça que o Recaatingamento pode ir além de um conjunto de práticas locais, assumindo um papel de modelo replicável para políticas públicas de conservação ambiental, fortalecimento comunitário e mitigação dos impactos das mudanças climáticas.

Um dos principais pontos abordado no depoimento é a possibilidade de mapear e articular as comunidades de Fundo de Pasto em uma estratégia integrada de conservação ambiental. O presidente do IRPAA menciona a criação de um corredor ecológico, no qual áreas manejadas pelas comunidades poderiam ser reconhecidas como territórios conservados de forma coletiva. Nesse sentido, vale destacar a importância da conectividade entre áreas naturais para garantir a manutenção da biodiversidade, especialmente em biomas fragmentados como a Caatinga. A integração entre as comunidades, portanto, poderia contribuir significativamente para a conservação do bioma e para a valorização dos territórios sob gestão comunitária.

Outro aspecto relevante identificado, é o papel das comunidades tradicionais na prestação de serviços ambientais. O Recaatingamento já representa uma estratégia consolidada de restauração ecológica e manejo consciente do bioma Caatinga, e sua ampliação pode contribuir para as metas ambientais assumidas pelo Brasil em acordos internacionais, como a COP30. O compromisso do país de conservar 30% do território em áreas de reserva e conservação até 2030 abre espaço para o reconhecimento oficial das áreas manejadas pelas comunidades como parte dessa meta. Isso reforça a necessidade de políticas públicas que reconheçam o trabalho dessas comunidades como agentes ativos na conservação da Caatinga e na adaptação às mudanças climáticas, garantindo-lhes suporte técnico, jurídico e financeiro.

Além do aspecto ambiental, o depoimento também destaca a necessidade de fortalecer a questão social e econômica das comunidades. A perspectiva é que o Recaatingamento continue incorporando tecnologias sociais que garantam o acesso à água, segurança alimentar e autonomia na geração de renda. A implementação de tecnologias como barreiros trincheira, biodigestores, reúso de água e sistemas agroflorestais já demonstrou impactos positivos na Malhada da Areia, e a proposta é que essas soluções sejam ampliadas e adaptadas para outras comunidades.

Por fim, a discussão sobre a segurança fundiária surge como um dos pilares para a continuidade e expansão do Recaatingamento. O reconhecimento das

comunidades como territórios de Fundo de Pasto e sua legalização são essenciais para evitar processos de grilagem e expropriação, garantindo a permanência das famílias em seus territórios. Esse reconhecimento, além de resguardar a posse da terra, fortalece a autonomia das comunidades na tomada de decisões sobre a gestão dos bens naturais, impedindo que interesses externos comprometam os avanços conquistados pelo Recaatingamento.

Desse modo, as perspectivas futuras apontadas no depoimento do presidente do IRPAA indicam que o Recaatingamento tem potencial para ser consolidado como modelo de política pública, voltado para a recuperação da Caatinga, fortalecimento das comunidades tradicionais e mitigação dos impactos climáticos. A expansão da metodologia para outras comunidades e sua institucionalização dentro de programas governamentais são caminhos possíveis para garantir que essa experiência não apenas continue na Malhada da Areia, mas se torne referência para todo o Semiárido brasileiro.

4.2ANALISE DOCUMENTAL

A análise documental realizada nesta pesquisa incluiu dois documentos essenciais: o Estatuto do IRPAA e o Acordo Coletivo Interno da Associação de Moradores, Criadores e Produtores Rurais do Povoado de Malhada da Areia e Vizinhanças, (Acordo sobre o uso coletivo da Caatinga). Esses documentos oferecem uma base normativa e prática para compreender as dinâmicas do Recaatingamento e sua relação com as comunidades tradicionais do Semiárido.

O quadro 8, relaciona as informações extraídas desses documentos com os objetivos específicos da dissertação, demonstrando como ambos contribuem para responder às questões centrais do estudo e oferecer uma compreensão mais ampla sobre o impacto do Recaatingamento na comunidade de Malhada da Areia.

Quadro 8– Relação entre os Documentos Analisados e os Objetivos da Pesquisa.

Aspectos	Documentos	
	Estatuto do IRPAA (2015)	Acordo Coletivo Associação de Malhada da Areia (2022)
Propósito Geral	Orientar a atuação no Semiárido brasileiro com foco na valorização das comunidades tradicionais e no manejo equilibrado dos bens naturais.	Regulamentar o uso dos recursos naturais e promover o Bem Viver e a convivência com o Semiárido por meio de práticas comunitárias.
Principais Diretrizes	Promover a convivência com o Semiárido, garantindo os direitos das populações vulneráveis, fortalecendo a agroecologia, a preservação ambiental e a autonomia das comunidades.	Gestão comunitária do território, manejo da Caatinga e fortalecimento da organização social.
Abordagem Ambiental	Preservação da Caatinga, prevenção da desertificação, adoção de tecnologias sustentáveis, como agroflorestas e barramentos de água.	Delimitação de áreas de Recaatingamento, práticas de regeneração ambiental, como meliponicultura e barramentos de pedra.
Abordagem Social	Promoção da educação contextualizada, fortalecimento comunitário e garantia de direitos culturais e territoriais.	Valorização dos mutirões e da união comunitária, educação ambiental e cidadania plena.
Abordagem Econômica	Incentivo a práticas produtivas sustentáveis, geração de renda por meio de tecnologias sociais, como agrocaatingas e quintais produtivos.	Promoção de atividades diversificadas, como apicultura e SAF's e quintais produtivos, incentivando a geração de renda local.

Fonte: Autora (2025)

O Estatuto do IRPAA (Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada) apresenta princípios e diretrizes que orientam sua atuação no Semiárido brasileiro, com foco na valorização das comunidades tradicionais e no manejo responsável dos bens naturais. O Recaatingamento, como uma metodologia central nas ações da instituição, reflete diretamente esses princípios, integrando dimensões ambientais, sociais e econômicas de forma prática e contextualizada.

Entre as finalidades do IRPAA, descritas na seção II, artigo 5º, destaca-se a missão preponderante de **"promover e apoiar iniciativas de defesa e garantia de direitos de populações em situação de vulnerabilidade e risco social, do campo e da cidade"**. Essa diretriz amplia a visão da instituição, conectando a convivência com o Semiárido à proteção dos direitos das comunidades, especialmente aquelas que habitam territórios de Fundo de Pasto.

Além dessa finalidade central, o artigo 5º também apresenta finalidades específicas no parágrafo único, abordando temas como assistência técnica e extensão rural, educação contextualizada, políticas públicas, segurança hídrica,

agroecologia, agricultura familiar, soberania alimentar, comunicação democrática, economia solidária e comercialização. Essas finalidades compõem a base teórico-metodológica da convivência com o Semiárido, fundamentando práticas que integram a preservação ambiental à melhoria das condições de vida das populações.

Entre essas finalidades específicas, dois incisos se destacam pela relação direta com o Recaatingamento:

Inciso XIII: "Contribuir para o desenvolvimento de estratégias de convivência com os biomas e seus ecossistemas, preservando e defendendo os territórios dos povos e comunidades tradicionais, apoiando, desenvolvendo e aplicando tecnologias sociais."

Inciso XIV: "Fortalecer iniciativas de convivência com o Semiárido a partir da construção dos conhecimentos da agroecologia, na perspectiva de enfrentamento aos efeitos das mudanças climáticas, prevenção e combate à desertificação" (Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada, 2015, p. 2).

Esses incisos são pilares que orientam as ações do IRPAA, conectando diretamente a convivência com a Caatinga às necessidades das comunidades locais. O inciso XIII reforça a necessidade de preservar os territórios tradicionais e promover tecnologias sociais adaptadas às realidades locais, enquanto o inciso XIV destaca a integração dos princípios agroecológicos como base para enfrentar os desafios climáticos e prevenir a desertificação. Ambos os incisos fortalecem a autonomia das comunidades ao proporcionar ferramentas que as capacitam a desenvolver estratégias de manejo equilibrado com os ecossistemas locais.

O Recaatingamento está diretamente alinhado a essas diretrizes, contribuindo para a conservação do bioma Caatinga como patrimônio natural e cultural. Ele também incentiva o uso de tecnologias apropriadas para o Semiárido, como sistemas agroflorestais, barreiro trincheira, fogões ecológicos e outras inovações que refletem o compromisso do IRPAA com Bem Viver das populações. Essas práticas são evidentes nas ações de plantio de espécies nativas, reaproveitamento de água e promoção de quintais produtivos, que fortalecem a integração entre preservação ambiental e melhoria das condições de vida das famílias.

Ademais, o Estatuto do IRPAA destaca a importância de integrar o desenvolvimento das famílias às práticas de preservação e conservação ambiental. Essa integração é um dos fundamentos do Recaatingamento, que se baseia em três pilares essenciais:

1. **Ambiental:** Conservação e recuperação da vegetação nativa e do solo, promovendo o equilíbrio ecológico.
2. **Social:** Garantia de moradia digna, saneamento básico e acesso à educação contextualizada, valorizando as necessidades humanas.
3. **Econômico:** Implantação de iniciativas que gerem autonomia e renda para as famílias, como as agrocaatingas e os quintais produtivos.

Por meio desses pilares, o Recaatingamento concretiza a missão do IRPAA de harmonizar o uso dos bens naturais com o desenvolvimento das comunidades. Ele transcende a recuperação ambiental, tornando-se uma prática que promove a convivência com o Semiárido, preservando a Caatinga e fortalecendo a autonomia das populações locais.

No âmbito da construção do conhecimento, o IRPAA adota a educação popular como um instrumento transformador, capaz de mobilizar comunidades para a implementação de práticas. No Recaatingamento, a educação é central, pois a metodologia é construída em diálogo com a comunidade, adaptando-se às necessidades e saberes locais. Isso reforça a ideia de que o processo é mais pedagógico do que técnico, uma característica essencial para a sua eficácia.

Ao analisar o Estatuto do IRPAA, fica evidente que o Recaatingamento não é apenas uma prática ambiental, mas uma manifestação prática da missão e dos valores da instituição. Ele reflete a busca pelo Bem Viver no Semiárido, promovendo:

- Participação comunitária ativa.
- Valorização do Fundo de Pasto como modelo tradicional e coletivo.
- Resistência à desertificação e mitigação de seus efeitos.

Correlacionando a leitura do Estatuto do IRPAA com estudos já realizados, observa-se que, mesmo antes de implementar o Recaatingamento, a organização já demonstrava um compromisso sólido com o desenvolvimento de ações voltadas para a conservação e preservação ambiental. Essas iniciativas tinham como objetivo principal a proteção da biodiversidade e a manutenção dos ecossistemas locais, alinhando-se às necessidades do Semiárido e ao fortalecimento das comunidades tradicionais.

Santos, J. C. N (2024), apresenta em sua dissertação alguns resultados das ações desenvolvidas em comunidades assessoradas pelo IRPAA, estes culminam

com os incisos citados acima. Enquanto Santos. L. A (2024, p. 95), relata que: “Na percepção dos moradores, houve um avanço ambiental após o Recaatingamento, reduzindo principalmente as práticas de queimadas e desmatamento, favorecendo o rebroto da Caatinga.”

A tese de Marinho (2021), aponta que o IRPAA se posiciona contra o paradigma de combate à seca, promovendo a Convivência com o Semiárido como uma alternativa que valoriza o conhecimento agroecológico e as práticas sustentáveis adaptadas às condições da região.

Nesse sentido os trabalhos desses autores reforçam a importância e a preocupação da instituição em desenvolver ações que promovem a harmonia entre os povos e o meio em que estão inseridos, realizando atividades que buscam a mitigação dos efeitos das mudanças climática e de conservação da vegetação nativa.

Pode ser observado também a partir dos resultados do trabalho de Santos, J. C. N (2024), que há um forte enfoque no empoderamento das comunidades tradicionais, assegurando seus direitos territoriais e culturais e garantindo sua participação ativa na gestão dos bens naturais. A inovação e a adaptação tecnológica são incentivadas através do desenvolvimento e aplicação de tecnologias sociais apropriadas para a realidade do semiárido.

Atrelando esses estudos ao que o IRPAA expõe no seu Estatuto, podemos dizer que a resiliência climática é promovida pela adoção de práticas agroecológicas que aumentam a capacidade das comunidades de lidar com as mudanças climáticas, prevenindo e combatendo a desertificação.

Esses elementos culminam com as ações e metodologias do Recaatingamento e estão voltadas para o Bem viver, a inclusão social e a adaptação às mudanças climáticas, promovendo o desenvolvimento justo no semiárido brasileiro.

Desse modo, o Estatuto do IRPAA fornece a base normativa e filosófica para a implementação do Recaatingamento como metodologia central na convivência com o Semiárido. Ele destaca a importância de ações integradas que promovam não apenas a restauração ambiental, mas também o desenvolvimento social e econômico das comunidades. Assim, o Recaatingamento emerge como uma resposta prática e inovadora aos desafios enfrentados pela Caatinga e pelas populações que nela vivem, alinhando-se plenamente às diretrizes institucionais do IRPAA.

Nesse sentido, a análise do Estatuto do IRPAA permite compreender como as diretrizes institucionais da organização se traduzem em ações concretas dentro da

comunidade de Malhada da Areia, contribuindo diretamente para os objetivos da pesquisa sobre o Recaatingamento nessa localidade específica. Ao estabelecer princípios como a valorização das comunidades tradicionais, a defesa dos territórios de Fundo de Pasto e o manejo consciente da Caatinga, o IRPAA fornece um suporte essencial para a implementação do Recaatingamento como uma metodologia que vai além da recuperação ambiental e se consolida como um processo sociotécnico de transformação comunitária.

A partir do Estatuto do IRPAA, é possível contextualizar a trajetória histórica do Recaatingamento na comunidade, dentro de um processo mais amplo de fortalecimento das comunidades tradicionais no Semiárido. O inciso XIII do artigo 5º, por exemplo, destaca a importância da preservação dos territórios e do desenvolvimento de tecnologias sociais, o que dialoga diretamente com a experiência de Malhada da Areia, onde o Recaatingamento emergiu como uma resposta às ameaças externas, como a grilagem de terras, e como uma ferramenta para consolidar o direito das famílias ao território coletivo.

A pesquisa identifica os fundamentos teóricos e metodológicos do Recaatingamento, evidenciando sua construção a partir do conhecimento agroecológico e da educação popular. O Estatuto do IRPAA reforça essa abordagem ao enfatizar a convivência com o Semiárido e a produção resiliente baseada em princípios agroecológicos (Inciso XIV). Na Malhada da Areia, a adoção de estratégias como a delimitação de áreas de manejo ambientalmente equilibrado e o fortalecimento do associativismo comunitário demonstram a aplicabilidade desses princípios na realidade concreta da comunidade.

Outro ponto fundamental da pesquisa está relacionado a caracterização das estratégias de manejo adotadas e/ou superadas nos agroecossistemas do Recaatingamento. Nessa perspectiva o Estatuto do IRPAA permite a importância da autogestão comunitária e da adaptação das práticas produtivas às condições do bioma. Na Malhada da Areia, essa diretriz se materializa na implementação de práticas harmônicas com a Caatinga, como o controle do suporte forrageiro para evitar o superpastejo, a restauração da vegetação nativa por meio da proteção das áreas de Recaatingamento e a valorização das tecnologias sociais, como os sistemas de reuso de água, cisternas de água para a produção, fogões ecológicos e os sistemas agroflorestais.

Por fim, os limites e possibilidades do Recaatingamento na comunidade, pode

ser analisado à luz do Estatuto do IRPAA quando este ressalta a necessidade de um planejamento territorial baseado na realidade local e nos desafios socioeconômicos das populações do Semiárido. O Recaatingamento na Malhada da Areia encontrou desafios como a resistência inicial de alguns moradores às mudanças nas práticas tradicionais e a necessidade de maior infraestrutura para garantir a continuidade das ações. Entretanto, as possibilidades geradas pela metodologia, como a melhoria da regeneração ambiental, a organização comunitária fortalecida e o reconhecimento oficial da comunidade como território de Fundo de Pasto, reafirmam o potencial da iniciativa.

Dessa forma, o Estatuto do IRPAA não apenas orienta as práticas do Recaatingamento, mas se materializa na experiência vivida pelas famílias da Malhada da Areia. A pesquisa permite demonstrar que os princípios institucionais, ao serem aplicados em uma realidade específica, resultam em avanços concretos na gestão territorial, na resiliência socioeconômica e na conservação ambiental da Caatinga. Assim, o Recaatingamento na comunidade científica não pode ser compreendido isoladamente, mas sim como parte de um movimento maior que busca consolidar a Convivência com o Semiárido, garantindo o Bem Viver das populações e a permanência harmoniosa no território.

Foi analisado também o Acordo sobre o uso coletivo da Caatinga que está anexado no Regimento Interno da Associação de Moradores, Criadores e Produtores Rurais do Povoado de Malhada da Areia e Vizinhanças, este, constitui um documento central para compreender as dinâmicas de gestão comunitária e as estratégias de convivência harmônica com o Semiárido. Elaborado coletivamente a partir de orientações do IRPAA e fundamentado em princípios socioambientais, o acordo regula o uso dos bens naturais da Caatinga, promovendo práticas que integram conservação ambiental, manejo e fortalecimento da organização comunitária.

Esta análise busca demonstrar como o Acordo Coletivo traduz em ações práticas os pilares ambiental, social e econômico do Recaatingamento, reafirmando o papel da comunidade Tradicional de Fundo de Pasto Malhada da Areia como um modelo de convivência no Semiárido. A seguir, serão apresentados os aspectos mais relevantes do documento, com ênfase nos capítulos que discorrem sobre o uso coletivo e individual da Caatinga, nas áreas de Recaatingamento e as medidas complementares voltadas à preservação e ao desenvolvimento local.

O acordo coletivo demonstra um forte compromisso com a preservação

ambiental e a conservação do bioma por meio do o manejo dos bens naturais da Caatinga, promovendo o desenvolvimento socioeconômico das famílias. Esses objetivos estão diretamente alinhados aos fundamentos do Recaatingamento, que busca restaurar áreas degradadas, proteger a biodiversidade e mitigar os efeitos das mudanças climáticas enquanto promove a autonomia das comunidades tradicionais.

O documento reforça a conexão entre gestão comunitária e sustentabilidade, destacando que as decisões sobre o uso do território e seus recursos são coletivas e baseadas em princípios de solidariedade e respeito a natureza.

O Capítulo 1 discorre que:

A área coletiva está destinada para o pastoreio dos animais e o extrativismo sustentável pelos sócios da associação aproveitando e preservando os recursos naturais da Caatinga;

Para isso é preciso definir o número máximo de animais por produtor/a na área coletiva, considerando que, se um(a) produtor(a) cria um número menor, outro pode criar um número maior de animais. Isso se regula através do estabelecimento de acordos ou de quotas entre os sócios da associação. O assunto será constantemente discutido nas reuniões da associação, inclusive será debatido com as outras associações vizinhas, para estabelecer e/ou manter o equilíbrio entre o número de animais dos produtores da comunidade, assim havendo o pastoreio de animais de pessoas de comunidades vizinhas, tendo como foco a capacidade de suporte da Caatinga (fundo de pasto). Sempre precisa ter em vista a garantia de condições que permitam a geração de uma renda digna pelas famílias produtoras, cabendo aos sócios, à associação e seus parceiros promover atividades produtivas e comerciais complementares ao agro pastoreio, além do manejo adequado do rebanho para a melhoria do criatório (Acordo coletivo, 2022).

Destarte, o uso coletivo da área da Caatinga é regulamentado com foco na capacidade de suporte do bioma, prevenindo o superpastejo e incentivando práticas de manejo responsável.

Santos, R. R. O. *et al.*, 2024, p. 10, afirmam:

[...] que não se pode romantizar a produção em fundo de pasto, porquanto este como qualquer outro sistema produtivo, também é passível de ações inadequadas ao bioma como o superpastejo de caprinos e ovinos, as práticas remanescentes da criação bovina, cuja herança é a queima em larga escala da flora para a rebrota servir como pasto, bem como a caça e extrativismo predatórios, além das queimadas para os roçados. (Santos, R. R. O. *et al.*, 2024, p. 10)

Nesse sentido, é necessário a definição de quotas para o número de animais e o monitoramento contínuo do plano de manejo nas reuniões comunitárias, assim

reforçando o papel da autogestão comunitária no equilíbrio entre produção e conservação, seguindo a lógica de valorização da Caatinga em pé.

Quanto ao parágrafo 1º do Capítulo 1, este aborda as proibições:

Não é permitido a caça comercial nem a entrada de pessoas de fora para caçar;
 Em relação a retirada de abelhas (apis ou melíponas), é permitido apenas somente os moradores, com cuidado para não degradar tanto o meio ambiente e não é permitido a retirada por pessoas de outras comunidades;
 Não se permite retirada de madeira para fins comerciais;
 Não se permite queimadas na área coletiva;
 Não se permite a exploração de minerais, pedras, fosseis e outros recursos naturais inerentes ao solo;
 A exploração da energia eólica, solar e mineração outros grandes impactos ambientais, não são permitidos na comunidade;
 Não é permitida a venda ou alienação da área coletiva;
 A venda de áreas individuais dentro da comunidade terá preferência para os associados da associação ou mesmo para a própria associação (Acordo coletivo, 2022).

As proibições específicas, como a exploração comercial de madeira, minerais e a prática de queimadas, refletem a preocupação com a preservação ambiental. A vedação à caça comercial e à entrada de pessoas externas reforça a soberania da comunidade sobre seus territórios e recursos.

Nesse sentido, ao ser questionado sobre os desafios do Recaatingamento, o Presidente do IRPAA (2024) descreveu que:

*[...] “desenvolver técnicas de recuperação de solo, fazer esse plano de manejo e também do extrativismo vegetal, que é mais fácil, como tirar o umbu, o maracujá, para não degradar a planta, quantas plantas tirar, não caçar, não botar fogo, não desmatar, não vender madeira. São algumas coisas que a própria comunidade já tinha, a gente melhora isso, mas o **principal gargalo é com relação ao manejo dos animais. De reduzir o número de animais para a capacidade de suporte da área, sem reduzir a renda.** Então, o plano de manejo é mais delicado do que a recuperação da área degradada”.* (Presidente do IRPAA, 2024. Grifo nosso).

A fala do presidente do IRPAA evidencia a complexidade e os desafios enfrentados pelas comunidades tradicionais na implementação de práticas sustentáveis de manejo da Caatinga. Embora o extrativismo vegetal seja apontado como um processo relativamente mais simples de adaptar, a questão do manejo animal emerge como o principal obstáculo no contexto do uso coletivo da Caatinga.

Isso se deve à necessidade de equilibrar a capacidade de suporte do bioma com a geração de renda das famílias, que muitas vezes depende diretamente da criação de animais.

O desafio destacado, “reduzir o número de animais sem comprometer a renda das famílias, ilustra o conflito entre equilíbrio ambiental e a viabilidade econômica”, um dilema recorrente em sistemas de produção rural no Semiárido. A implementação de um plano de manejo mais delicado, como mencionado, requer um envolvimento intenso da comunidade, combinando educação ambiental, adoção de tecnologias apropriadas e apoio técnico especializado para assegurar que o equilíbrio entre conservação e produção seja alcançado.

Essa fala também reforça a importância do diálogo com as comunidades para aprimorar práticas já existentes. Ao mencionar que a comunidade “já tinha algumas práticas” e que o IRPAA busca melhorar essas ações, o presidente destaca o papel do conhecimento local como base para o desenvolvimento de soluções adaptadas e eficazes. A metodologia do Recaatingamento, nesse sentido, se alinha a esse processo ao valorizar o saber local, ao mesmo tempo que introduz elementos técnicos e pedagógicos para promover o equilíbrio ecológico e a autonomia comunitária.

Por fim, o comentário ressalta a relevância do plano de manejo como uma peça central nas estratégias de convivência com a Caatinga. Ele não apenas regula o uso dos recursos naturais, mas também propõe alternativas que fortalecem a resiliência das comunidades frente aos desafios climáticos e ambientais, promovendo a conservação e a preservação do bioma sem comprometer a segurança econômica das famílias.

Esse capítulo também destaca a resistência comunitária a grandes empreendimentos impactantes, como mineração e exploração de energia, alinhando-se às lutas por defesa territorial e preservação ambiental.

Quanto ao Capítulo 2, este aborda o Manejo nas áreas individuais, o Acordo Coletivo incentiva a criação de sistemas que complementem a sustentabilidade do rebanho, com o suporte forrageiro por meio do plantio de bancos de proteína e espécies adaptadas ao Semiárido com práticas agroecológicas e manutenção de pastagens.

Essas diretrizes estão em sintonia com os princípios do Recaatingamento, que valoriza o equilíbrio entre as práticas produtivas e a regeneração ambiental, usufruindo dos bens naturais e ao mesmo tempo mantendo a Caatinga em pé. A

ênfase no uso de plantas nativas e forrageiras adaptadas reforça a importância da convivência com o Semiárido.

Áreas de Recaatingamento é o título do Capítulo 3, nele é destacado a criação de módulos específicos para Recaatingamento dentro da área coletiva, que se revela como uma estratégia inovadora para a recomposição da vegetação nativa. O acordo prevê a delimitação e o isolamento de áreas identificadas pelas famílias como degradadas, por um período mínimo de 10 anos, essa é uma abordagem de longo prazo para restaurar a vegetação nativa e recuperar o solo a partir da utilização de práticas como:

- Barramentos de pedra para conservação de solo, aumentando o acúmulo de matéria orgânica, contendo erosões e contribuindo com a infiltração de água no solo;
- Meliponicultura (abelhas sem ferrão), criação de abelhas como uma alternativa de produção e geração de renda;
- Instalação de Sistemas Agroflorestais (SAFs) ou agrocaatingas, por meio do cultivo consorciado de plantas nativas com frutíferas e outras que possam fomentar a geração de renda.

Essas práticas são um incentivo para a comunidade e reforçam o compromisso das famílias com o equilíbrio dos ecossistemas e a regeneração ecológica.

Nessa perspectiva, o monitoramento da área é realizado por meio de avaliações periódicas, que permitem apontar as manutenções que devem ser realizadas na área do isolamento. Esse processo assegura uma gestão adaptativa e flexível, ajustando-se às necessidades e condições específicas da Caatinga ao longo do tempo.

O capítulo 4 aborda as Medidas Complementares do Recaatingamento, destacando que o Acordo Coletivo não se limita apenas às práticas de manejo, mas também integra aspectos sociais e políticos essenciais, tais como:

- Incentiva a geração de renda diversificada, como apicultura e beneficiamento de produtos extrativistas.
- Promove a educação ambiental e cidadania plena, fortalecendo o engajamento comunitário.
- Reforça a importância de mutirões e união comunitária como pilares da convivência no Fundo de Pasto.

- Estimula a articulação política, como reivindicações por infraestrutura básica e políticas públicas que atendam às necessidades locais.

Essas medidas complementares ampliam a visão do Recaatingamento, conectando a recuperação ambiental às dimensões social e econômica. O fortalecimento da organização comunitária e a valorização do saber local são essenciais para consolidar os avanços obtidos.

Por tanto, o acordo coletivo é um exemplo prático de como os princípios do Recaatingamento são incorporados na gestão comunitária. Ele traduz em ações concretas os pilares ambiental, social e econômico da metodologia:

- **Ambiental:** Conservação da Caatinga, manejo sustentável e combate à degradação.
- **Social:** Fortalecimento do coletivo, união comunitária e defesa do território.
- **Econômico:** Promoção de atividades produtivas sustentáveis e diversificadas.

Além disso, a construção do Acordo Coletivo em cursos e oficinas do IRPAA evidencia a importância da **educação popular** e do diálogo no fortalecimento da autonomia comunitária.

Desse modo, o acordo coletivo da Associação de Moradores de Malhada da Areia é um documento robusto que reflete a integração entre gestão comunitária, preservação ambiental e do Bem Viver. Ele demonstra como as ações de Recaatingamento são sustentadas por um compromisso coletivo que valoriza a Caatinga como um recurso essencial para o bem-estar das famílias e a conservação do bioma. A regulamentação detalhada e a ênfase no manejo consciente do bioma posicionam a comunidade como um modelo de convivência harmoniosa com o Semiárido, evidenciando o potencial das comunidades tradicionais em liderar práticas que promovem o Bem Viver entre as famílias e Caatinga.

5. PRODUTO FINAL ORIGINÁRIO DA PESQUISA

Esta pesquisa tem como produto um curta-metragem documental que busca ampliar e dar voz ao trabalho do Recaatingamento na comunidade estudada, destacando sua trajetória, desafios e conquistas. Por meio de imagens e relatos, o público poderá compreender de maneira tangível as transformações ocorridas na vida dessas famílias, sensibilizando-o para a importância da preservação e conservação do bioma Caatinga. A escolha pelo formato documental reflete o compromisso de amplificar as vozes da comunidade, mostrando que o Recaatingamento não é apenas uma metodologia técnica, mas um processo transformador que integra dimensões ambientais, sociais e produtivas. O objetivo central deste documentário é evidenciar os impactos positivos dessa prática, inspirando outras comunidades a adotarem estratégias de convivência que busquem estratégias e valorizem a Caatinga em pé.

No livro *Tradição e Reflexões* contributos para a teoria e estética do documentário, Penafria (2011), faz uma abordagem sobre o papel do documentário como arquivo visual e ferramenta para a construção da memória social. Documentários frequentemente registram eventos, práticas culturais e histórias pessoais que, de outra forma, poderiam ser esquecidos. Dessa forma, eles atuam não apenas como narrativas de entretenimento, mas como documentos históricos que preservam e moldam a memória coletiva.

Os vídeos representam uma poderosa ferramenta para compartilhar e disseminar experiências, que se revelam e se entrelaçam nas narrativas, transmitindo informações de maneira clara, eficiente e dinâmica, alcançando um público mais amplo, Soares (2016).

Nesse sentido o vídeo pode servir como um guia para outras comunidades que enfrentam problemas ambientais semelhantes. Ele pode demonstrar, na prática, que o Recaatingamento contribui para a recuperação de áreas degradadas e para a conservação dos bens naturais e o fortalecimento da resiliência das famílias diante das adversidades climáticas.

Ao registrar e compartilhar a experiência do Recaatingamento, este produto ajudará a consolidar essa metodologia como uma abordagem eficaz e replicável para a convivência com o Semiárido. Evidenciando como as práticas de restauração ecológica podem ser integradas ao cotidiano das comunidades, promovendo um desenvolvimento rural mais justo e equilibrado.

A produção do *minidocumentário* tem como público alvo primeiramente as famílias da comunidade, que ao assistirem ao resultado final, estas poderão ver reconhecido o valor de seu trabalho e dedicação, o que pode motivar a continuidade e ampliação das práticas de Recaatingamento.

O curta metragem, "Recaatingamento na Malhada da Areia: Vida, Resistência e Convivência com o Semiárido", surge como uma proposta inovadora para documentar e divulgar as vivências, os desafios e as conquistas da comunidade Malhada da Areia no processo de Recaatingamento. Este material audiovisual foi concebido como um instrumento de sensibilização, educação e reflexão, tanto para a comunidade acadêmica quanto para organizações sociais e demais interessados na convivência com o Semiárido.

A construção do documentário foi dividida em três fases principais: pré-produção, produção e pós-produção, garantindo uma narrativa coesa e fundamentada nos objetivos da pesquisa.

Na etapa inicial, de Pré-produção foi pensado uma proposta geral do que seria apresentado no documentário, seguido pela criação de um roteiro detalhado. O roteiro incluiu:

- Definição dos temas principais, como o histórico do Recaatingamento, práticas de manejo e desafios enfrentados.
- Seleção dos participantes, incluindo membros da comunidade e colaboradores do IRPAA.
- Planejamento das locações e imagens de apoio que contextualizassem o ambiente da Caatinga e as práticas desenvolvidas na Malhada da Areia.

Posteriormente foi realizado uma reunião com o produtor de áudio visual, Rovani Araújo, onde foi apresentada a proposta, o planejamento e discutir a viabilidade técnica e logística da produção. O roteiro foi revisado e ajustado com base em sugestões, reforçando a clareza e os objetivos do material.

Então o processo evoluiu para a captação de imagens. No dia 28 de dezembro foi realizado as filmagens, estas ocorreram em diversos pontos da comunidade malhada da areia, destacando a área de Recaatingamento, os quintais produtivos e as tecnologias sociais implementadas nas residências das famílias. Foram capturados depoimentos, abordando:

- A trajetória histórica do Recaatingamento na comunidade.
- Estratégias de manejo adotadas.

- Desafios encontrados.
- Perspectivas futuras sobre o Recaatingamento na comunidade.

A equipe de produção priorizou uma abordagem sensível e respeitosa, permitindo que os entrevistados expressassem suas experiências de maneira autêntica, foi notório a timidez dos participantes ao estarem diante das câmeras, mas aos poucos eles/elas foram se acostumando.

Em um segundo momento, dia 8 de janeiro de 2025, foi realizada uma visita a comunidade com objetivo de fazer a captura das imagens aéreas com *Drone*, na oportunidade foi filmado as áreas das residências das famílias como também as áreas de fundo de pasto e áreas isolado do Recaatingamento. Esse trabalho de imagens aéreas foi realizado pelo profissional Kleber Matos.

A fase de captação dos depoimentos fechou no dia 9 de janeiro de 2025 com os colaboradores do IRPAA.

A etapa de pós-produção envolveu a decupagem do material bruto, que totalizou 40 minutos de gravação, e a criação do roteiro de edição que está no Apêndice dessa dissertação. Este processo exigiu um poder de síntese para transformar o conteúdo em um documentário de aproximadamente 20 minutos, mantendo a coerência narrativa e destacando os pontos mais relevantes.

O documentário tem como principais objetivos:

1. Divulgar as práticas e os resultados do Recaatingamento como uma estratégia inovadora de convivência com o Semiárido.
2. Ampliar o conhecimento sobre a metodologia entre comunidades, acadêmicos e instituições que atuam no Semiárido.
3. Inspirar outras comunidades a adotarem práticas sustentáveis que valorizem a Caatinga como um recurso essencial à vida.

Quanto a validação do documentário, esta será realizada por meio de exibição em um encontro comunitário na Malhada da areia. Após a exibição, um questionário será aplicado para coletar feedbacks sobre a relevância, clareza e impacto do material. Este processo garantirá que o documentário atenda às expectativas e necessidades de seus públicos-alvo.

O minidocumentário, "Recaatingamento na Malhada da Areia: Vida, Resistência e Convivência com o Semiárido" se apresentam como uma ferramenta prática para fortalecer a valorização do bioma Caatinga e das comunidades que nele vivem. Mais do que um produto audiovisual, ele é um meio de promover diálogo, aprendizado e

transformação, conectando o passado, presente e futuro da convivência com o Semiárido.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência do Recaatingamento na comunidade tradicional de Fundo de Pasto Malhada da Areia revelou-se como um processo inovador e transformador, que vai além da recuperação ambiental, incorporando dimensões sociais, culturais e econômicas fundamentais para uma convivência harmônica com o Semiárido. Ao longo desta pesquisa, foi possível descrever a trajetória histórica dessa metodologia na comunidade, identificar seus fundamentos teórico-metodológicos, caracterizar as estratégias de manejos e/ou superadas e, finalmente, apontar seus limites e possibilidades, sempre a partir da realidade e das vivências das famílias envolvidas.

Os resultados apontam que a metodologia adotada pelo Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA) se baseia em princípios da educação popular, do manejo adaptativo e da agroecologia. A pesquisa evidenciou que a participação ativa da comunidade foi essencial para a eficácia das ações implementadas, garantindo que as práticas fossem apropriadas e replicadas localmente.

O envolvimento direto dos moradores em todas as fases do processo, do planejamento à execução e monitoramento, demonstra a relevância das metodologias participativas para o sucesso e continuidade da iniciativa. A construção coletiva de estratégias de manejo e conservação da Caatinga possibilitou uma nova relação entre as famílias e o território, pautada na corresponsabilidade e no uso consciente dos bens naturais.

Dentre os desafios enfrentados, destaca-se a resistência inicial de alguns membros da comunidade quanto à adoção das práticas de Recaatingamento, principalmente no que se refere ao isolamento da área degradada e à implantação de tecnologias sociais inovadoras, como o reaproveitamento de água e os biodigestores. No entanto, o engajamento crescente da comunidade e os resultados positivos observados ao longo do tempo se desenvolveram para a consolidação da metodologia e sua ampliação para outras áreas da comunidade e até mesmo para as áreas individuais.

Outro aspecto central evidenciado nesta pesquisa foi a importância das tecnologias sociais como elementos estruturantes para o fortalecimento dos agroecossistemas familiares. Infraestruturas como Barreiro Trincheira, reatores UASB, cisternas calçadão e os fogões ecológicos têm sido fundamentais para dá

suporte na segurança hídrica, permitindo a diversificação produtiva e contribuindo para a geração de renda local. A experiência demonstrou que a resiliência da comunidade diante das mudanças climáticas depende diretamente da adoção de práticas sustentáveis e da articulação entre conhecimento tradicional e inovação sociotécnica.

Por meio da pesquisa também é possível destacar, que o Recaatingamento não é apenas um instrumento de conservação ambiental, mas uma ferramenta de resistência territorial. Ao reforçar a importância do Fundo de Pasto e legitimar a luta das comunidades pela posse coletiva da terra, essa metodologia se alinha a uma perspectiva de defesa dos territórios tradicionais e dos modos de vida no Semiárido. A titulação da comunidade como Fundo de Pasto, alcançada após anos de mobilização, evidencia a inter-relação entre preservação ambiental e garantia de direitos territoriais.

Por tanto, as perspectivas futuras do Recaatingamento na Malhada da Areia apontam para sua continuidade e expansão. Os relatos indicam que não apenas será mantida na área isolada, mas também replicada pelos moradores em suas áreas individuais, consolidando-se como uma estratégia permanente de conservação e desenvolvimento local.

Além disso, há um movimento em curso para que a experiência da Malhada da Areia contribua para políticas públicas voltadas à recuperação da Caatinga e à valorização das comunidades tradicionais.

É importante destacar que, a partir desta pesquisa, torna-se evidente o papel essencial da Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) no fortalecimento e na consolidação do Recaatingamento como uma estratégia eficaz de convivência com o Semiárido. Sua relevância está na capacidade de articular conhecimentos técnicos com os saberes populares, promovendo processos formativos e participativos que garantem o acompanhamento contínuo das famílias. Por meio da ATER, as comunidades são apoiadas de forma integrada, o que favorece tanto a apropriação das tecnologias sociais quanto a construção coletiva de soluções que buscam o Bem Viver das famílias.

Por fim, o estudo apresenta o mini-documentário produzido como produto final desta pesquisa, que se propõe a dar visibilidade a essa experiência, ampliando o debate sobre a necessidade de estratégias harmoniosas que respeitem os saberes locais e garantam a permanência das populações em seus territórios.

Diante do exposto, esta pesquisa reafirma a relevância do Recaatingamento como uma prática inovadora e adaptada à realidade do Semiárido.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, A. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Editora Elefante, 2019.

ALCÂNTARA, Denilson Moreira de; GERMANI, Guiomar Inez. As comunidades de Fundo e Fecho de Pasto na Bahia: luta na terra e suas espacializações. **Revista de Geografia**. Recife: UFPE – DCG/NAPA, v. 27, n. 1, jan/abr. 2010

Disponível em:

https://geografar.ufba.br/sites/geografar.ufba.br/files/geografar_alcantaragermani_fun_dospasto_lutaeespacializacao.pdf. Acesso em: 14/dez/2023

ALENCAR, Luana Batista de; MARINHO, Cristiane Moraes. A construção do conhecimento no âmbito do Projeto Recupera Caatinga: um relato de experiência. **Revista de Educação Popular, Uberlândia**, v. 22, n. 3, p. 348–368, 2024. DOI: 10.14393/REP-2023-70129. Disponível em:

<https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/70129>. Acesso em: 12 mar. 2024

ALVES, Jose Jakson Amancio. Geoecologia da caatinga no semiárido do nordeste brasileiro. **Climatologia e Estudos da Paisagem**, Rio Claro - Vol. 2 n. 1 – Janeiro/Junho/2007, p. 59. Disponível em:

<https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/climatologia/article/view/266>. Acesso em: 08/mar/2024.

ANTUNES, Andreza; (et. al.) **Conheça e Conserve a Caatinga, A floresta que é a cara do Brasil**. Associação Caatinga, 2022. Digital (104 p.). ISBN nº 978-65-995589-1-7. Disponível em: <https://www.noclimadacaatinga.org.br/livro-conheca-e-conserve-a-caatinga/> Acesso em: 15/set/2024

ARAÚJO, Cristina de Souza. Filizola.; SOUSA, Antonio Nóbrega de. Estudo do processo de desertificação na caatinga: uma proposta de educação ambiental. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 17, n. 4, p. 975-986, 2011. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ciedu/a/CnLrG53pwhF6mX3YmQbCw7v/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 03/mar/2024

AUSUBEL, David Paul. **Aquisição e Retenção de Conhecimentos: Uma Perspectiva Cognitiva**. Tradução de Lígia Teopisto. Lisboa: Paralelo Editora, 1 LDA, 2003.

BAHIA, **CONSTITUIÇÃO DO ESTADO DA BAHIA DE 1989. Art. 178**. Disponível em:

<https://www.sinpojud.org.br/UserFiles/File/Legislacao/Constituicao%20Estadual.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BAPTAGLIN, Leila Adriana; SANTI, Vilso Junior Chierentin; PORTO JÚNIOR, Francisco Gilson Rebouças; BAPTISTA, Renato Dias (Orgs.) **Povos Originários e**

Comunidades Tradicionais: trabalhos de pesquisa e de extensão universitária
– Volume 8 [recurso eletrônico] Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde – CNS. **Resolução Nº 510, de 07 de abril de 2016**. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 29/jan/2024.

BRASIL. **Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007**. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/Decreto/D6040.htm. Acesso em: 12/mar/2024.

BRASIL. **Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999**. Dispõe sobre a educação ambiental, institui uma Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9795.htm. Acesso em: 27 jan. 2025.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Regional. Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste. **Resolução CONDEL/SUDENE Nº 176**, de 3 de janeiro de 2024. Aprova Relatório Conclusivo elaborado pela Equipe Técnica do Comitê Provisório do Conselho Deliberativo da SUDENE (CONDEL/SUDENE), instituído pela Resolução CONDEL/SUDENE nº 155, de 29 de abril de 2022, sobre as irrisignações apresentadas por Entes federativos subnacionais contra a exclusão de municípios do Semiárido brasileiro e dá outras providências. Disponível em: <https://www.gov.br/sudene/pt-br/acesso-a-informacao/legislacao/hierarquia/resolucoes-conselho-deliberativo/resolucao-condel-sudene-no-176-de-3-de-janeiro-de-2024>. Acesso em: 24/jul /2024.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Secretaria de Recursos Hídricos. **Programa de Ação Nacional de Combate à Desertificação e Mitigação dos Efeitos da Seca** – PAN-Brasil. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2005. Disponível em: <http://www.bibliotecaflorestal.ufv.br/handle/123456789/12161?show=full>. Acesso em: 08/mar/2024.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Pesquisa participante: propostas e reflexões metodológicas. *In*: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). Repensando a pesquisa participante. São Paulo: Brasiliense, 1984. Cap. 3, p. 51-81.

CARDOSO, Márcia Regina Gonçalves; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; GHELLI, Kelma Gomes Mendonça. Análise de conteúdo: uma metodologia de pesquisa qualitativa. **Cadernos da FUCAMP**, v.20, n.43, p.98-111/2021 Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2347/1443> Acesso em 19/mar/2024.

CARVALHO, Franklin Plessmann de. **“Fundos de Pasto: organização política e território**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciencias Humanas, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/10865/1/Franklin%20Carvalhoseg.pdf>. Acesso em: 27/nov/2023.

CECCON, Eliane.; LADWIG, Nilzo. Ivo.; SUTIL, Thaise. (Orgs.). **Planejamento e gestão territorial**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. 683 p. ISBN: 978-65-265-0726-1 (Digital). DOI: 10.51795/9786526507261.

COTRIM, Dione Vinhas Nascimento. **O pastoreio Comunitário em Uauá: uma expressão da subordinação do trabalho ao capital**. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado). Salvador: UFBA, 1991, p. 32 8 Idem, p. 33.

CRESWELL, John Ward. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. Porto Alegre: Penso, 2014.
CRESWELL, John Ward. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**; tradução Luciana de Oliveira da Rocha - 2ed - Porto Alegre: Artmed, 2007.

DAGNINO, Renato. (org.). **Tecnologia social: ferramenta para construir outra sociedade**. 2. ed. rev. e ampl. Campinas, SP: Komedi, 2010.

EHLE, Paulo. Canudos, **Fundo de Pasto no Semi-árido**. Instituto Popular Memorial de Canudos. Paulo Afonso. Fonte Viva. 1997.

FERRADO JR., Luiz Antonio. **Entre a invenção da tradição e a imaginação da sociedade sustentável: estudo de caso dos fundos de pasto na Bahia**. Brasília: Universidade de Brasília, 2008. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) — Universidade de Brasília.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. Em: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Eds.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

GERMANI, Guiomar Inez; OLIVEIRA, Gilca Garcia de. (Coordenação). **Mapeamento das Comunidades de Fundo e Fechos de Pasto no Estado da Bahia: relatório técnico**. Salvador: UFBA/GeografAR/Sepromi, 2020, 750 p.
https://geografar.ufba.br/sites/geografar.ufba.br/files/geografar_2020_ffp_0_0.pdf
Acesso: 09/mar/2024

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GIL, A. C., **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Record. 2004).

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/juazeiro/panorama>. Acesso em: 11/dez/2023

INSA. Instituto Nacional do Semiárido. **Mapa do Recorte do Semiárido Brasileiro e do Bioma da Caatinga**. Disponível em: <https://www.gov.br/mcti/pt-br/rede->

mcti/insa/mapas-e-documentos-oficiais/mapas/recorte_sab_caatinga.pdf/view.
Acesso em: 09/dez/2024

INSTITUTO BRASILEIRO DE FLORESTAS. Bioma Caatinga. Disponível em: https://www.ibflorestas.org.br/bioma-caatinga?utm_source=google-ads&utm_medium=cpc&utm_campaign=biomas&keyword=biomas%20caatinga&creative=367878241897&gad_source=1&gclid=Cj0KCQiAy8K8BhCZARIsAKJ8sfTTIAsTx7snh23_VZKIDAre4xlzHpzXIEjXaS1qo_vzgNRfLhovygAiqOEALw_wcB. Acesso em 20/set/2024.

ICMBio. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. Livro Vermelho da fauna brasileira ameaçada de extinção. Brasília, DF: ICMBio/MMA, 2018

INEMA. Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos. **Ministra do Meio Ambiente e ONU conhecem soluções de convivência com a Caatinga.** Disponível em: <http://www.inema.ba.gov.br/2024/06/ministra-do-meio-ambiente-e-onu-conhecem-solucoes-de-convivencia-com-a-caatinga-durante-visita-a-bahia/#!prettyPhoto>. Acesso em: 11/nov/2024.

IRPAA. **Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada.** Disponível em: <https://irpaa.org/modulo/portugues>. Acesso em: 14/mar/2024

IRPAA. **Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada.** Disponível em: <https://www.recaatingamento.org.br/quem-somos/> Acesso em: 17/mar/2024

IRPAA. **Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada.** Disponível em: <https://www.recaatingamento.org.br/quem-somos/comunidades-recaatingueiras/> Acesso em: 17/mar/2024

IRPAA. **Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada.** Estatuto Social do Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada. 2015. Disponível em: <https://u.pcloud.link/publink/show?code=XZE3zT7Zj3nGEuC2TVzBBJrie2jdwbNzOs70>. Acesso em: 27/jul/2024

IRPAA. **Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada.** Ficha da comunidade. Juazeiro/BA, 2022.

KLEBA, John B; (et al.) - **Engenharias e outras práticas técnicas engajadas: diálogos interdisciplinares e decoloniais.** Campina Grande: EDUEPB, 2022. ISBN: 978-85-7879-692-1 (E-book).

LE BOTERF, Guy. Pesquisa participante: propostas e reflexões metodológicas. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Repensando a pesquisa participante.** 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

MALVEZZI, Roberto. **Semi-árido - Uma visão holística.** – Brasília: Confea, 2007. 140p. – (Pensar Brasil). Disponível em: <https://bibliotecasemiarios.ufv.br/bitstream/123456789/380/1/Texto%20completo.pdf> . Acesso em: 30/out/2023.

MARINHO, Cristiane Moraes. **Agroecologia, convivência com o semiárido e extensão rural: um olhar sobre a experiência do IRPAA no território Sertão do São Francisco/BA**. 2021. 356 f. Tese (Doutorado em Extensão Rural) - Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2021.

MARINHO, Cristiane Moraes; WIZNIEWSKY, José Geraldo; PICOLOTTO, Everton Lazzaletti. A “pedagogia da indaga” e a construção de conhecimentos na extensão rural: fundamentos teórico-metodológicos na atuação do Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA). **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, v. 21, n. 2, p. 97–119, 2022. DOI: 10.14393/REP-2022-63880. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/63880>. Acesso em: 16 mar. 2024.

MORAES, Bruna Silva Ribeiro de (Org.). **Recaatingamento: resiliência produtiva e adaptação às mudanças climáticas**. 8. ed. Salvador, BA: Imburanatec Design, 2024. (Caderno Pró-Semiárido, n. 8).

OLIVEIRA, Valéria dos Santos de; GAMA, Giliarde Benavinto Albuquerque Cavalcante Ribeiro Nascimento e; MIRANDA, Evely Bocardi de. A importância da educação intercultural para os povos indígenas. In: BAPTAGLIN, Leila Adriana; SANTI, Vilso Junior Chierentin; PORTO JÚNIOR, Francisco Gilson Rebouças; BAPTISTA, Renato Dias. (Orgs.). **Povos Originários e Comunidades Tradicionais: trabalhos de pesquisa e de extensão universitária – Volume 8** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Editora Fi, 2021. Disponível em: <https://www.editorafi.org/360povos>. Acesso em: 17/fev/2024.

PALUDO, Conceição. Educação Popular como resistência e emancipação humana. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 35, n. 96, p. 219-238, maio-ago., 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/CK6NyrM6BhKXbMmhjrmB3jP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15/mar/2024

PENAFRIA, Manuela (Ed.). **Tradição e reflexões: Contributos para a teoria e estética do documentário**. Covilhã: LabCom Books, 2011.

PUTNAM, Robert D. **Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna**. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. Tradução de Luiz Alberto Monjardim.

RICHARDSON, Roberto Jarry; (et. al.) - **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas** – 3ª edição, Revista e ampliada; São Paulo, Atlas, 2012.

RAVEN, Peter Hamilton; (et al.) - **Biologia Vegetal**. 6ª edição, Guanabara Koogan, 2001.

SANTOS, José Moacir, et al. *Recaatingamento: resiliência produtiva e adaptação às mudanças climáticas*. In: **MORAES, Bruna Silva Ribeiro de** (org.). 8. ed. Salvador, BA: Imburanatec Design, 2024. (Caderno Pró-Semiárido, v. 8).

SANTOS, José Moacir dos; BREUSS, Markus. In: SIMPÓSIO DO BIOMA CAATINGA, 2., 2019, Petrolina, PE. **Anais do II Simpósio do Bioma Caatinga**. Editores: Diogo Denardi Porto, Lúcia Helena Piedade Kiill. Petrolina: Embrapa Semiárido, 2018. p. 135-141.

SANTOS, Júlio César Novais. **Juventudes rurais, metodologias e suas relações para constituição de capital social e a reprodução da agricultura familiar: um olhar a partir da atuação do IRPAA no Território Sertão Do São Francisco/BA**. 2024. 155 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Espaço Plural, 2024.

SANTOS, Roseane Rocha Olieveira.; SANTOS, Maria Herbênia Lima Cruz.; SANTOS, Carlos Alberto Batista dos. O RECAATINGAMENTO EM COMUNIDADES TRADICIONAIS DE FUNDO DE PASTO: UMA ANÁLISE DOCUMENTAL. **Revista Ouricuri, Juazeiro, BA, v. 14, n. Edição Especial - 02**, p. 03-33, jul./dez. 2024. Disponível em: <http://www.revistas.uneb.br/index.php/ouricuri>. Acesso em: 15/jan/2025.

SANTOS, Luís Almeida. **O valor da Caatinga em Pé: Uma análise a partir do Recaatingamento na Comunidade Tradicional de Fundo de Pasto de Fartura em Sento Sé-Ba**. 2024. 106 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) - Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Espaço Plural, 2024.

SANTOS, Júlio Cesar Novaes.; SANTOS, Luís. Almeida.; MARINHO, Cristiane.; CAVALCANTE, Roanna Clicia Moreira Bêda.; SOUZA, Judenilton Oliveira Dos Santos.; SILVA, Esmeraldo Dias da.; SANTOS, Emanoella Ellen de Sá & SILVA JÚNIOR, José Raimundo da. **Metodologias para a Extensão Rural: contribuições das Metodologias Participativas para o Desenvolvimento Rural Sustentável**. Editora Científica, 2022.

SEI. Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. **Perfil Dos Territórios De Identidade**. Salvador, 2018. Disponível em: https://www.sei.ba.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2000&Itemid=284. Acesso em: 15/dez/2023

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação**. São Paulo: Paulinas, 2016.

SOUSA, Angélica Silva de.; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário A pesquisa bibliográfica: princípios e Fundamentos. **Cadernos da FUCAMP**, v.20, n.43, p.64-83/2021
Disponível: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2336>

SUDENE. Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste. **Nova Delimitação do Semiárido - Relatório final**. Recife, 2021.

TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo, Atlas, 1987.

WASHINGTON, Franca Rocha.*et al.* Levantamento da cobertura vegetal e do uso do solo do Bioma Caatinga - **Anais** XIII Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto, Florianópolis, Brasil, 21-26 abril 2007, INPE, p. 2629-2636.

Disponível em:

<http://martes.dpi.inpe.br/col/dpi.inpe.br/sbsr@80/2006/11.16.02.49/doc/2629-2636.pdf>.

Acesso em 08/mar/2024.

YIN, Robert. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM AS FAMÍLIAS QUE FAZEM PARTE DO RECAATINGAMENTO

Identificação do entrevistado

Nome:

Idade:

Sexo:

Raça/Cor:

Escolaridade:

É liderança comunitária:

GRUPO FAMILIAR

1. Há quanto tempo você vive na comunidade?
2. A agricultura sempre esteve presente na sua família? Explique.
3. Você tem filhos? Moram na comunidade? O que eles fazem?
4. Você consegue identificar alguma mudança desse lugar hoje comparando com o passado? Quais mudanças você identifica?

SOBRE O AGROECOSSISTEMA FAMILIAR

1. Qual o tamanho da sua propriedade e como ela está dividida?
2. O que a família produz atualmente?
3. A produção é para o consumo familiar ou tem outro destino?
4. Você realiza alguma prática agroecologia? Qual?
5. Como é feito o controle de pragas e doenças?
6. É usado algum tipo de agrotóxico? Insumo químico?
7. Antes da intervenção do Recaatingamento, como era feito o manejo do seu agroecossistema?
8. Quais são as principais estratégias de manejo adotadas nos agroecossistemas do Recaatingamento?
9. Com base nas práticas do Recaatingamento, quais mudanças você identifica no seu agroecossistema?
10. Quais são os desafios enfrentados no manejo dos agroecossistemas durante o processo de Recaatingamento?
11. Com relação a vegetação nativa, como ela era antes e como está hoje?

QUANTO A ATER E SUAS METODOLOGIAS

1. Quais são as organizações de assessoria técnica que atuam na sua comunidade?
2. Quais ações são desenvolvidas na comunidade?
3. Dessas ações desenvolvidas, você participou de quais?
4. Qual dessas ações você mais se identificou? Porque?
5. Qual ação você considera que não ajudou muito? Porque?
6. Quais são os princípios teóricos que embasam o conceito de Recaatingamento?
7. Quais metodologias são utilizadas para implementar o Recaatingamento na comunidade?
8. Como esses fundamentos metodológicos são adaptados à realidade específica da comunidade?
9. Quais são os principais desafios enfrentados ao aplicar o Recaatingamento na prática?
10. Quais são os resultados obtidos até o momento com a implementação do Recaatingamento na comunidade?
11. Quais são as possíveis limitações do Recaatingamento como prática de restauração ambiental?
12. Como o Recaatingamento se relaciona com outras iniciativas de desenvolvimento sustentável na região?
13. Como as experiências de outras comunidades podem ser utilizadas para aprimorar a aplicação do Recaatingamento?

PERCEPÇÕES SOBRE O RECAATINGAMENTO

1. O que é Recaatingamento?
2. Como surgiu a iniciativa do Recaatingamento para a comunidade?
3. Como surgiu a ideia do Recaatingamento para você e sua família?
4. Quais foram as principais mudanças observadas desde o início do Recaatingamento?
5. Como as práticas do Recaatingamento têm impactado a vida das famílias na comunidade?
6. Quais estratégias de manejo (ou práticas) que achou mais interessante, explique?

7. Quais estratégias de manejo (ou práticas) que achou menos interessante, explique?
8. O que acha que pode ser melhorado na prática do Recaatingamento?
9. Quais as parcerias que foram construídas e como cada parceiro atua na comunidade?
10. Quais são os principais desafios enfrentados durante a implementação do Recaatingamento?
11. Como as técnicas do Recaatingamento têm influenciado a preservação do meio ambiente na comunidade?
12. Quais são as percepções das famílias da comunidade sobre os resultados alcançados pelo Recaatingamento?
13. Quais são os planos futuros para continuar promovendo o Recaatingamento na comunidade?
14. Como a participação das famílias tem sido fundamental para o sucesso do Recaatingamento na comunidade?

CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO E EMPODERAMENTO

1. Você acredita que a implementação do Recaatingamento influenciou, de alguma forma, na construção do conhecimento dos agricultores da comunidade? como?
2. Como você avalia os conhecimentos tradicionais na prática do Recaatingamento?
3. As famílias da comunidade têm mais autonomia e empoderamento depois da implantação do Recaatingamento? explique:
4. Qual a atividade você acha que mais contribuiu no aprendizado e na prática do dia a dia das famílias da comunidade? Porque?
5. Quais são os principais desafios enfrentados pelos agricultores familiares na busca por práticas mais sustentáveis?
6. De que forma a troca de experiências entre agricultores familiares pode contribuir para a construção e aprimoramento do conhecimento das famílias da comunidade?
7. Você gostaria de falar o que mais te marcou durante o Recaatingamento?

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM COLABORADORES DO IRPAA

Nome:

Idade:

Sexo:

Formação:

Cargo que ocupa na organização:

Tempo de atuação junto ao IRPAA:

SOBRE O RECAATINGAMENTO

1. O que é Recaatingamento?
2. Como surgiu a iniciativa do Recaatingamento para a organização?
3. Quais foram os principais desafios da implantação do Recaatingamento na comunidade?
4. Quais as potencialidades da comunidade que contribuíram para o Recaatingamento?
5. Como colaborador da organização, quais foram as principais mudanças com relação ao aspecto ambiental da comunidade que você consegue observar desde o início do Recaatingamento?
6. E com relação ao empoderamento e construção do conhecimento das famílias, o que você acha que mudou?
7. Como você analisa as práticas do Recaatingamento e como elas impactam na vida das famílias na comunidade?
8. Como as estratégias de manejo (ou práticas) foram pensadas para a comunidade?
9. O que acha que pode ser melhorado na prática do Recaatingamento?
10. Como as técnicas do Recaatingamento têm influenciado a preservação do meio ambiente na comunidade?
11. Como colaborador do IRPAA, quais são suas percepções sobre os resultados alcançados pelo Recaatingamento?
12. Quais são os resultados mais significativos alcançados pelo IRPAA no Recaatingamento até o momento?
13. Como você avalia o impacto do Recaatingamento nas comunidades e no meio ambiente?

14. Quais são os planos futuros para continuar promovendo o Recaatingamento na comunidade?

REDES E PARCERIAS

1. Quais redes locais estão envolvidas no desenvolvimento e apoio ao Recaatingamento na comunidade?
2. Como cada parceiro atua na comunidade?
3. Quais são as parcerias mais importantes para o sucesso do Recaatingamento?
4. Como essas redes são mobilizadas para colaborar com as atividades relacionadas ao Recaatingamento?
5. Quais são os principais benefícios e desafios associados à colaboração com as redes locais no contexto do Recaatingamento?
6. Como as experiências de outras comunidades podem contribuir para a identificação e implementação de estratégias de manejo mais eficazes no Recaatingamento?

INTERVENÇÕES E METODOLOGIAS ABORDADAS

1. Relate um pouco de como são executadas as intervenções junto à comunidade.
2. Com relação a metodologia, quais tipos de metodologias são utilizadas? Por quê?
3. Em que se fundamentam as metodologias e intervenções adotadas pela organização?
4. Referente as intervenções, como a comunidade se comportou diante disso?
5. Você acredita que ao encerrar o acompanhamento da organização na comunidade, as famílias estão aptas a dar continuidade as ações implantadas pelo Recaatingamento? Explique.
6. Pergunta Final: Tem mais alguma informação ou aspecto que você gostaria de acrescentar sobre o Recaatingamento e o trabalho do IRPAA nesse contexto?

APÊNDICE C - ROTEIRO PARA EDIÇÃO

- Abertura com as marcas do PPGEExR, UNIVASF, Fapesb e IRPAA
- Apresentação do objetivo do documentário.
- Título – "Recaatingamento na Malhada da Areia: Vida, Resistência e Convivência com o Semiárido.

Introdução

Off1 - "No coração do Semiárido baiano, onde a Caatinga se estende como um mosaico de vida e resistência, encontra-se a comunidade Tradicional de Fundo de Pasto Malhada da Areia. Localizada a 60km da sede do município de Juazeiro/BA. Essa terra, marcada por tradições, desafios e transformações, é um exemplo vivo de como o manejo sustentável pode resgatar a harmonia entre o homem e a natureza. Aqui, o Recaatingamento não é apenas uma prática, mas um caminho para reconstruir ecossistemas e fortalecer laços comunitários."

Imagens de cobertura: mostrar imagens aéreas da comunidade e close-ups na área do Recaatingamento.

Cena 1, Contexto histórico - Depoimento de Gilson, abordando informações sobre a comunidade e a chegada do Recaatingamento.

Off2 - "O ano era 2019, quando o Recaatingamento chegou de mansinho na comunidade e iniciou uma jornada de transformação ambiental e social. Com orientação de líderes locais e o apoio do Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada – IRPAA. Mais do que uma técnica de manejo, essa prática trouxe à tona um movimento coletivo para restaurar áreas degradadas, valorizar a vegetação nativa e conservar a identidade cultural do Fundo de Pasto."

Imagens de cobertura: mostrar registros nas áreas de Recaatingamento e na área de fundo de pasto.

Cena 2, Conceito de Recaatingamento - O que é o Recaatingamento? Depoimento de Rodrigo só da parte respondendo o que é recaatingamento seguido do depoimento de Moacir com fala técnica sobre o Recaatingamento.

Off3 - "O Recaatingamento vai além de uma técnica de recuperação de solos. Ele se transformou em uma metodologia que une a conservação da Caatinga com o fortalecimento das comunidades locais. Essa abordagem é construída no diálogo, no olhar atento ao estado da Caatinga: áreas degradadas precisam ser recuperadas, enquanto as conservadas devem ser mantidas. É um processo pedagógico, que não segue regras fixas, mas valoriza o saber local e a observação do território."

O Recaatingamento extrapola a recuperação ambiental. Ele integra o social e o econômico, entendendo que, para a Caatinga estar bem, as pessoas também precisam estar bem. Garantir dignidade para as famílias significa prover moradia adequada, saneamento, acesso à água potável e condições para geração de renda. Esses pilares – ambiental, social e econômico – são a essência do Recaatingamento, uma prática que transforma o Semiárido e fortalece quem vive nele."

Cena 3: Processo de intervenção e metodologias
 Depoimento de Thiago
 Depoimento de Moacir
 Imagens de cobertura: Coerente com o depoimento

Off4 – "As ações promovidas pelo Recaatingamento na comunidade incluem a implantação de tecnologias sociais que têm transformado o cotidiano das famílias. Essas tecnologias foram aplicadas tanto na área isolada destinada ao Recaatingamento quanto nas residências, oferecendo suporte direto aos quintais produtivos. Além de melhorar significativamente as condições de vida, essas iniciativas fortalecem as estratégias de convivência com o Semiárido, promovendo um equilíbrio local entre as famílias e os bens naturais."

Cena 4, Depoimento de seu Heleno, abordando sobre o barreiro trincheira e o SAF.
 Depoimento de Rodrigo falando do Reator UASB
 Depoimento de Lucivania, fogão ecológico e depoimento na cisterna calçadão.
 Imagens de cobertura: mostrar as tecnologias sociais

Off5 – "A caminhada para restaurar a vegetação nativa e viver em harmonia com o bioma caatinga é desafiadora, mas a comunidade demonstra preparo e determinação para superar os obstáculos ao longo dessa jornada. Unidos por um propósito comum, as famílias seguem firmes nessa jornada, valorizando o trabalho coletivo e a convivência com o semiárido."

Cena 5, Resultados do recaatingamento. Depoimentos de:
 Iracema Take 1, abordando a união da comunidade.
 Imagens de cobertura: mostrar mutirão na área do recaatingamento, atividades coletivas.

Off6 – "As visitas de intercâmbios que a comunidade recebe são um destaque na troca de experiências e dão visibilidade a metodologia do Recaatingamento, evidenciando a importância da restauração vegetal do bioma Caatinga de modo que as famílias das comunidades tradicionais permaneçam em seus territórios e possam viver em harmonia com a Caatinga."

Cena 6, Depoimento de Thiago, abordando a importância dos intercâmbios.

Off7 - "O Semiárido brasileiro é um território de riqueza ambiental e cultural, onde as comunidades tradicionais desenvolvem estratégias para viver em harmonia com a Caatinga. Na Malhada da Areia, o desafio de conservar o bioma convive com questões que afetam o uso da terra, como a grilagem e a pressão sobre os territórios de Fundo de Pasto. Mesmo assim, a comunidade se fortalece por meio da mobilização e organização social e de práticas coletivas sustentáveis, mostrando que é possível preservar o meio ambiente e garantir o direito à terra."

Cena 7, Depoimento de Iracema, abordagem sobre o desafio da grilagem e a conquista do título de Comunidade Tradicional de Fundo de Pasto.
 Depoimento de Thiago reforçando a fala de Iracema.

Off8 – "Apesar dos desafios enfrentados, a comunidade demonstra estar fortalecida e

unida, evidenciando a importância da implantação das metodologias de Recaatingamento.”

Cena 8, Perspectivas de futuro, depoimento de Moacir

Off9 – “Olhando para o futuro, a comunidade de Malhada da Areia vislumbra novas possibilidades para o Recaatingamento. A continuidade das ações coletivas, aliada ao fortalecimento das políticas públicas, promete expandir as práticas sustentáveis e inspirar outras comunidades do Semiárido. Aqui, a esperança é cultivada junto com a Caatinga, revelando um caminho de transformação e cuidado que conecta o presente ao futuro.”

Cena 9, Depoimento de Rodrigo, deixando uma mensagem.

Off 10 – “O Recaatingamento é mais do que um processo ambiental. É uma jornada de pertencimento, identidade e cuidado com a terra. Aqui, a Caatinga se renova, assim como a esperança de quem vive e luta por ela.”

Cena 10, depoimento final de Gilson.

Texto final: Essa produção audiovisual é um Produto Final do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural - PPGExR. Elaborado no período de 28 de dezembro de 2024 a fevereiro de 2025

Agradecimentos:

Agradecemos, em primeiro lugar, às famílias da Comunidade Tradicional de Fundo de Pasto Malhada da Areia, que abriram suas casas, compartilharam suas vivências, histórias e lutas. Suas palavras, gestos e conhecimentos são a essência deste documentário e refletem a força da resistência e da convivência com a Caatinga.

Ao Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada – IRPAA, pelo suporte técnico e pela parceria de longa data na promoção do Recaatingamento, uma metodologia que fortalece a identidade, a sustentabilidade e a autonomia das comunidades rurais do Semiárido. A todos os técnicos, educadores e lideranças do IRPAA, nosso profundo agradecimento por acreditarem na potência transformadora dessa prática.

Aos entrevistados e entrevistadas, que com suas vozes e experiências deram vida a esta narrativa, mostrando que o Recaatingamento vai muito além da recuperação ambiental, sendo também um processo pedagógico, social e político.

Ao editor, fotógrafo e equipe técnica, pelo empenho e sensibilidade em registrar cada cena, cada detalhe, traduzindo em imagens toda a riqueza e complexidade desse território e dessa luta.

Agradecemos, de forma especial as lideranças da comunidade Malhada da Areia, que, de diferentes formas, contribuíram para que este documentário se tornasse realidade. Seja na logística, no apoio às gravações ou na mobilização das famílias, cada colaboração foi essencial para a concretização deste trabalho.

Por fim, um agradecimento especial a todos e todas que acreditam na importância da Caatinga em pé, na valorização dos saberes tradicionais e na força do coletivo para transformar realidades. Que este documentário seja mais do que um registro; que ele

sirva como inspiração e fortalecimento para tantas outras comunidades que, assim como Malhada da Areia, lutam pelo direito de permanecer e viver com dignidade em seus territórios.

Muito obrigada!

Que a Caatinga siga viva, forte e resistente, assim como seus povos!

Ficha Técnica

Autora: Luana Batista de Alencar

Orientadora: Cristiane Moraes Marinho

Colaboradores:

Gilson Jonas de Santana

Iracema Helena da Silva

José Heleno da Silva

José Moacir dos Santos

Lucivania Félix da Silva

Rodrigo Nonato da Silva

Thiago Oliveira de Almeida

Direção: Luana Batista

Texto off: Luana Batista

Narração: Isabela Batista

Imagens: Rovani de Araujo

Imagens Aéreas: Kleber Matos

Edição: Rovani de Araujo

Trilha sonora: Liricus instrumental

Duração: 19:15 min

Juazeiro/BA, fevereiro de 2025.